

# **III Seminário do CCO Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações**



## **Livro de Programação e Resumos**

**UFF - Universidade Federal Fluminense  
Niterói, 18 e 19 de outubro de 2021**

## Sumário

|   | <b>Página</b> |
|---|---------------|
| <i>Comissão organizadora</i>                                | 3             |
| <i>Apresentação</i>   | 4             |
| <i>Programação geral</i>                                    | 5             |
| <i>Lista de simpósios temáticos</i>                         | 6             |
| Resumos do Simpósio 1 - Conexão e Texto                     | 6             |
| Resumos do Simpósio 2 - Conexão e Variação                  | 9             |
| Resumos do Simpósio 3 - Conexão e GDF                       | 11            |
| Resumos do Simpósio 4 - Conexão e Uso                       | 15            |
| Resumos do Simpósio 5 - Conexão e Cognição                  | 25            |
| Resumos do Simpósio 6 - Conexão e RST                       | 33            |
| Resumos do Simpósio 7 - Conexão e Ensino                    | 36            |
| Resumos do Simpósio 8 - Conexão e Interface Corpo-Gramática | 40            |
| <i>Lista geral de sessões de comunicações coordenadas</i>   | 47            |
| Resumos da sessão 1 de comunicações coordenadas             | 52            |
| Resumos da sessão 2 de comunicações coordenadas             | 56            |
| Resumos da sessão 3 de comunicações coordenadas             | 60            |
| Resumos da sessão 4 de comunicações coordenadas             | 63            |
| Resumos da sessão 5 de comunicações coordenadas             | 67            |
| Resumos da sessão 6 de comunicações coordenadas             | 71            |
| Resumos da sessão 7 de comunicações coordenadas             | 74            |
| Resumos da sessão 8 de comunicações coordenadas             | 78            |
| Resumos da sessão 9 de comunicações coordenadas             | 81            |
| Resumos da sessão 10 de comunicações coordenadas            | 85            |
| Resumos da sessão 11 de comunicações coordenadas            | 89            |
| Resumos da sessão 12 de comunicações coordenadas            | 91            |



## COMISSÃO ORGANIZADORA

### *Docentes*

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário - UFF/CNPq/Faperj (líder)

Prof. Dr<sup>a</sup> Milena Torres de Aguiar – UERJ/FFP (vice-líder)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Beatriz Arena – UERJ/FFP

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Cláudia Machado Teixeira - UFF

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Antunes Rocha - UFF

Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes - UFF

Prof. Dr. Tharlles Lopes Gervásio - Colégio Pedro II

### *Discentes*

Brenda da Silva Souza

Camila Nicacio Lopes

Carla Barbosa de Farias Santos

Carolina Mérida dos Reis

Fabiana Felix Duarte Moreira

Felipe Maciel Machado

Gabriela Valverde Felicíssimo

Graziela Jacques Prestes

Idrissa Ribeiro Novo

Jovana Mauricio Acosta

José Walbérico da Silva Costa

Júlia dos Reis Rodrigues Benevides

Laíza Teixeira Delatorre

Letícia Martins Monteiro de Barros

Lucas Fagundes Viana

Marcello Martins Machado

Maria Luíza Guimarães da Costa Cruz

Milena Silva dos Santos

Myllena Paiva Pinto

Priscilla Vieira de Biasi Cordeiro

Rodrigo dos Santos Gomes

Samara Costa Moura

Tháís Alessandra Souza Cardoso

Tháís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes

Vânia Rosana Mattos Sambrana

Vitor Luiz Elias Pessôa

## Apresentação

É com grande satisfação e alegria que o Grupo de Pesquisa *Conectivos e Conexão de Orações (CCO)*, com sede na Universidade Federal Fluminense, promove o seu terceiro seminário.

Devido ao cenário desafiador da covid-19, esta edição se realiza de modo remoto. Apesar dos percalços deste momento histórico, entendemos que é muito importante que continuemos garantindo os devidos espaços para construção e socialização de pesquisas já concluídas e em andamento.

Fundado em 15 de setembro de 2015 e certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o CCO apresenta-se no cenário acadêmico brasileiro como um lócus privilegiado para a investigação de um ponto específico da morfossintaxe do português: o papel e o uso dos conectivos, bem como os diferentes processos de conexão de orações, tanto canônicos quanto não canônicos.

O CCO é marcado fortemente pela tradição funcionalista, filiando-se mais modernamente à perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Entretanto, em todas as edições de nosso seminário, optamos por uma proposta de interlocução com outras vertentes teórico-metodológicas.

Para nossa alegria, o III Seminário do CCO congrega renomados pesquisadores de diversas regiões do Brasil e também do exterior. Esse fato revela o forte interesse pelo tema dos conectivos e da conexão de orações, que finalmente encontrou seu espaço e pretende fixar-se cada vez mais no cenário acadêmico nacional.

Neste caderno, é possível encontrar a programação do evento, bem como os resumos de todos os trabalhos submetidos à análise da comissão organizadora. Que todos tenhamos um evento produtivo e profícuo!

*Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário (UFF/CNPq/Faperj)*  
*Líder do Grupo de Pesquisa CCO - Conectivos e Conexão de Orações*

## PROGRAMAÇÃO GERAL



[http://bit.ly/YT\\_CCO](http://bit.ly/YT_CCO)

### **Dia 18/10 (segunda-feira)**

9h - Abertura oficial do evento.

9h15 - Mesa redonda - "Conexão - olhares e perspectivas"

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sanderleia Roberta Longhin (UNESP - S. José do Rio Preto)

Prof. Dr. Márcio Martins Leitão (UFPB)

11h - Conferência de abertura - Prof. Dr. Christian Matthiessen (Universidade Politécnica de Hong Kong).

12h30 - Intervalo para almoço.

14h30 às 17h - Simpósios Temáticos

### **Dia 19/10 (terça-feira)**

9h - Abertura dos trabalhos.

9h15 - Palestra - "Pequeninas e poderosas: preposições na interface gramática/cognição" - Prof. Dr. Mário Alberto Perini (UFMG).

11h - Sessões de comunicações coordenadas

12h30 - Intervalo para almoço.

14h - Conferência de encerramento - "A diachronic constructionalist framework for analyzing the development of discourse structuring markers in English" - Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elizabeth Closs Traugott (Universidade de Stanford)

15h30 - Encerramento oficial do evento.

## SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

| Simpósio Temático                      | Coordenação   |
|--|---|
| 1. Conexão e Texto                     | Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Leonor Werneck dos Santos (UFRJ) e<br>Prof. Dr. Dennis Castanheira (UFRJ)   |
| 2. Conexão e Variação                  | Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Maria Alice Tavares (UFRN)  |
| 3. Conexão e GDF                       | Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Erotilde Goreti Pezatti (UNESP-SJRP)  |
| 4. Conexão e Uso                       | Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)   |
| 5. Conexão e Cognição                  | Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ) e<br>Prof. Dr. Roberto de Freitas Júnior (UFRJ)   |
| 6. Conexão e RST                       | Prof. Dr. Juliano Desiderato Antônio (UEM)  |
| 7. Conexão e Ensino                    | Prof <sup>ª</sup> . Dr <sup>ª</sup> . Lúcia Deborah Ramos de Araújo (Pedro II) e<br>Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Cláudia Moura da Rocha (UERJ) |
| 8. Conexão e Interface corpo-gramática | Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Raquel Meister Ko Freitag (UFS)   |

\*\*\*\*\*

### SIMPÓSIO 1 - Conexão e Texto

18/10 - 14h30 às 17h

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Leonor Werneck dos Santos (UFRJ) e  
Prof. Dr. Dennis Castanheira (UFRJ)

1. Conjunções coordenativas - marcadores argumentativos
2. "Com certeza": um modalizador, diferentes usos

\*\*\*\*\*

## CONJUNÇÕES COORDENATIVAS–MARCADORES ARGUMENTATIVOS

*Luciene Maildes da Silva*  
*lucienemaildes@gmail.com*  
*Universidade Federal do Agreste de Pernambuco*  
*Unidade Acadêmica de Garanhuns*

*Angela Valéria Alves de Lima*  
*angela.lima@ufape.edu.br*  
*Universidade Federal do Agreste de Pernambuco*  
*Unidade Acadêmica de Garanhuns*

Os estudos feitos nesta pesquisa tiveram como aporte teórico a Linguística Textual. Dessa forma, nos dedicamos ao funcionamento da coesão sequencial realizada por conexão proposto por Koch (2010; 2018) e Koch e Elias (2016). Com isso, procuramos destacar as relações de sentidos estabelecidas pelas conjunções coordenativas como operadores argumentativos nos gêneros textuais jornalísticos artigo de opinião e editorial. Vale salientar que a inconsistência de critérios utilizados para o tratamento do processo de coordenação na perspectiva da tradição gramatical motivou a realização dessa proposta didática, uma vez que a partir dos novos estudos, as orações coordenadas consideradas independentes sintaticamente, passam a ser levados também em consideração seus aspectos semânticos e pragmáticos. Para isso foi realizada uma sequência didática (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEWULY, 2004), contemplando os eixos leitura, produção textual e análise linguística orientados pelos documentos oficiais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ressaltando que a produção textual oral, com o debate não foi nosso objetivo principal, no entanto foi importante para que os alunos pudessem perceber a importância da leitura no aprofundamento dos temas a serem debatidos, o que resultou em argumentos mais consistentes nos momentos das discussões. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo ampliar a competência leitora dos estudantes a partir das estratégias de leitura realizadas antes, durante e depois do ato de ler, destacando o papel das conjunções coordenativas nos gêneros jornalísticos. É importante ressaltar que a LT aborda a coesão sequencial levando em consideração o texto como um todo e não frases isoladas, dito de outra forma, a interligação não ocorre apenas entre palavras ou orações, mas também se estende aos parágrafos e outras partes dos textos (Koch e Elias, 2016). Dessa forma, os operadores argumentativos têm o papel de fazer o encadeamento entre as diversas partes do texto, indicando a força argumentativa dos enunciados de forma coesa. Mediante tais considerações, adotamos a pesquisa-ação como metodologia, tendo como corpus de análise, a reunião de atividades de leitura e AL realizadas pelos alunos a partir de um projeto interventivo, que buscou promover a leitura de textos argumentativos e a reflexão dos conectores, resultando assim, na ampliação da competência leitora e do nível de letramento dos educandos, o que possibilitou um maior entendimento do mundo, além de torná-los autônomos e críticos.

**Palavra-chave:** orações coordenadas, Linguística Textual, operadores argumentativos, leitura.

## “COM CERTEZA”: UM MODALIZADOR, DIFERENTES USOS

*Deise Cristina de Moraes Pinto*  
*deisemoraes@letras.ufrj.br*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

*Ester Moraes Gonçalves*  
*estergoncalves@letras.ufrj.br*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Este trabalho tem como objetivo discutir usos de construções adverbiais com “com certeza”. No português contemporâneo, essa locução está geralmente atrelada a uma oração e exprime valor pragmático-discursivo epistêmico, isto é, grau de certeza por parte do falante. Entretanto, em Gonçalves (2021), ao analisar ocorrências de “com certeza” em textos dos séculos XIX e XX do *Corpus do Português*, percebemos nuances de sentido e características que apontam para subtipos desse modalizador. Procuramos, então, levantar essas características, de modo a observar se poderiam ser agrupadas e configurar uma subcategorização de usos dessa construção modalizadora. Para essa proposta de categorização, lançamos mão da Linguística Centrada no Uso, observando os diferentes sentidos apresentados pela construção e suas respectivas características formais, para que pudessemos estabelecer se configurariam usos/pareamentos forma-função/(micro)construções distintos. Como aporte teórico, também nos valem do conceito de operador argumentativo, da Linguística de Texto. De acordo com Koch; Elias (2016, p. 61), há certos elementos da língua “que têm por função indicar ou mostrar a força argumentativa dos enunciados, a direção ou o sentido para o qual apontam”. Esses elementos “permitem orientar nossos enunciados para determinadas conclusões” (IDEM, p.61). Foram analisadas as 100 primeiras ocorrências de cada século (XIX e XX) em textos ficcionais do *Corpus do Português*. O século XIX foi incluído, pois, segundo observamos, é nessa época que o uso modalizador de “com certeza” parece se consolidar. Nos séculos XV e XVI, “com certeza” adverbial apresenta, predominantemente, uso qualitativo. No século XVII, encontramos usos ambíguos entre o valor qualitativo e o modalizador. Por outro lado, observamos também que certos subtipos modalizadores (o de reafirmação e o de focalização) só aparecem no *corpus* a partir do século XIX. Tendo isso em vista e considerando as minúcias do comportamento de “com certeza”, observamos, no total de 200 ocorrências dos séculos XIX e XX, quatro subtipos desse modalizador epistêmico: de conclusão lógica situacional, de conclusão lógica evidencial, de reafirmação e de focalização. Essa tipologia levou em conta aspectos formais e funcionais que apontaram para as particularidades de cada subtipo. Os distintos padrões de “com certeza” parecem demonstrar a relevância e as especificidades dessa construção como importante operador, articulando e encadeando porções de texto e orientando argumentativamente os conteúdos nelas veiculados.

**Palavras-chave:** locução adverbial, com certeza, modalizador



\*\*\*\*\*

## SIMPÓSIO 2 - Conexão e Variação

18/10 - 14h30 às 17h

Profª Drª Maria Alice Tavares (UFRN)

1. Conjunções conclusivas com PORTANTO, POR ISSO, LOGO e ENTÃO: variantes para a expressão da conclusão?
2. Gramaticalização da construção conectora PORQUE DE

\*\*\*\*\*

### CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS COM PORTANTO, POR ISSO, LOGO E ENTÃO: VARIANTES PARA A EXPRESSÃO DE CONCLUSÃO?

*Mayra França Floret*

*mayrafloret@yahoo.com.br*

*Programa de pós-graduação em Linguística/UFRJ*

*Maria da Conceição de Paiva*

*paiva@club-internet.fr*

*Programa de pós-graduação em Linguística/UFRJ*

Neste trabalho, apresentamos uma análise diacrônica da relação conclusiva estabelecida pelo esquema [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2], em que o *slot* CONECTOR pode ser preenchido pelos conectores de base adverbial *logo* e *então* ou pelos conectores de base preposicional *portanto* e *por isso*, como mostram os exemplos de (1) a (4): (1) Assim a Madre Elena, sendo de Deostaõ mimosa, forçosamente hauia de ser do Demonio perseguida nas occazioens em que o seu zello em algumas contradichoensahia vencedor, **logo** este inimigo se lhe mostauavingatiuo, e dos golpes com que a maltrataua lhe ficavaõ os sinaes (Século XVIII – Vida e morte de Madre Helena da Cruz). (2) Se algunsomeesouere~ cartas que queyra~ renouarporq(ue) sonuellas ou por out(ra) cousa guysada q(ue) semelhe, tragaasant'oalcayde. E se o alcayde as achar dereytas e feytas p(er) mao do escriua~ publico e uirqualli faz mest(er) p(er) algu~adaquellasrazo~es sub(re)ditas, **ento**~façaasrenouar a esse ou a outro scriua~ publico se uir q(ua) lhy [faz] mest(er) (Século XIII – Afonso X, Foro Real). (3) As bagagens de a corte , expostas a o tempo e quase abandonadas ocupavam desde a rua de a Junqueira até a o Cais , e as carruagens não puderam entrar em o largo de Belém , porque o Estado de o Príncipe , o imenso povo que estava em o largo, as bagagens, e o regimento de Alcantara que fazia a guarda de honra, impediam o trânsito . Não pudemos ,**portanto**, ver os nossos parentes que partiam (Século XIX – Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna). (4) O projeto organizava o crescimento urbano, dividindo a ilha em ruas e avenidas numeradas, como

numa enorme grade. **Por isso** localizar-se em Manhattan é bastante simples (Século XXI – Matérias da Revista Azul Magazine). A análise é baseada em uma perspectiva construcionista que entende o conhecimento linguístico como uma rede de construções (GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Essa rede se organiza com base em alguns princípios, entre eles, o princípio da não sinonímia, segundo o qual, se duas construções são formalmente distintas, possuem também alguma diferença de significado/função. Nosso objetivo é discutir a aplicabilidade desse princípio às construções conclusiva sem foco. Para tanto, consideramos diversos aspectos formais e semânticos: domínio da causalidade, modalização na oração conclusiva, posição do conector, tipo de segmento conectado, sujeito da oração conclusiva e sequência discursiva. Os dados coletados em textos dos diferentes períodos do português (arcaico, clássico e moderno) foram submetidos a uma análise multivariacional que considerou diferentes oposições: entre *logo* e *então*, *portanto* e *por isso* e entre construções adverbiais e preposicionais. Segundo os resultados, em certos contextos, nenhum dos fatores favorece o uso de uma construção específica, indicando possibilidade de variação. Para algumas oposições, por outro lado, uma ou outra construção é motivada por pelo menos um fator. A análise aponta, portanto, evidências para a relativização do princípio da não sinonímia.

**Palavras-chave:** construções conclusivas, variação, princípio da não sinonímia

## GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO CONECTORA *PORQUE DE*

*Paulo Henrique da Silva Santos  
paulohenriquesilva@gmail.com  
Instituto Federal da Bahia – IFBA*

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa em nível de Mestrado que teve por objetivo descrever, sincrônica e sociofuncionalmente, o conector intraoracional *porque de*, considerando-o como uma construção – constituída pelas dimensões semântico-pragmática e sintática – que, ao emergir por gramaticalização, mobiliza uma junção causal entre sintagmas das sentenças. Apesar do uso da locução *porque de* parecer espalhado, havia uma completa ausência de estudos sobre esse conector, o que conduziu à hipótese de que se trata de uma construção bastante inovadora, resultante de um processo recente de gramaticalização. O quadro teórico que norteou a pesquisa é pautado pela Linguística Centrada no Uso (BYBEE, 2016), pelo Sociofuncionalismo (TAVARES; GÖRSKI, 2015) e pela Sociolinguística (LABOV, 2008[1972]). No paradigma funcional dos processos de Gramaticalização, os estudos de Hopper (1991), Traugott e Hopper (1993), entre outros, embasaram teoricamente a descrição do uso da construção em estudo. A metodologia utilizada foi a da pesquisa qualitativa e quantitativa. Assim, procedeu-se à abordagem qualitativa, em que se descreveu a funcionalidade dos empregos da locução *porque de* bem como os fatores linguísticos e sociais que a favorecem ou a inibem. Foi também utilizada a abordagem quantitativa, nos moldes de Labov (2008[1972]), com tratamento estatístico dos dados de uma amostra de fala do vernáculo valenciano coletada pelo pesquisador. Os dados foram codificados e rodados no programa computacional *GoldVarb X*. A partir da análise qualitativa, e considerando

os pressupostos e os mecanismos responsáveis por acionar a gramaticalização, constatou-se que, por analogia à locução prototípica *por causa de* e seus correlatos também prototípicos (*por conta de, por motivo de, por razão de* etc.), os falantes de Valença-BA parecem estar atribuindo um novo uso, também gramatical, para o conector *porque*, que, ao se integrar à preposição *de*, passa a compor um sintagma preposicionado causal com base em um padrão construcional *type* para conector com valor de causalidade. Verificou-se também, com base nos princípios de gramaticalização formulados por Hopper (1991), mais adequados a estudos sincrônicos e a estágios de gramaticalização ainda incipientes, que se trata de um recente caso de gramaticalização. Originado do padrão construcional POR+SN+DE+X, o *type porque de* inova não só no inventário dos conectores causais mas também pela primeira vez admite uma conjunção nos dois primeiros *slots* do padrão construcional da qual ele provém.

**Palavras-chave:** Construção *porque de*, gramaticalização, sociofuncionalismo

\*\*\*\*\*

### SIMPÓSIO 3 - Conexão e GDF

18/10 - 14h30 às 17h

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Erotilde Goreti Pezatti (UNESP/SJRP)

1. Coordenação de miniorações por meio de MAS nas variedades portuguesas sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: concessão e contraste com esclarecimento.
2. A oração apositiva sob a perspectiva discursivo-funcional: um caso de cossubordinação.
3. Conexão concessiva em português à luz da GDF
4. Orações coordenadas por 'MAS' sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional

\*\*\*\*\*

### COORDENAÇÃO DE MINIORAÇÕES POR MEIO DE MAS NAS VARIETADES PORTUGUESAS SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL: CONCESSÃO E CONTRASTE COM ESCLARECIMENTO

*Erotilde Goreti Pezatti*  
*erotilde.pezatti@unesp.br*  
*UNESP/São José do Rio Preto*

Gabriel Henrique Galvão Passeti  
gabriel.galvao@unesp.br  
UNESP/São José do Rio Preto

Esta comunicação objetiva analisar e descrever, nas variedades da língua portuguesa, as propriedades pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas da coordenação adversativa de miniorações, restringindo-se aos casos em que a conexão ocorre por meio *de* *mas*. O referencial teórico adotado é o da Gramática Discursivo-Funcional (GDF). A GDF é um modelo teórico que leva em consideração a natureza situada da comunicação linguística, i.e., ela prevê a inter-relação entre linguagem e contexto. Seu modelo apresenta uma arquitetura modular com organização descendente (*top down*), i.e., da intenção para a forma das expressões linguísticas, de modo que a pragmática governa a semântica, ambas governam a morfossintaxe, e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe governam a fonologia. Como universo de análise, são utilizados materiais obtidos do *cópus* Português Falado, que traz amostragens de variedades do português de toda a lusofonia, e do *cópus* Iboruna, representativo da fala do noroeste paulista. A análise pragmática da coordenação adversativa de miniorações mostra que cada um de seus membros consiste em um Ato Discursivo, a menor unidade de comportamento comunicativo, de modo que *mas* ora marca a função retórica Concessão, veiculada pelo Ato Discursivo subsidiário correspondente ao primeiro membro, ora a função pragmática Contraste, exercida pelo Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo de Esclarecimento correspondente ao segundo membro. A análise semântica, por sua vez, mostra que cada membro consiste em um Conteúdo Proposicional cujo núcleo é uma Propriedade Configuracional, i.e. uma predicação. Morfossintaticamente, a coordenação adversativa de miniorações é mapeada por duas unidades sem relação de constituência entre elas. Cada unidade, desprovida de verbo, é formada por dois Sintagmas, de modo que um deles exerce a função sintática Sujeito. Como ambas as unidades são morfossintaticamente independentes uma da outra, trata-se do processo de Coordenação, pois, juntas, formam uma Expressão Linguística. Fonologicamente, os dois membros constituem cada qual uma Frase Entonacional com contorno próprio. O primeiro membro apresenta padrão entonacional cuja direção final é ascendente nas ocorrências de Concessão, e, nas de Contraste com Esclarecimento, exibe padrão entonacional com direção final descendente. Por fim, este estudo permite concluir que *mas*, na coordenação adversativa de miniorações, é um expediente gramatical que se origina no Nível Interpessoal, i.e., no nível de análise que diz respeito às faculdades retóricas e pragmáticas das expressões linguísticas, estando, portanto, a serviço das relações inter-humanas que a linguagem institui.

**Palavras-chave:** coordenação, adversativa, minioração, concessão, contraste

#### **A ORAÇÃO APOSITIVA SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL: UM CASO DE COSSUBORDINAÇÃO**

Juan Prete Tojeira Ramos  
juan.tojeira@unesp.br  
IBILCE/UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

*Erotilde Goreti Pezatti*  
*erotilde.pezatti@unesp.br*  
 IBILCE/UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

O objetivo do projeto principal, intitulado *O uso dos pronomes relativos no português falado e escrito por adolescentes no interior do estado de São Paulo* (FAPESP/Proc. Nº. 2020/15623-7), a que este trabalho está vinculado, é investigar o emprego dos pronomes relativos no português brasileiro falado e escrito no noroeste paulista, por usuários com idade entre 13 e 15 anos, comumente alunos do último ano do Ensino Fundamental II. Dentro desse projeto mais abrangente, a proposta do estudo aqui apresentado é investigar, sob a abordagem teórico-metodológica da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; KEIZER, 2015), a oração relativa apositiva (ou não restritiva), entendida, pragmaticamente, como um Ato Discursivo subsidiário (dependente), porque fornece uma informação de fundo a um Subato Referencial (R), introduzido no Ato Discursivo nuclear, tendo a função retórica de *A side*, que Camacho (2016) denomina Aposição. Trata-se de um processo morfossintático diferente tanto da Coordenação, que mantém uma relação de independência entre as orações combinadas, quanto da Subordinação, que mantém uma relação de constituição entre as orações articuladas. Desse modo, o objetivo desta apresentação é descrever as propriedades pragmáticas, morfossintáticas e prosódicas que codificam a oração apositiva no português brasileiro escrito, procurando mostrar que constitui um tipo de Cossubordinação, e não de Subordinação, conforme postulado pela tradição gramatical normativa, uma vez que envolve duas orações combinadas, em que uma delas, apesar de dependente, não se caracteriza como um constituinte da oração principal, mas forma com ela a camada da Expressão Linguística. Para isso, toma como universo de pesquisa 33 artigos de opinião e 21 relatos de experiência, totalizando 54 redações escritas por jovens em idade escolar, extraídas do *Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II* (Proc. 2009/14848-6, 2013/14546-5), formado por 5.519 textos produzidos por 662 alunos de sexto, sétimo, oitavo e nono anos escolares, em parceria com uma escola pública de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, Brasil.

**Palavras-chave:** gramática funcional, cossubordinação, subordinação, oração apositiva

## CONEXÃO CONCESSIVA EM PORTUGUÊS À LUZ DA GDF

*Michel Gustavo Fontes*  
*michel.fontes@ufms.br*  
 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Este trabalho apresenta uma proposta de descrição, pautada nos pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), de construções concessivas articuladas por meio de expedientes formais de conexão, aqui denominados por *conjunções concessivas*. Objetiva-se, centralmente, problematizar o modo como a arquitetura do modelo da GDF permite

abordar a organização categorial da classe de conjunções concessivas do português. Para tanto, são recortados, como objeto de estudo, a conjunção concessiva prototípica *embora* e três outros exemplares da categoria, no caso as conjunções complexas *ainda que*, *mesmo que* e *por mais que*, conjunções cujo estatuto léxico-gramatical é bastante diverso e que, conforme aponta Neves (1999; 2011), podem articular segmentos (orações e/ou sintagmas) em diferentes tipos de construções concessivas. A descrição pauta-se, então, pelos seguintes objetivos específicos: (i) verificar a natureza da(s) relação(ões) instaurada(s) na articulação entre orações e/ou sintagmas por meio das conjunções sob estudo; e (ii) determinar seu estatuto léxico-gramatical. Com base em ocorrências reais de uso do português atual, extraídas do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), os resultados apontam para uma proposta de categorização das conjunções concessivas que reflete não só seu funcionamento semântico-pragmático, mas principalmente seu tão diversificado estatuto léxico-gramatical. A partir do conjunto de primitivos que a GDF distingue, e pensando, para eles, uma organização em termos de contínuo léxico-gramatical, conforme Brinton e Traugott (2005), o arranjo categorial de conjunções concessivas do português pode ser assim caracterizado: (i) no polo gramatical, encontra-se a conjunção concessiva prototípica *embora* – a mais gramaticalizada entre seus membros –, que, nos níveis da formulação, corresponde a uma função (semântica e/ou retórica) e, no Nível Morfossintático, é codificada como Conjunção Gramatical; (ii) no polo lexical, situa-se a conjunção complexa *por mais que*, que, ao articular construções concessivas intensivas, corresponde, no Nível Representacional, a uma Conjunção Lexical, analisada em termos de uma Propriedade Configuracional de um-lugar, e, no Nível Morfossintático, encabeça o padrão de um Sintagma Adposicional complexo; (iii) no ponto intermediário desse contínuo, estariam as conjunções *ainda que* e *mesmo que*, que, ao compor construções concessivas escalares, demandam uma representação alinhada entre os níveis da formulação – como função pragmática Contraste, no Nível Interpessoal, e como função semântica Concessão, no Nível Representacional – e, no Nível Morfossintático, são codificadas como padrões conectivos semifixos (KEIZER, 2013).

**Palavras-chave:** conexão concessiva, conjunções concessivas, GDF

## ORAÇÕES COORDENADAS POR ‘MAS’ SOB PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Talita Storti Garcia  
talita.garcia@unesp.br  
UNESP-São José do Rio Preto

Este trabalho faz parte de um projeto maior denominado *Construções coordenadas nas variedades portuguesas: uma abordagem discursivo-funcional* desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) sediado na UNESP de São José do Rio Preto. A pesquisa investiga, sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), as motivações pragmáticas e semânticas envolvidas no arranjo morfossintático das estruturas coordenadas do português. Como parte desse estudo mais amplo, ao presente estudo cabe investigar as motivações funcionais das estruturas oracionais unidas por *mas*, com se observa em: *quando ele pega uma falha qualquer, ele já nega, mas ele também não esquece que muita das vezes ele fala as coisa*

*errada, não é isso?o carioca, muita das vezes, fala as coisa errada* (BR80:ComerBemFalarBem). As orações introduzidas por *mas* são classificadas, pela tradição gramatical, como coordenadas adversativas, uma vez que contrapõem o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente. Na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, no entanto, as orações unidas por *mas* configuram Concessão, uma função retórica que ocorre entre dois Atos Discursivos de estatuto desigual, um Subsidiário e outro Nuclear, no Nível Interpessoal. Trata-se de uma estratégia utilizada pelo Falante para alcançar seus objetivos na interação. Essa diferença de estatuto entre os Atos Discursivos envolvidos é atribuída pelo próprio Falante, que apresenta, no segundo Ato Discursivo, o Nuclear, o que ele julga comunicativamente mais importante, e, no primeiro Ato, o subsidiário, que apresenta a função retórica, o que ele acha importante *conceder*. Os resultados mostram que o segundo Ato pode acrescentar ou cancelar uma informação dada no primeiro, a depender do que o Falante tem em mente. Essa estratégia se codifica, no Nível Morfossintático, por meio da Palavra Gramatical *mas*, que une duas Orações independentes, o que configura o processo da *coordenação*, em que os elementos combinados podem ocorrer por si só, podendo, inclusive, serem proferidos por falantes diferentes. Observamos ainda que *mas* pode introduzir porções maiores de texto, identificadas na GDF como Movimentos, camada mais alta do Nível Interpessoal. Os dados revelam que, nesse caso, os Movimentos iniciados por *mas* podem ser de abertura ou de fechamento. O universo de investigação compreende alguns inquéritos das variedades do *córpus* “Português Oral”.

**Palavras-chave:** *mas*, orações, variedades portuguesas, Gramática Discursivo-Funcional

\*\*\*\*\*

#### SIMPÓSIO 4 - Conexão e Uso

18/10 - 14h30 às 17h (1ª parte)

Profª Drª Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

1. A construção subjetiva deontica e a noção de futuridade.
2. Cláusulas hipotáticas de finalidade e de consequência: diferentes graus de argumentatividade.
3. Funcionamento e emergência da construção [embora que]: um estudo pancrônico.
4. 15 ou 20 minutos não parecem o suficiente, dado que há muito o que se falar: um estudo sobre orações hipotáticas introduzidas por "dado que" e "posto que"
5. O conector [Sem *V<sub>dicendi</sub>* que] sob a perspectiva da LFCU

\*\*\*\*\*

## A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DEÔNTICA E A NOÇÃO DE FUTURIDADE

*Nilza Barrozo Dias*  
*nilzabarrozodias@id.uff.br*  
*Universidade Federal Fluminense*

Analisamos construções subjetivas que são utilizadas pelo falante para expressar o escamoteamento da expressão de subjetividade e destacar o valor semântico de impessoalidade. Na construção em estudo, podemos observar as relações sintático-semânticas e textual-discursivas. Serão observados inicialmente as motivações relacionadas à modalidade deôntica, marcada por obrigação externa, interna ou de necessidade por parte do falante em relação ao conteúdo da oração subjetiva; e à unipessoalidade, que é um recurso morfossintático que ocorre na oração matriz, com verbo *ser* em terceira pessoa do singular do modo indicativo. Tal recurso auxilia na leitura de impessoalidade que no português não comporta nenhum pronome tal como ocorre no francês e no inglês. O adjetivo modalizador concorre também para a expressão do posicionamento impessoalizado do falante e predica um conteúdo proposicional que precisa ocorrer obrigatoriamente, expresso na forma de oração subjetiva. A oração subjetiva na forma de verbos não finitos (infinitivo) e de verbos no modo subjuntivo, mais raramente, também expressarão valor de potencialidade e de modalidade *irrealis*, respectivamente. Todo o conjunto mostrará o valor semântico de generalidade e de impessoalidade da construção subjetiva deôntica em relação ao (co)texto, que será marcado por experiências ou conhecimentos pessoais no nível textual-discursivo. Isso posto, podemos também nos perguntar em que medida as construções subjetivas deônticas correspondem à função desiderativa da linguagem (CASTILHO, 2010) e facultam a noção de futuridade na construção. Podemos ainda observar se há relação entre o tipo de obrigação e o valor de futuridade. A investigação se baseia em amostras do PORUS ([www.uff.br/porus](http://www.uff.br/porus)), da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro ([ww.alerj.br](http://ww.alerj.br)) e do Corpus do Português ([www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)), com base teórica nas propostas do Funcionalismo e da Linguística Centrada no Uso. Os resultados mostram que a construção subjetiva deôntica é a mais antiga nas amostras e que as orações subjetivas são preferencialmente pospostas em relação à oração matriz. A análise empreendida é qualitativa e quantitativa, com a utilização de programa estatístico, para que procedamos à esquematização e composicionalidade da construção. (BYBEE, 2010), DIAS & BRAGA, 2017).

**Palavras-chave:** construções subjetivas, modalidade deôntica, futuridade

### CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS DE FINALIDADE E DE CONSEQUÊNCIA: DIFERENTES GRAUS DE ARGUMENTIVIDADE

*Amanda Heiderich Marchon*  
*amandahch.lettras@gmail.com*  
*UFES*

*Fernanda Kelly da Silva Chagas*  
*fernandakelly@id.uff.br*  
*UFF*



Certos de que toda teoria tem seus limites, independentemente da área do conhecimento a que se relacione, investigamos, neste trabalho, as cláusulas hipotáticas de finalidade e de consequência à luz dos pressupostos teóricos do Funcionalismo (DECAT, 1993; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; MATTHIESSEN e THOMPSON, 1988; NEVES, 2018) associados a conceitos da Teoria Semiolingüística do Discurso (CHARAUDEAU, 2009, 2016). Na macrorrelação de causalidade, a cláusula final e a cláusula consecutiva representam o *efeito* da ação veiculada pela cláusula-núcleo, diferenciando-se uma da outra no que se refere à *intencionalidade* desse efeito: as cláusulas finais denotam o *efeito visado*, ao passo que as cláusulas consecutivas denotam o *efeito não intencional* (AZEREDO, 2012). Partindo da hipótese de que essas estruturas hipotáticas circunstanciais revelam diferentes graus de argumentatividade, debruçamo-nos sobre cento e quatro artigos de opinião, publicados no ano de 2020, pelo jornal Folha de São Paulo, na coluna Tendências e Debates, dos quais provém nosso *corpus* de análise. Metodologicamente, consideramos não só o nível microtextual, pautado nas cláusulas, mas também o nível macrotextual, que representa o imaginário sociodiscursivo a respeito de temas polêmicos, bem como os posicionamentos escolhidos pelo enunciador frente a esse questionamento sobre o mundo. A análise dos resultados revelou que as cláusulas de finalidade, majoritariamente expressas pela estrutura “para + infinitivo”, além de mais numerosas que as cláusulas de consequência, são mais frequentes em textos que defendem a mudança de paradigmas sociais e que, conseqüentemente, demandam mais investimento argumentativo. As cláusulas de consequência, além de aparecerem em menor quantidade, apresentam-se exponencialmente, em nossos dados, na forma de estruturas gerundivas que permitem, em geral, mais de uma leitura. A análise preliminar dos dados, aponta, pois, para um maior grau de argumentatividade das cláusulas hipotáticas de finalidade quando comparadas com as cláusulas hipotáticas de consequência.

**Palavras-chave:** cláusulas de finalidade, cláusulas de consequência, argumentação

## FUNCIONAMENTO E EMERGÊNCIA DA CONSTRUÇÃO [EMBORA QUE]: UM ESTUDO PANCRÔNICO

*Kátia Roseane Cortez dos Santos*  
*katiacortez\_@hotmail.com*  
*Unesp/São José do Rio Preto*

Este trabalho tem como objetivo investigar a construção concessiva [embora que]. De caráter pancrônico, a pesquisa busca responder aos seguintes questionamentos: Em termos de frequência, ela pode ser considerada uma construção marginal no português contemporâneo? Qual o seu funcionamento atual? Como é possível explicar seu surgimento na língua portuguesa? Como ela pode ser localizada em uma rede mais ampla de construções concessivas? A fim de propor respostas plausíveis a essas perguntas, este estudo é realizado à luz dos pressupostos teóricos do Funcionalismo, mais especificamente a partir de uma abordagem construcional, que trata as unidades linguísticas como pareamentos de forma e de significado. Como universo de coleta de dados, utilizou-se o banco de dados “Corpus do Português”, mais especificamente o Corpus NOW (News on the Web – Notícias na internet), composto por texto do português

contemporâneo, e o Corpus Gênero/Histórico, que contém textos de sincronias passadas. Este foi utilizado em um primeiro momento da pesquisa, em sua fase exploratória, enquanto aquele é fonte das ocorrências que são base para a análise central empreendida neste estudo. Quanto aos parâmetros de análise, foram selecionados quatro: posição (posposta, interposta ou anteposta), tipo (factual, eventual ou contrafactual), variedade (portuguesa ou brasileira) e localização (corpo do texto, comentário na página ou citação no texto). Os resultados obtidos apontam para as seguintes conclusões: a construção [embora que] pode de fato ser considerada uma construção marginal no português contemporâneo; ela compartilha traços tanto de forma quanto de significado com as demais construções concessivas; a hipótese mais plausível para seu surgimento é a de que se trata da conservação de uma forma proveniente de um estágio anterior na trajetória de mudança de “em boa hora” para “embora”; na rede construcional, ela pode ser considerada uma microconstrução instanciada pelo subesquema [Xque]<sub>concessivo</sub>, que, por sua vez, é instanciado pelo subesquema de nível mais alto [Xque], o qual abarca também [Xque]<sub>causal</sub>, [Xque]<sub>temporal</sub> e [Xque]<sub>condicional</sub>.

**Palavras-chave:** concessivas, abordagem construcional, pancronia

### **15 OU 20 MINUTOS NÃO PARECEM O SUFICIENTE, DADO QUE HÁ MUITO O QUE SE FALAR: UM ESTUDO SOBRE ORAÇÕES HIPOTÁTICAS INTRODUZIDAS POR “DADO QUE” E “POSTO QUE”**

*Juliana Barboza do Nascimento (CNPq-PIBIC)*  
*julianabnascimento@letras.ufrj.br*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

*Maria Maura Cezario (CNPq)*  
*mmcezario@letras.ufrj.br*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Tendo como base a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), este trabalho busca analisar os usos das orações hipotáticas introduzidas por “dado que” e “posto que” em textos escritos em português brasileiro contemporâneo. A abordagem da LFCU (Barlow, Kemmer, 2000) postula que existe uma estreita relação entre a estruturação da língua e seus usos nos contextos reais de interação. Além dos aspectos formais, são também levados em consideração aspectos pragmáticos, semânticos, discursivos e cognitivos. Essa abordagem leva em consideração uma visão construcional de gramática. Para o presente estudo, coletamos 200 dados (havendo 100 para cada tipo de oração) do site *Corpus do Português*, que reúne cerca de 1 bilhão de palavras de páginas da web de quatro países lusófonos (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). Nos atentamos apenas aos textos pertencentes à variante brasileira e que foram compilados entre 2013 e 2014. Buscamos estabelecer as propriedades formais e funcionais de cada construção hipotática em análise. A partir desse objetivo geral, elaboramos os seguintes objetivos específicos para esta apresentação: a) observar a relação entre a posição das orações hipotáticas e seus respectivos valores semânticos; b) observar se há relação entre orações hipotáticas

com informação pressuposta ou não-pressuposta; c) posição das mesmas em relação às orações matrizes. Para isso, havíamos postulado as seguintes hipóteses: a) espera-se uma correspondência entre causalidade e posposição e entre condicionalidade e anteposição, enquanto para as concessivas não haveria uma predisposição definida sobre sua ordenação; b) espera-se que orações antepostas apresentem informações que são pragmaticamente pressupostas, enquanto orações pospostas tendam a veicular informações pragmaticamente novas, tendo como base o trabalho elaborado por Diessel (2013). Alguns exemplos dessas construções são: (1) Em relação a compra do veículo, diga se pretende adquiri-lo à vista, posto que afirmou estar juntando dinheiro para comprá-lo.; (2) Dado que os concursos são grandes eventos, opta-se por um método de teste que facilite a correção por meio eletrônico.

**Palavras-chave:** Funcionalismo, Linguística Funcional Centrada no Uso, orações subordinadas adverbiais, conjunções adverbiais, construções [X QUE]<sub>CONNECT</sub>.

### CONECTOR [*Sem V<sub>dicendi</sub> que*] SOB A PERSPECTIVA DA LFCU

*Samara Costa Moura*  
*samara\_costa@id.uff.br*  
*UFF*

Seguindo os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), mais especificamente no que se refere à abordagem construcional da mudança proposta por Traugott e Trousdale (2013), este trabalho tem por objetivo geral apresentar as análises parciais da pesquisa em andamento da construção [*Sem V<sub>dicendi</sub> que*] empiricamente atestada na sincronia atual, como pode ser visto no exemplo retirado de um contexto de uso: *O asfalto de a pista de a Áustria não é de os mais aderentes de o calendário, sem contar que fica em uma de as maiores altitudes de todo o campeonato.* De acordo com essa abordagem, a língua é uma rede de construções organizadas hierarquicamente (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), cuja unidade básica é a construção, identificada pelo pareamento forma-função (GOLDBERG, 2016). Partindo, portanto, desse princípio e visando a cumprir o objetivo geral, apresentamos como objetivos específicos: i) descrever o uso da construção [*Sem V<sub>dicendi</sub> que*]; ii) verificar as propriedades formais e funcionais desse conector; iii) analisar a construção com base nos parâmetros de gramaticalização propostos por Lehmann (1995). Essa análise pauta-se na metodologia qualitativa e quantitativa dos dados, tomando como base um corpus sincrônico, composto pela modalidade escrita do Português Brasileiro (PB), como mostram os dados extraídos da Interface nova do *Corpus do Português*, disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Propomos as seguintes hipóteses: i) a construção em análise é recrutada em um ambiente linguístico com base na avaliação do enunciador em relação ao contexto; ii) a construção exerce o papel de um conector de acréscimo e é empregada em relações hipotáticas ou desgarradas; iii) os componentes da construção [*Sem V<sub>dicendi</sub> que*] são mais vinculados e pouco composicionais. Ocorre a dessemantização (LEHMANN, 1995) dos elementos, uma vez que a preposição “sem” perde sua noção negativa básica (NEVES, 2000), e o verbo perde traços significativos.

**Palavras-chave:** Linguística Funcional Centrada no Uso, Gramática de Construções,

\*\*\*\*\*

**SIMPÓSIO 4 - Conexão e Uso****19/10 - 11h às 12h30 (2ª parte)****Profª Drª Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)**

1. Tradições discursivas narrativa e argumentativa: uma análise de mecanismos de junção na escrita infantil
2. COMO, TIPO, IGUAL... ENQUANTO? Materializações linguísticas de construções comparativas no Português do Brasil
3. A desigualdade estabelecida pela construção OCORRE QUE no Português contemporâneo: um estudo baseado no uso.
4. Análise funcional centrada no uso da correlação de negação e contraste no Português brasileiro.
5. Construções "em vez de" e "ao invés de": níveis de substituição.

\*\*\*\*\*

**TRADIÇÕES DISCURSIVAS NARRATIVA E ARGUMENTATIVA: UMA  
ANÁLISE DE MECANISMOS DE JUNÇÃO NA ESCRITA INFANTIL**

*Mateus Dias Santana*  
*mateus.santana@unesp.br*  
 UNESP

*Lúcia Regiane Lopes-Damasio*  
*l.damasio@unesp.br*  
 UNESP IBILCE/FCLAs

Este trabalho propõe uma abordagem linguístico-discursiva dos mecanismos de junção (MJs) em textos de tradições discursivas (TDs) narrativa e argumentativa, produzidos, no modo de enunciação escrito, por sujeitos matriculados no 7º ano do Ensino Fundamental II. Com essa abordagem, o presente trabalho busca realizar um estudo piloto com o objetivo geral de alcançar indícios de relações linguístico-discursivas entre MJs e as TDs narrativa e argumentativa no modo escrito de enunciar. Nessa direção, desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: (i) descrever e analisar os MJs, em textos pertencentes às TDs *narrativa* e *argumentativa*, no modo escrito de enunciação, a partir das relações semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa; (ii) buscar indícios da relação entre o comportamento da junção e a heterogeneidade da escrita, mediante traços da relação oral/falado e letrado/escrito; e (iii) relacionar o funcionamento dos MJs às características das TDs *narrativa* e

*argumentativa*. O estudo fundamenta-se no modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 1997), associado a uma concepção de texto dialógica a partir do conceito de TDs (KABATEK, 2006) e ao modelo funcionalista de junção (RAIBLE, 2001). Nesse quadro teórico-metodológico, a descrição da escrita infantil é fundamentada na consideração conjunta de aspectos linguísticos e discursivos, que assumem os MJs como *rastro* da circulação do sujeito pelo modo escrito de enunciação (LOPES-DAMASIO, 2020, 2019). Para o material de análise deste trabalho, foram extraídos, do Banco de Dados de Produções Escritas do Ensino Fundamental II, quatro textos escritos por alunos do 7º ano, caracterizados a partir de duas TDs: dois da narrativa e dois da argumentativa. Os resultados alcançados, a partir de uma análise qualitativo-quantitativa, mostraram que, na análise do eixo tático (parataxe e hipotaxe), a arquitetura paratática prevalece nas duas TDs (narrativa e argumentativa) e apontam para os *rastros* que indiciam aspectos da circulação do sujeito pela escrita no que concerne à constituição sintática da textualização. No eixo das relações semânticas, as relações de *adição* (TD narr. 8,33%/TD arg. 50,66%), *tempo posterior* (TD narr. 41,66%/TD arg. 1,33%), *causa* (TD narr. 33,33%/TD arg. 18,66%) e *contraste* (TD narr. 6,25%/TD arg. 13,33%) foram as mais frequentes, nos textos das TDs analisadas, e estão associadas a dois aspectos: (i) de ordem geral, associado à frequência similar da relação de *causa* em ambas as TDs, como *rastro* da circulação dos sujeitos por práticas discursivas que constituem essas tradições, tal como a relação entre os fatos narrados ou argumentos apresentados numa associação que, para o sujeito, se estabelece como causa-efeito/efeito-causa/asserção-explicação; (ii) de ordem específica, associado à frequência distinta das relações de *adição* e *tempo posterior*, no que tange à introdução de informação/conteúdo para o desenvolvimento dos textos, na TD argumentativa, à marcação temporal na TD narrativa, e associado, por fim, à frequência similar da relação de *contraste*, nas duas TDs, mas em arranjos pragmático-discursivos distintos em cada uma delas. Quanto aos eixos da gênese da escrita e do código escrito institucionalizado (cf. CORRÊA, 1997), percebeu-se que os sujeitos circulam pelos dois eixos quando escrevem, porém, na TD narrativa (85,41%/TD argumentativa 60%), com maior frequência da fala/oralidade, enquanto, na TD argumentativa (40%/TD narrativa 14,58%), com maior frequência de uma circulação do sujeito pela escrita institucionalizada. No eixo da dialogia com o já falado/escrito, observou-se que o sujeito circula por textos que são tradicionais para ele, a partir de mesclas de TDs que mostram marcas da dialogia com o já falado/ouvido e escrito/lido na constituição da sua escrita.

**Palavras-chave:** Tradição discursiva, junção, escrita infantil

### **COMO, TIPO, IGUAL... ENQUANTO? MATERIALIZAÇÕES LINGÜÍSTICAS DE CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS NO PORTUGUES DO BRASIL**

*Felippe de Oliveira Tota*  
*felippe.tota@gmail.com*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

Este trabalho quer discutir as realizações, no Português do Brasil (PB), de algumas estruturas oracionais comparativas que não são contempladas pelo cânone, à luz de teorias

linguísticas baseadas no uso. Mais especificamente, a investigação pretende apresentar dois tipos de construções: 1) **comparativas complexas em desvio semântico**, ou seja, sintagmas oracionais correlatos, coordenados ou subordinados, que são comumente associados a outros valores semânticos; 2) **comparativas assimilativas de conectores gramaticalizados**, ou seja, sintagmas oracionais introduzidos por conectores comparativos não prototípicos, que não são abordados nas gramáticas tradicionais. Defendo que, para além do(s) uso(s) linguístico(s) canônicos, a materialização linguística da comparação amplia-se em uma rede com nódulos que envolveriam, no campo do significado, valores semânticos caros à pesquisa em conexões de orações, como o *contraste*, o *modo* e a *conformidade*, por exemplo. Assim, frases como “Embora escreva muito bem, fala muito mal”, “[...] É tipo um filme de curta metragem” e “A cópia está *igual* ao documento original” seriam instâncias de um esquema comparativo que integra uma rede mais ampla do que as já apresentadas em Pires (2013) e Thompson (2019). Essa hipótese baseia-se nas perspectivas teóricas de teor cognitivo-funcional: as contribuições de Langacker (1987) e Bybee (2015), principalmente, por abordarem a comparação como uma atividade cognitiva generalizada, onipresente e fundamental ao processamento mental, orientaram as escolhas teórico-metodológicas desta pesquisa, cuja coleta de dados recorreu ao *Corpus do Português*. Trata-se de um *corpus* que possui sintaxe própria (dispensando o uso paralelo de ferramentas de exploração e de etiquetagem dos itens) e que oferta mais de nove milhões de palavras do PB, distribuídas entre os séculos XX e XXI em contextos autênticos de utilização, nos mais variados gêneros. Com acurada análise dos exemplares das construções comparativas e dos seus respectivos mapeamentos mais convencionais e produtivos, foi possível estabelecer tanto a representação formal das construções de comparação no português brasileiro, quanto estender a rede construcional em que elas se inserem.

**Palavras-chave:** comparação; construção; rede construcional; Gramática de construções

## **A DESIGUALDADE ESTABELECIDA PELA CONSTRUÇÃO *OCORRE QUE* NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: UM ESTUDO BASEADO NO USO**

*Priscilla Hoelz Pacheco  
priscillapacheco@id.uff.br  
Universidade Federal Fluminense*

Trata o presente trabalho do uso da estrutura *ocorre que* com função de conector interfrasal. Consideramos que a estrutura em questão sofreu mudanças construcionais, passando a apresentar leitura de conector de contraste, estabelecendo relações de desigualdade entre segmentos. Desse modo, este trabalho tem como objetivo verificar de que modo a construção *ocorre que* contribui para estabelecer desigualdade, considerando aspectos sintáticos e semânticos. Ademais, objetiva analisar se o verbo *ocorrer*, ao estar conjugado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, também contribui como parte de uma estratégia de distanciamento do falante ao construir seus argumentos na busca pelo convencimento do seu interlocutor. Considerando a conexão interfrasal, partimos do pressuposto que a estrutura *ocorre que* passa a atuar como um conector que introduz um novo segmento que, de algum modo, é desigual em relação ao segmento

anterior. Para essa análise, adotamos como referencial teórico pressupostos dos modelos baseados no uso, defendendo o estudo da língua nas situações comunicativas reais e tomando *chunking* (encadeamento) e categorização como processos cognitivos importantes para explicar o surgimento de novas construções. Como base para nossa investigação, utilizamos o disposto em Neves (1984) acerca das relações de desigualdade entre enunciados, estabelecidas pelo conector prototípico adversativo, *omas*, bem como Azeredo (2018), Castilho (2016) e Neves (2011) em relação às características da conexão de orações contrastivas. No que se refere ao tempo linguístico e verbal, recorreremos à Abraçado (2020) e Travaglia (2016). Os estudos de Verhagen (2005) também contribuem a partir de suas propostas sobre a conceptualização das orações encaixadas subjetivas. Nosso *corpus* é formado por pronunciamentos de senadores federais, transcritos e disponíveis no website do Senado Federal. Para este trabalho, optamos por delimitar este universo para o número de 50 pronunciamentos, que correspondem ao espaço de tempo entre os anos de 2019 e 2018. A análise, de abordagem qualitativa, busca verificar de que modo se realizam as conexões de desigualdades nos trechos, bem como identificar que efeitos de sentido podem ser percebidos a partir do uso da estrutura, tomando como base as noções temporais do verbo e os propósitos comunicativos dos falantes. Nossos resultados preliminares identificam que os enunciados iniciados por *ocorre que* introduzem graus diferentes de desigualdade, podendo ser desde uma simples desigualdade, combinada com focalização da informação subsequente, até eliminação da possível consecução do que é dito no primeiro segmento. Tendo em vista a conjugação do verbo *ocorrer* na 3ª pessoa do presente do indicativo, a estrutura introduz valor atemporal, englobando não apenas o momento de fala, mas todo o tempo que vem antes e depois, indefinidamente. Desse modo, quando utilizada como conector interfrasal contrastivo, *ocorre que* introduz e focaliza argumentos interpretados como dados e certos e, assim, irrefutáveis.

**Palavras-chave:** construção, conector, desigualdade, ocorre que

## ANÁLISE FUNCIONAL CENTRADA NO USO DA CORRELAÇÃO DE NEGAÇÃO E CONTRASTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Daniele Cristina Campos*

*danycris06@gmail.com*

*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

No uso linguístico, o processo da correlação de negação e contraste instancia construções como: a) “Experimente não demonstrar ciúme, mas sim segurança”; b) “Covid/19 não é uma doença respiratória e sim hematológica”; c) “Nunca é sobre nós, e sim sobre você Jesus”; d) “Politicagem não, mas sim a verdade dos fatos”; e) “Nem velha, nem nova, mas sim a boa política em favor da reforma”. Devido ao redobrimento sintático variado instanciado por esses tipos de orações correlatas, buscamos, em uma teoria baseada no uso, analisar e descrever o fenômeno dessa correlação em diferentes contextos de uso. Dessa forma, examinamos a correlação de negação e contraste sob o prisma da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a qual conjuga premissas do Funcionalismo norte-americano com pressupostos da Linguística Cognitiva, com base

nos estudos de autores como Talmy Givón, Paul Hopper, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg, William Croft, dentre outros. Tendo em vista que a LFCU prevê uma análise e descrição dos fenômenos linguísticos com dados reais captados de diferentes instâncias de *uso*, isto é, sejam registros na modalidade falada, ou fontes na modalidade escrita, com auxílio da ferramenta de busca do *Google*, constituímos um *corpus* contemporâneo de natureza híbrida com textos multimodais. A formação do *corpus* se deu, basicamente, pela coleta dos 100 primeiros resultados exibidos pelo *Google* mediante a busca de expressões como “não... mas sim...” e “não... e sim...”. Com base na análise do *corpus*, foram localizadas 129 ocorrências de uso da correlação de negação e contraste. Sob método empírico, esse conjunto de ocorrências recebeu tratamento quantitativo e qualitativo. O exame do *corpus* revelou que a interdependência da correlação de negação e contraste surge em um ambiente polarizado entre negação e afirmação. A depender do contexto, o processo dessa correlação pode indicar substituição, preferência ou retificação. Além disso, constatamos que essa correlação amalgama dois matizes: um semântico-pragmático (negação) e um linguístico-cognitivo (contraste).

**Palavras-chave:** Correlação, polaridade, contraste

## CONSTRUÇÕES “EM VEZ DE” E “AO INVÉS DE”: NÍVEIS DE SUBSTITUIÇÃO

*Leandro Freitas da Horta (doutorando)*  
*leandrohorta@id.uff.br*  
*Universidade Federal Fluminense*

Este trabalho apresenta estudo de conexão de orações com os conectores não prototípicos, “em vez de” e “ao invés de”, haja vista a pouca referência sobre os objetos nas gramáticas tradicionais e o número quase inexistente de investigações que abarquem descrições gramaticais para ambos. Com efeito, nota-se que os conectores “em vez de” e “ao invés de” aparecem no repertório linguístico dos usuários com o intuito de substituir um evento por outro, e é nesse contexto que se deve buscar quais níveis de sentido aparecem a partir desse valor substitutivo. O estudo de articulação de orações aponta a necessidade de investigação das relações em situação real de comunicação, nas variedades da língua portuguesa: brasileira, angolana e moçambicana, para que se dê conta de novas relações sintáticas. Com efeito, nota-se que as construções substitutivas são iniciadas formalmente pelos conectores “em vez de” e “ao invés de” que introduzem orações adverbiais para instanciarem um evento negado, enquanto a oração principal representará o evento (a ser) realizado. A análise procura diferenciá-los, tendo em vista os pressupostos de modelos centrados no uso, com base no Funcionalismo e na LCU. Consideramos que as construções investigadas pertencem ao grupo das hipotáticas adverbiais substitutivas, conforme Decat (2001) e representam unidades de informação, segundo Decat (2014), em uma relação núcleo-satélite. Os resultados mostram que as construções “em vez de” substituem uma informação pela outra; já as construções “ao invés de” substituem por meio da oposição de informação. Além disso, observa-se que a oração iniciada pelo



conector indica um evento negado em relação à oração principal que apresenta o evento real. As construções em estudo observáveis no Corpus do Português apresentam percentagem elevada do uso de *em vez de* nas três variedades investigadas. A construção *ao invés de* constitui apenas 15% dos resultados. A posição preferida de ambas as construções é a anteposição da hipotática adverbial, numa relação tópico-comentário. Os conectivos substitutivos, oriundos de locução prepositiva, apontam para o uso do infinitivo como preferencial, sendo que a oração principal apresentará os verbos na forma finita. São raras as ocorrências de correlação infinitivo-infinitivo. O verbo semântico mais recorrente foi o de valor material (conforme Halliday).

**Palavras-chave:** Funcionalismo, construção, conexão de orações, substituição, contraste

\*\*\*\*\*

## SIMPÓSIO 5 - Conexão e Cognição

18/10 - 14h30 às 17h (1ª parte)

Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ) e Prof. Dr. Roberto de Freitas Júnior (UFRJ)

1. Produtividade e esquematicidade na reconfiguração da rede construcional de conectores.
2. O domínio da concessão em espanhol: uma análise baseada no uso de construções oracionais com "aunque" e "pese a que".
3. As microconstruções SEMPRE QUE e TODA VEZ QUE em orações adverbiais temporais: uma análise baseada no uso.
4. A descrição das construções formadas pela conjunção LOGO no Português: um caso de ponto de vista.
5. O conector "se" na trajetória diacrônica das construções idiomáticas com [vê/veja] se S no Português brasileiro

\*\*\*\*\*

### PRODUTIVIDADE E ESQUEMATICIDADE NA RECONFIGURAÇÃO DA REDE CONSTRUCIONAL DE CONECTORES

*Táisa Peres de Oliveira*  
 taisapoliveira@gmail.com  
 UFMS

Nesta proposta, pretendo explorar como a rede da construção[X\_CONJ]<sub>CONDICIONAL</sub> é (re)organizada como resultado de mudanças diversas que afetam sua estrutura interna.

Especificamente, meu interesse de investigação é identificar os tipos de mudança na produtividade das construções relevantes para a (re)configuração da rede. Para tanto, meu foco se direciona para a relação entre produtividade e esquematicidade, considerando tanto a frequência geral da construção, e as mudanças que afetam o preenchimento dos *slots*, como para as mudanças na preferência colocacional, que resultam na emergência ou perda de expressões convencionais. A análise preliminar mostra que essa construção tem se tornado cada vez mais frequente com aumento significativo também na produtividade de tipo. Essa expansão geral é resultado de mudanças que ocorrem em níveis menos esquemáticos e abstratos na rede. Para essa análise, considero o subesquema [V\_QUE], que demonstra grau considerável na variação de diferentes subpadrões. Diferentemente do que se nota em outros subesquemas e microconstruções nessa rede, [V\_QUE] apresenta relativa flexibilidade combinatorial, já que pode ser usado como diferentes correlações modo-temporais e em diferentes domínios cognitivos. Nesse sentido, seu uso e extensibilidade não estão limitados a um domínio semântico muito específico, como se nota em outros subesquemas da rede. Os resultados evidenciam, assim, a estreita relação entre esquematicidade e produtividade, que, em parte, determina o nível em que uma construção é representada na rede. Fica evidente, então, o papel que habilidades cognitivas como convencionalização, rotinização e abstração tem na estrutura e organização da rede construcional. Este trabalho se assenta nas bases teóricas da Abordagem Construcional da Mudança Linguística (Traugott, Trousdale, 2008; Barðdal, 2008; Trousdale, 2013; Perek, 2016), entendendo, como princípio básico, que uma construção pode ser conceitualizada como uma rede taxonômica de esquemas, subesquemas e microconstruções interligados em diferentes níveis de abstração, que exibem diferentes graus de generalização ou fixação que são, constantemente, alterados e reconfigurados por meio do uso da língua. Os dados são coletados em perspectiva diacrônica, no *Cópus do Português* (Davies, Ferreira, 2005).

**Palavras-chave:** produtividade, esquematicidade, conectores condicionais

## O DOMÍNIO DA CONCESSÃO EM ESPANHOL: UMA ANÁLISE BASEADA NO USO DE CONSTRUÇÕES ORACIONAIS COM “AUNQUE” E “PESE A QUE”

*Thiago dos Santos Silva*  
*thiagosantos@letras.ufrj.br*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Nosso estudo tem como objetivo analisar o comportamento das construções oracionais com *aunque* e *pese a que*, buscando verificar as motivações para os usos de construções adverbiais com valor concessivo. Tomamos como base teórica a Linguística Cognitivo-Funcional, que envolve tanto os princípios formulados no âmbito do funcionalismo norte-americano como os princípios da Gramática de Construções. Entendemos que o esquema mais abstrato que instancia as adverbiais é: [CONNECT (S) V (C)]<sup>ORACÃO HIPOTÁTICA ADVERBIAL</sup>. CONNECT é o conectivo que introduz a oração; S é o sujeito; V, o verbo e C o complemento ou adjunto. No caso desta pesquisa, CONNECT tem a forma sempre de [X QUE]. Dessa construção mais geral, são instanciados vários subesquemas, como o esquema concessivo, o temporal e causal. Neste estudo, temos interesse em analisar o comportamento do esquema concessivo [[X QUE] (S) V (C)]<sup>ORACÃO ADVERBIAL CONCESSIVA</sup>, exemplificado

a seguir: (1) En Inglaterra no han hecho ningún movimiento para recuperar el jugador, *pese a que* en su último año fue el mejor centrocampista de la Premier League. (Corpus del Español) ‘Na Inglaterra, não fizeram nenhum movimento para recuperar o jogador. *Mesmo que* em seu último ano tenha sido o melhor meio campo da Premier League.’ (2) Vamos a solicitar un porcentaje menor, *aunque* sea en un plazo más amplio de tiempo. ‘Vamos solicitar uma porcentagem menor, *ainda que* seja num prazo maior de tempo. Para a análise, os dados foram coletados do *Corpus del Español*. Trata-se de um *corpus online* com cinco abas disponíveis para pesquisa: género/historico, web/dialectos, now (2012 – 2019), google books e wordandphrase. Analisamos 180 dados do gênero discursivo jornal, presentes na aba “Now”, do segundo semestre de 2019. Os dados foram submetidos ao programa estatístico R para melhor descrição e conclusão dos resultados apresentados. Como dissemos, temos o objetivo de descrever as construções, observando aspectos formais e semântico-pragmáticos. Como estamos lidando, dentro de um determinado domínio semântico, com conectores sinônimos, queremos demonstrar diferenças contextuais (pragmáticas) em seus usos, assim como prováveis diferenças nos usos dos itens que podem aparecer no slot V e os diferentes domínios mentais acionados por essas construções. Dessa forma, demonstraremos que o princípio da não sinonímia como parte do princípio da iconicidade (tendência de haver uma forma para uma função), atua nos usos das orações em questão. Assim, buscamos verificar se há diferenças de usos de orações com conectivos sinônimos como *aunque* e *pese a que*. Consideramos que as orações com *aunque* e *pese a que* sejam instanciações da construção hipotática concessiva. Apesar de serem semanticamente semelhantes, há diferenças no comportamento discursivo-pragmático: os resultados preliminares mostram que as orações com *aunque* tendem a apresentar informações pressupostas quando há o uso do subjuntivo, enquanto as mesmas orações tendem a apresentar informações não-pressupostas quando o uso é o indicativo. Já as orações com *pese a que* tendem a apresentar mais usos com o indicativo, indicando maior factualidade na informação transmitida por esse tipo de oração.

**Palavras-chave:** Linguística cognitivo-funcional, orações concessivas, espaços mentais

### AS MICROCONSTRUÇÕES *SEMPRE QUE* E *TODA VEZ QUE* EM ORAÇÕES ADVERBIAIS TEMPORAIS: UMA ANÁLISE BASEADA NO USO

*Beatriz Lones dos Santos,  
bialones@letras.ufrj.br  
Universidade Federal do Rio de Janeiro*

*Maria Maura Cezario  
mmcezario@letras.ufrj.br  
Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq*

Este trabalho tem como principal objetivo analisar construções adverbiais temporais introduzidas por *sempre que* e *toda vez que* no PB contemporâneo, a fim de mapear diferenças e semelhanças entre elas no que diz respeito ao uso real da língua em diferentes contextos. Para isso, utilizamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional

Centrada no Uso (BYBEE, 2010; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013; CEZARIO, FURTADO DA CUNHA, 2013), modelo de abordagem linguística que estuda a língua a partir de contextos reais e de suas funções comunicativas, sob a perspectiva da Gramática de Construções (GOLDBERG, 2006), a qual postula que uma *construção é uma unidade básica da língua* e que a gramática é uma rede de construções organizadas hierarquicamente na cognição humana. Partindo dessa base teórica, consideramos que orações com *sempre que* e com *toda vez que* são microconstruções instanciadas por uma construção maior, a construção  $[[X \text{ QUE}]_{\text{CONNECT}} ] \text{ Or. Adv.}]$  (cf. SILVA; CEZARIO, 2019; CEZARIO; LONES, 2020). Dessa forma, essa rede construcional seria composta de um nível abstrato, sendo o mais alto da rede,  $[[X \text{ QUE}]_{\text{CONNECT}} ] \text{ Or. Adv.}]$ , seguido de um nível mais específico, com um slot já preenchido,  $[[\text{Adv. Temp. QUE}]_{\text{CONNECT}} ] \text{ Or. Adv.}]$ , o qual, por sua vez, instancia um nível ainda mais específico, configurando, então, as microconstruções  $[[\text{SEMPREQUE}]_{\text{CONNECT}} ] \text{ Or. Adv.}]$  e  $[[\text{TODA VEZQUE}]_{\text{CONNECT}} ] \text{ Or. Adv.}]$ . O banco de dados deste trabalho é formado por um total de 200 dados (100 de cada microconstrução), retirados do *Corpus do Português*, um *corpus* online que reúne textos de diferentes gêneros discursivos, referentes às diversas variedades do português. Para controlar o tipo de variedade do português, uma vez que consideramos somente o português brasileiro, partimos da própria distinção feita pelo *corpus* ao elencar todos os excertos. Nossa hipótese central é a de que essas microconstruções, embora se apresentem em contextos semelhantes, não são sinônimas. Nosso objetivo é, portanto, verificar as tendências de uso de cada uma delas e o que motivaria o falante a usar uma ou outra em um determinado contexto, a partir de vários fatores linguísticos estabelecidos para a análise dos dados. A partir dos resultados obtidos até o momento, constatamos que essas duas microconstruções, ainda que possuam aspectos em comum, apresentam algumas tendências de uso distintas, tais como a predileção de *toda vez que* por orações antepostas; a alta frequência do modo subjuntivo com *sempre que* e o emprego de itens verbais mais subjetivos e menos factuais com essa microconstrução; ao passo que, com *toda vez que*, há predominância do modo indicativo e o emprego de itens verbais mais factuais. Observamos, ainda, que há uma tendência de uso da microconstrução *sempre que* em orações não pressupostas, ou seja, orações que veiculam uma informação nova ou não inferível no contexto, enquanto a microconstrução *toda vez que* não apresenta diferença significativa quanto a esse fator. Diante disso, concluimos, a priori, que, enquanto uma microconstrução é acionada em um contexto de maior subjetividade, a outra é preferida em contextos de menor subjetividade.

**Palavras-chave:** LFCU, Gramática de Construções, orações hipotáticas

## A DESCRIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES FORMADAS PELA CONJUNÇÃO “LOGO” NO PORTUGUÊS: UM CASO DE PONTO DE VISTA

*Malvina Maria de Oliveira*  
*malvina.oliveira@estudante.ufjf.br*  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*

Tendo em vista a regularidade da gramática com base em esquemas abstratos mais gerais, o presente estudo se apoia nos princípios da Linguística Cognitiva, tendo a centralidade

da significação, a construção, ou seja, o pareamento forma-função e o contínuo léxico-gramática como norteadores da pesquisa. Segundo essa visão, o significado é uma construção cognitiva através do qual o mundo é apreendido e experienciado. (FILLMORE; KAY, 1999; GOLDBERG, 1995, 2006; LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008). Em especial no tocante ao objeto de pesquisa, o estudo tem como objetivo a verificação e a explicação de como as construções formadas pela conjunção logo: “P logo (que) Q”, “P logo Q” e “P logo (eu que) Q” atendem a propósitos discursivo-pragmáticos distintos, uma vez que são sintaticamente distintas, devendo ser, portanto, semântica ou pragmaticamente distintas também obedecendo, assim, o Princípio da Não-Sinonímia (GOLDBERG, 1995, p. 67). Considerando a evolução da conjunção “logo” do ponto de vista semântico, argumentamos que a construção formada por este item em questão possui, em sua gênese, um sentido espacial que evoluiu para o sentido temporal e daí para o sentido conclusivo (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007), apoiada nas relações de extensão semântica constituídas pelos falantes em suas interações verbais (TRAUGOTT; DASHER, 2005). Argumentamos ainda que tais construções sinalizam perspectiva ou ponto de vista (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; VERHAGEN, 2005, 2008, 2013), visto que ocorrem em contextos interacionais em que falante e interlocutor exibem perspectivas distintas sobre um dado evento de fala, contribuindo para um não-alinhamento de pontos de vista (ALMEIDA, 2010; ALMEIDA; FERRARI, 2012; ALMEIDA, 2019). A metodologia empregada no presente trabalho é de caráter quantitativo-qualitativo (COOK & REICHARDT, 1979; RICHARDSON, 1985; CRESWELL, 2010) e se baseia na Linguística de Corpus (BERBER-SARDINHA, 2000; TAGNIN, 2002; McNERY & HARDIE, 2012). Assim, tendo em vista uma maior representatividade da língua portuguesa, utilizamos como *corpus* de estudo o Corpus do Português (Mark Davies, 2018) uma vez que é composto por artigos de revistas e jornais na web. Resultados preliminares apontam para processos metonímicos e metafóricos, essencialmente intersubjetivos, que licenciam a interpretação das construções em uma relação de gradiência em que sentidos mais deiticamente ancorados dão lugar a sentidos mais ancorados na díade falante/interlocutor (TRAUGOTT ; DASHER, 2005).

**Palavras-chave:** Linguística Cognitiva, conjunção logo, perspectiva

## O CONECTOR “SE” NA TRAJETÓRIA DIACRÔNICA DAS CONSTRUÇÕES IDIOMÁTICAS COM [VÊ/VEJA] SE S NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Dennis de Oliveira Alves*  
*dennisalves@letras.ufrj.br*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Este trabalho busca delinear a trajetória diacrônica das construções idiomáticas de avaliação negativa com [VÊ/VEJA] SE S (como em “Vê se não se atrasa” e “Vê se isso é hora de acordar”) no português brasileiro. Tendo como arcabouço teórico a Gramática de Construções Baseada no Uso e o modelo de mudança proposto por Traugott e Trousdale (2013), buscamos fornecer explicações acerca do surgimento e posterior desenvolvimento dessas construções na língua. Para isso, adotamos, do ponto de vista

metodológico, a análise quantitativa e qualitativo-interpretativa de dados extraídos do *Corpus* do Português. Em síntese, o que os resultados demonstram é que a primeira construção idiomática com [VÊ/VEJA SE] S, especializada na função de dirigir uma cobrança ao interlocutor, surge no século XIX a partir de um mecanismo de neanálise de construtos de uma construção específica de imperativo com complemento oracional. No século XX, esta construção recém-surgida dá origem, via analogização, a uma segunda construção idiomática com [VÊ/VEJA SE] S, cuja função é a de manifestar discordância em relação a uma crença atribuída a um dado Sujeito de Consciência. Finalmente, os dados revelam que o século XXI parece contar com o surgimento de uma terceira construção idiomática – a Construção [VÊ SE] PODE (S) –, que se dá devido à alta frequência de uso da segunda construção com o predicador verbal “poder”. Vale destacar que a análise da trajetória diacrônica dessas construções envolve mudanças na representação mental do conector “se”, presente na construção original de imperativo com complementação sentencial.

**Palavras-chave:** neanálise, analogização, vê/veja se, mudança linguística, conector

\*\*\*\*\*

## SIMPÓSIO 5 - Conexão e Cognição

19/10 - 11h às 12h30 (2ª parte)

**Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ) e Prof. Dr. Roberto de Freitas Júnior (UFRJ)**

1. Análise do conceito de paralelismo em orações coordenadas na língua inglesa sob a perspectiva da Gramática Cognitiva
2. Graus de comprometimento do jornalista em manchetes de discurso reportado
3. A noção de *construal* na rede de construções -ING: proeminência, perfilamento e subjetificação

\*\*\*\*\*

### **ANÁLISE DO CONCEITO DE PARALELISMO EM ORAÇÕES COORDENADAS NA LÍNGUA INGLESA SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA COGNITIVA**

*Gabriel Cássio Moreira Monteiro  
cassio.moreira.monteiro@gmail.com  
Universidade Federal de Juiz de Fora*

Este trabalho aborda o conceito de paralelismo em orações coordenadas sob a perspectiva da Linguística Cognitiva (FILLMORE; KAY, 1999; GOLDBERG, 1995, 2006; LANGACKER, 2008), argumentando que a reconhecida relação de independência entre as orações coordenadas (LEECH; SVARTVIK, 1975; BIBER, 2002) se apoia em processos mentais de construção do significado, mais precisamente em processos (inter)subjetivos (TRAUGOTT; DASHER, 2005; LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; VERHAGEN, 2005, 2008, 2013) de orientação argumentativa (VERHAGEN, 2005) em que a perspectiva ou o ponto de vantagem (LANGACKER, 1990) contribuem para o *construal* (LANGACKER, 1990; VERHAGEN, 2005) da cena a ser descrita em um viés discursivo-pragmático. Quando duas orações são combinadas para formar uma sentença complexa, elas irão distinguir-se em seu estado (LANGACKER, 2008); algumas serão classificadas como subordinadas e outras como coordenadas. Segundo a gramática tradicional (BECHARA, 1988; CUNHA & CINTRA, 1985), orações coordenadas se caracterizam pela independência entre si dentro de uma sentença. De acordo com Langacker (2008, 2012), as orações podem representar qualquer categoria gramatical nesse sistema de composicionalidade coordenado. Para o teórico da GC (LANGACKER, 2008), elas participam de forma independente e na mesma proporção do mesmo conjunto de relações gramaticais. Seguindo os pressupostos da GC (LANGACKER, 2008), o comportamento paralelo gramatical implica que essas orações também sejam paralelas semanticamente. Nominalmente completas, cada uma das orações perfila uma instância fundamentada que pode torná-las semelhantes abstratamente entre si (Langacker, 2008). Do ponto de vista gramatical, a coordenação consiste em uma posição dentro de um padrão estrutural que pode ser multiplamente instanciado (Langacker, 2008). Seguindo os pressupostos da gramática cognitiva (LANGACKER, 2008), coloca-se o questionamento de como as orações se relacionam uma com a outra e qual a influência da presença ou ausência (elipse) de conectivos. Soma-se se ainda uma reflexão sobre os processos mentais que influenciam na construção e interpretação de sentenças compostas coordenadas. A metodologia é de natureza quantitativo-qualitativa (COOK; REICHARDT, 1979; RICHARDSON, 1985; CRESWELL, 2010), tendo o COCA como o corpus de estudo. Análises preliminares apontam para processos de conjunção ou de disjunção cognitiva (ALMEIDA, 2010; ALMEIDA; FERRARI, 2012; ALMEIDA, 2019) em que se evidencia o jogo argumentativo intersubjetivo de negociação de pontos de vista (LANGACKER, 1990).

**Palavras-chave:** coordenação, paralelismo, Gramática Cognitiva, orações

## **GRAUS DE COMPROMETIMENTO DO JORNALISTA EM MANCHETES DE DISCURSO REPORTADO**

*Caroline Soares da Silva  
caroline.soares@gmail.com  
Universidade Federal do Rio de Janeiro*

A proposta deste trabalho é investigar manchetes *on-line* de jornais brasileiros, em que se verifica a ocorrência de discurso reportado, com base no aparato teórico-metodológico da Linguística Cognitiva. O objetivo é mapear os atos de fala realizados nessas manchetes e as estratégias de compressão de ponto de vista que se refletem na estrutura linguística, propondo uma abordagem do ato de “noticiar”, a partir da articulação entre a Teoria dos Atos de Fala (Austin, 1962; Searle, 1969), a Teoria da Mesclagem Conceptual

(Fauconnier & Turner, 2002) e a Teoria da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 1996). Dentro dessa perspectiva, o ato de “noticiar” um evento, incorporado a outros atos de fala realizados pelas fontes, funciona como um articulador discursivo, encaixando o ponto de vista do jornalista no ponto de vista do falante reportado. De modo específico, o ato de “noticiar” estabelece uma conexão com o ato de fala reportado, dando ênfase aos argumentos de uma personalidade ou instituição importante. Com relação ao recorte do objeto de estudo, foram selecionadas manchetes em que a notícia reporta a fala de outrem. As estruturas formais observadas nos dados foram as seguintes: discurso indireto, discurso direto, mesclagem de discurso indireto e direto e discurso reportado sem o verbo *dicendi*. Com base nos recursos linguísticos observados na estrutura formal das manchetes, investigamos os processos cognitivos subjacentes, a partir da relação entre os aspectos formais e o tipo de ato de fala reportado. A contribuição do trabalho contempla novas discussões a respeito do estudo do discurso reportado e dos atos de fala e sua aplicação em contextos reais de uso, argumentando que as manchetes de discurso reportado podem constituir a âncora material de um processo de mesclagem conceptual, envolvendo o ato de fala assertivo realizado pelo jornalista, de um lado, e o ato de fala realizado pelo falante reportado na notícia, de outro. Essa operação envolve também uma compressão de tempo, já que há uma distância temporal entre o ato de noticiar, concomitante à produção da manchete, e a fala reportada, realizada anteriormente. Os resultados indicam que as diferentes estruturas sintáticas estão, na verdade, a serviço do grau de comprometimento que o jornalista quer manter com a fala reportada.

**Palavras-chave:** manchete jornalística, ato de fala, discurso reportado, mesclagem conceptual

### **A NOÇÃO DE *CONSTRUAL* NA REDE DE CONSTRUÇÕES –ING: PROEMINÊNCIA, PERFILAMENTO E SUBJETIFICAÇÃO**

*Iván de Jesús Davis Ulloa*  
*idavis.letras@gmail.com*

*Universidade Federal de Juiz de Fora*

*Sandra Aparecida Faria de Almeida*  
*sandra.sf@gmail.com*

*Universidade Federal de Juiz de Fora*

O presente trabalho discute as construções -ING no par linguístico inglês-espanhol com base nos conceitos de proeminência, perfilamento e subjetificação, apoiados na Gramática Cognitiva, postulando que tais construções se organizam em uma rede radial que tem como base a sua função prototípica, a verbal progressiva, que compartilham um conjunto de propriedades semânticas que permite ancorá-las no discurso, em uma perspectiva mais concreta, alinhada com a cena narrativa, em que assume um *construal* mais objetivo, passível de ser descrito em uma sobreposição do plano narrativo com o plano da ação, perfilando-se, dessa forma, aspectos proeminentes do *ground* em uma relação de progressividade deitivamente ancorada. Por outro lado, em seus usos adverbial, adjetival e nominal, postula-se que o *construal* se torna cada vez mais subjetivo,



apresentando um afastamento paulatino da função progressiva com gradual redução de ancoragem no *ground* e maior dependência de relações metonímicas e metafóricas que se estabelecem na díade falante-interlocutor em relações de simultaneidade, duratividade, contiguidade e assim por diante, evidenciando um escaneamento mental sequencial ou sintético, que reflete aspectos do *construal*, apreciando-se uma extensão de sentido da construção que vai de leituras mais concretas para mais abstratas, as quais podem, ou não, exibir resquícios da função prototípica, desde que se apoiem nos elementos contidos na construção, i.e. interação falante-interlocutor e, frequentemente, a semântica do verbo. A metodologia é de natureza quantitativo-qualitativa e se apoia em um corpus compilado da obra original em inglês “The Adventures of Sherlock Holmes”, de Arthur Conan Doyle, e sua versão traduzida para o espanhol, resultando em um corpus paralelo alinhado manualmente que contabiliza cerca de 2500 ocorrências da construção. Análises prévias corroboram o entendimento da construção –ING como um pareamento forma–função por meio do qual a construção constitui-se em uma unidade simbólica, que opera a continuidade entre léxico e gramática, tal como defendido pelas abordagens construcionais da gramática.

**Palavras-chave:** Linguística Cognitiva, Gramática Cognitiva, Gramática das Construções, Construal, Construção –ING

\*\*\*\*\*

## SIMPÓSIO 6 - Conexão e RST

18/10 - 14:30h às 17h

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antônio (UEM)

1. A estrutura retórica de redações nota máxima do ENEM.
2. A relação retórica de elaboração sinalizada pelo marcador discursivo MAS em aulas e em entrevistas orais.
3. A importância da identificação da unidade central para a definição da superestrutura de textos do gênero carta aberta em contexto de avaliação.

\*\*\*\*\*

## A ESTRUTURA RETÓRICA DE REDAÇÕES NOTA MÁXIMA DO ENEM

*Luciano Araújo Cavalcante Filho  
lucianoaraujo81@yahoo.com.br  
Universidade Federal do Ceará*

Nosso estudo, fundamentado na Teoria da Estrutura Retórica (*RhetoricalStructureTheory* – RST), corrente teórica que investiga a organização textual por meio da análise de uma rede de relações retóricas descritas com base nos propósitos comunicativos do falante/produtor do texto, assim como no julgamento que ele faz acerca de seu ouvinte/leitor, busca demonstrar o modo como se dá a estrutura retórica da redação do ENEM. Por meio da análise de um *corpus* constituído por 45 produções textuais nota máxima que discorrem acerca de 7 temas distintos aplicados nas provas do ENEM entre os anos de 2013 e 2019, todas divulgadas por meio das Cartilhas do Participante do ENEM (BRASIL, 2016, 2017, 2018a, 2019 e 2020a), buscamos cumprir o objetivo geral de nossa pesquisa, ou seja, identificar padrões regulares na estrutura retórica das redações de nota máxima no ENEM (2013-2019). Além disso, procuramos cumprir, também, os seguintes objetivos específicos: elaborar e propor, com base no cotejo das propostas de classificação das relações retóricas e na análise de redações nota máxima do ENEM (2013-2019), um quadro teórico de relações empiricamente observáveis; verificar quais relações retóricas emergem com maior frequência entre as porções que integram as redações de nota máxima do ENEM (2013-2019) analisadas; e identificar, com base nos resultados obtidos, as similaridades e diferenças entre a análise das redações de nota máxima do ENEM (2013-2019) com base na RST e os critérios de avaliação exigidos na prova de produção textual do referido exame. Como resultados parciais desta tese em andamento, pudemos identificar que, quanto à articulação entre as porções textuais correspondentes às Unidade Retóricas Composicionais (URCs) de introdução e de desenvolvimento, a relação retórica de EVIDÊNCIA predominou em 43 redações (96%), ocorrências em que interpretamos a URC de introdução como a porção nuclear e, conseqüentemente, a URC de desenvolvimento como o satélite. Constatamos, também, que a URC de conclusão articulou-se ao restante do texto por meio da relação retórica de INTERVENÇÃO em 43 redações (96%), o que confirma ser essa URC a porção preferencial para que se apresente a proposta de intervenção, item obrigatório segundo os quesitos de avaliação do ENEM.

**Palavras-chave:** Funcionalismo, Teoria da Estrutura Retórica, relações retóricas, redação do ENEM

## **A RELAÇÃO RETÓRICA DE ELABORAÇÃO SINALIZADA PELO MARCADOR DISCURSIVO *MAS* EM AULAS E EM ENTREVISTAS ORAIS**

*Gabriele Pecuch*  
*gabrielepecuch@hotmail.com*  
*Universidade Estadual de Maringá*

Esta pesquisa busca investigar o funcionamento do marcador discursivo (MD) *mas* no âmbito da organização textual, como marca formal da relação retórica de elaboração. Além de seu uso como conectivo de sentenças coordenadas, o *mas* atua no discurso integrando o vasto grupo dos marcadores discursivos, que compreende diversas classes de palavras como advérbios, pronomes e conjunções (SCHIFFRIN, 1987). Como MD, este item indica um vínculo interpretativo entre duas partes de um texto, conectando conteúdos proposicionais subjacentes de duas orações. De acordo com Jubran (2006),

alguns marcadores sequenciais como o *mas* também podem atuar na organização dos tópicos discursivos. Em nossa análise, observou-se o potencial do *mas* MD na estruturação tópica de dois diferentes gêneros, a partir de *corpora* constituídos de oito aulas e de dez entrevistas orais disponíveis no banco de dados do Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná (Funcpar). Como fundamentação teórica, este estudo utilizou a Teoria da Estrutura Retórica (Rhetorical Structure Theory – RST) (MANN & THOMPSON, 1988; MANN, MATTHIESSEN & THOMPSON, 1989), uma teoria descritiva funcionalista que se dedica ao estudo das relações de coerência estabelecidas entre as partes de um texto. As relações estudadas pela RST partem do nível discursivo e não exigem a presença de marcas formais para serem estabelecidas, no entanto, podem ser sinalizadas por elementos como o *mas*. Proposta originalmente por Mann e Thompson (1988), a elaboração é uma das relações núcleo-satélite de *conteúdo*, as quais não apresentam a intenção de agir sobre o destinatário, procurando que ele apenas as reconheça. Nessa relação, o satélite apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentado no núcleo. A partir de nossa perspectiva teórica, demonstrou-se que o MD *mas* sinaliza a relação de elaboração em estratégias de organização tópica (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006; JUBRAN, 2006) como a introdução de novos subtópicos e as perguntas retóricas. Especificamente nas entrevistas, constatou-se que o item também atua na estrutura de troca (SCHIFFRIN, 1987) ao iniciar tomadas de turno alternadas entre entrevistador e informantes. Nessas ocorrências, apesar de o *mas* sinalizar apenas uma relação retórica, a de elaboração, encontraram-se algumas especificidades.

**Palavras-chave:** *mas*, marcador discursivo, RST

### **A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE CENTRAL PARA A DEFINIÇÃO DA SUPERESTRUTURA DE TEXTOS DO GÊNERO CARTA ABERTA EM CONTEXTO DE AVALIAÇÃO**

*Sâmia Leticia Cardoso dos Santos*  
*profesamialcdossantos@gmail.com*  
*Universidade Estadual de Maringá*

Este trabalho toma como objeto a capacidade que os falantes têm de sumarizar seu conteúdo por meio de seus tópicos principais. Para Van Dijk (1980, p. 40-41, tradução nossa, grifos do autor), “esperamos que o discurso seja organizado em torno de um ‘núcleo’ semântico que intuitivamente chamamos de tema ou tópico”. Ainda conforme Van Dijk (1980), os tópicos discursivos são propriedades do sentido global do texto, necessárias para que o texto seja globalmente coerente. Segundo Iruskieta et al. (2015), alguns termos têm sido utilizados para nomear a síntese do sentido global do texto: declaração da tese (BURSTEIN et al., 2001), proposição central (PARDO et al., 2003), subconstituente central (EGG; REDEKER, 2010), unidade central (STEDE, 2008). Como este trabalho está embasado na *Rhetorical Structure Theory* (RST), mesmo modelo teórico-metodológico utilizado no estudo de Stede (2008), optou-se por utilizar o termo “unidade central”. Conforme a RST, a nuclearidade é um princípio organizador da coerência discursiva. Dessa forma, a detecção da UC focaliza a porção de informação

mais essencial e relevante, o núcleo com o qual todas as outras porções textuais estão relacionadas. Com base nesse embasamento teórico, este trabalho tem como objetivo investigar os critérios utilizados na identificação da unidade central (doravante UC) utilizados por anotadores com conhecimento da RST. Pretende-se também demonstrar que a identificação da UC é essencial para se descrever a estrutura retórica do gênero analisado neste estudo. O corpus de análise é formado por 100 textos do gênero carta aberta produzidos por candidatos do Processo de Avaliação Seriada da Universidade Estadual de Maringá (PAS-UEM – é destinado unicamente a alunos matriculados no Ensino Médio, e as provas são realizadas ao final de cada série). Ao término do Ensino Médio, os estudantes já terão realizado três avaliações. Em termos metodológicos, para a RST, a detecção da UC de um texto é um passo essencial na anotação das relações retóricas, uma vez que “um maior grau de concordância com relação à unidade central leva a um maior grau de concordância nas relações retóricas ligadas à unidade central” (IRUSKIETA et al. (2015, p. 88, tradução nossa). Em termos acadêmicos, o estudo da UC pode trazer benefícios para o ensino de produção textual. Textos desenvolvidos conscientemente a partir de uma UC tendem a ser mais organizados e ser melhor avaliados em contextos de avaliação como o requerido pelo vestibular, por exemplo. A partir do cotejo dos critérios utilizados pelos anotadores para identificação da UC nos textos do corpus, foi possível verificar como a determinação da UC é essencial para a análise da estrutura retórica, pois a UC é o núcleo para o qual apontam todas as outras porções do texto.

**Palavras-chave:** RST, UC, relações retóricas, superestrutura, gênero carta aberta

\*\*\*\*\*

## SIMPÓSIO 7 - Conexão e Ensino

18/10 - 14h30 às 17h

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lucia Deborah (Colégio Pedro II) e  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Moura da Rocha (UERJ)

1. Ocorrência dos pronomes relativos em textos de graduandos de Letras do Instituto Federal Fluminense.
2. Cláusula hipotática de modo e a construção da argumentação: uma reflexão para o ensino.
3. Leitura literária e conexão de orações: uma análise à luz da Sistêmico-Funcional.
4. Eduardo, Mônica e conjunções: relato de experiência presencial e remota no 9º ano do Ensino Fundamental

\*\*\*\*\*

## OCORRÊNCIA DOS PRONOMES RELATIVOS EM TEXTOS DE GRADUANDOS DE LETRAS DO INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE

*Thiago Simão da Silva Manhães*  
*manhaest93@gmail.com*  
*IFFluminense*

*Marilia Siqueira da Silva*  
*mss@iff.edu.br*  
*IFFluminense*

O presente trabalho visa analisar o uso de pronomes relativos por alunos da Licenciatura em Letras – Português e Literaturas do Instituto Federal Fluminense (IFFluminense) campus Campos Centro. Para tanto, utilizam-se como *corpus* produções textuais de estudantes do quarto período no primeiro semestre letivo de 2018 e da mesma turma, já no sexto período, no primeiro semestre de 2019. A escolha desse grupo de alunos justifica-se por dois motivos: estar cursando, inicialmente, a disciplina Leitura e Produção Textual IV, quando recebeu a tarefa de elaboração de um texto a respeito da sua história individual com a escrita, e ainda não ter passado pelo processo de aprendizagem do conteúdo gramatical envolvendo o pronome relativo, o que se deu no sexto período, no componente curricular Sintaxe da Língua Portuguesa III. Objetiva-se, assim, verificar o impacto do ensino dos pronomes relativos nas produções escritas, uma vez que, em uma análise parcial do material coletado até o presente momento, percebeu-se que não há uso diversificado de tais pronomes e que seu emprego nem sempre se efetiva segundo a norma-padrão, o que pode acarretar problemas de coesão e coerência, sendo a primeira a interligação entre as partes de um texto para que se alcance a unidade de sentido e conseqüente sucesso no fazer-se compreender. Entende-se ainda que a coesão se revela por meio da utilização de marcas linguísticas que atuam na superfície textual, atribuindo-lhe caráter linear, visto dizer respeito à combinação de elementos, de frases ou partes delas. Como o estudante, ao alcançar os degraus do ensino superior, o faz trazendo conhecimentos escolares anteriores, a averiguação da abordagem de pronomes relativos nos níveis fundamental e médio torna-se necessária. Dessa forma, a metodologia deste trabalho, embasada em Marconi e Lakatos (2017) e Thiollent (2011), pauta-se nas pesquisas bibliográfica e de campo, uma vez que, além da revisão de definições e modos de apresentação do tema em gramáticas da língua portuguesa, realiza-se a análise de materiais didáticos utilizados por docentes da educação básica a fim de se cotejarem as diferentes abordagens dos pronomes relativos e as estratégias de ensino dos mesmos. No que tange à pesquisa de campo, são coletadas, por meio de questionários *on-line*, informações de professores das esferas pública e privada, de forma a se conhecer a dinâmica de ensino-aprendizagem dos conectores em tela, os quais constituem recursos de substituição gramatical inseridos no procedimento denominado substituição que, por sua vez, estabelece uma relação textual do tipo reiteração. Para embasamento teórico da relação entre coesão e coerência, recorre-se a Antunes (2005), bem como a Koch e Travaglia (2007). Espera-se, com esta pesquisa ainda em curso, contribuir para a reflexão docente a respeito da abordagem do conteúdo e para a formação de estudantes competentes no que tange à coerência decorrente da utilização adequada e diversificada dos pronomes relativos, um dos recursos coesivos à disposição do falante da língua.

**Palavras-chave:** coesão, pronome relativo, produção textual, Letras, IFFluminense

## CLÁUSULA HIPOTÁTICA DE MODO E A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO: UMA REFLEXÃO PARA O ENSINO

Amanda Heiderich Marchon  
amandahch.lettras@gmail.com  
UFES

Geovana Franco Teixeira  
geovanaft@id.uff.br  
UFF

Há décadas, a articulação entre oração principal e subordinada tem sido objeto de estudo sob várias perspectivas teóricas e ocupa espaço central nas aulas de sintaxe na Educação Básica. Embora seja ponto pacífico entre os estudiosos que a análise das orações ultrapassa o nível da sentença e alcança o nível do discurso, não é essa a prática veiculada pela tradição gramatical nem verificada em muitas aulas de Língua Portuguesa. Diversos gramáticos, professores e autores de livros didáticos ainda restringem o estudo do período composto ao âmbito da classificação de orações e do reconhecimento dos conectores que as constituem, sem que sejam problematizados os usos nos cotextos e contextos, associando as questões pragmático-discursivas relevantes à análise desse tópico. Cientes de que o estudo da língua materna não se esgota na descrição e na classificação dos elementos que a estruturam, bem como considerando a gramática não como um fim, mas como um meio através do qual a capacidade de comunicação é desenvolvida, analisaremos os mecanismos que ligam sintática, semântica e pragmaticamente as sentenças umas às outras na tessitura textual. Mais especificamente, focalizaremos as orações adverbiais (cláusulas hipotáticas circunstanciais, nos termos Funcionalistas) que veiculam a noção de modo, atentando-nos para o fato de que são estruturas que encadeiam raciocínios lógicos, contribuindo, pois, para a construção da argumentativa do discurso. Rocha Lima (2011, p. 353) considera “o *modo* (juntamente com o *tempo* e o *lugar*) a mais fundamental das circunstâncias”. Apesar desse reconhecimento, as cláusulas hipotáticas modais, além de não serem contempladas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) no âmbito da subordinação adverbial, também não recebem tratamento consensual entre os gramáticos. Tendo em vista que muitos compêndios didáticos tendem a espelhar os preceitos da tradição gramatical e a reproduzir o raciocínio classificatório da NGB, deixando de lado as cláusulas modais, pretendemos, neste trabalho, mostrar que essas estruturas, além de serem frequentes no português em uso, materializam importante estratégia argumentativa. Para tanto, debruçamo-nos sobre dois artigos de opinião que defendem teses opostas, publicados no ano de 2020, pelo jornal Folha de São Paulo, na coluna Tendências e Debates, dos quais provém nosso *corpus* de análise. Metodologicamente, consideramos não só o nível microtextual, pautado nas cláusulas, mas também o nível macrotextual, que considera o projeto argumentativo do enunciador. Intentamos, pois, discutir, à luz dos pressupostos teóricos do Funcionalismo, a importância de as análises linguísticas propostas nas aulas de Língua Portuguesa ultrapassarem o nível frástico e atingirem o nível discursivo, a fim de que o objetivo primeiro estabelecido pelos documentos oficiais que regem a Educação Básica no Brasil seja cumprido: desenvolver a competência comunicativa do estudante, a fim de que ele entenda e produza textos nas diversas esferas sociais.

**Palavras-chave:** cláusula hipotática de modo, argumentação, ensino

## LEITURA LITERÁRIA E CONEXÃO DE ORAÇÕES: UMA ANÁLISE À LUZ DA SISTÊMICO-FUNCIONAL

*Isadora de V. Picanço*  
*isadoravpicanco@gmail.com*  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

*Thamara S. de Castro*  
*thamarascastr@gmail.com*  
*Colégio Universitário Geraldo Reis (ColUni- UFF)*

Apesar das duas décadas que os afastam, os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular são documentos que preconizam que o ensino de língua portuguesa deve ser articulado ao uso social da língua. Nesse sentido, o tratamento da língua materna nos anos da educação básica deve ser voltado para o desenvolvimento da competência discursiva dos sujeitos a fim de alcançar não só a consciência, mas principalmente a autonomia em diferentes contextos de práticas sociais. Por essa razão, estimular a reflexão sobre o potencial dos recursos linguísticos utilizados em textos é fundamental, já que, segundo Gouveia (2009, p.14), “a natureza da língua está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções que deve servir”. Tendo em vista essa afirmação, o presente trabalho visa demonstrar como as escolhas das formas de conexão contribuem para a construção textual dos contos *O homem cuja orelha cresceu* e *O arquivo*. A fim de alinhar a prática pedagógica à perspectiva funcional-reflexiva no trabalho com a língua dos documentos reguladores, toma-se como base a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATHIESSEN, 2014), em que “a consideração do sistêmico implica a consideração de escolhas entre os termos do paradigma, sob a ideia de que escolha produz significado.” (Neves, 1997, p.60). A cada etapa do gênero, identificaram-se os tipos de relações táticas e lógico-semânticas que a compunham, relacionando-as à função comunicativa das partes do texto. Nesse processo, observou-se, nos dois contos, o predomínio de estruturas coordenadas, as quais marcam o ritmo da transformação das personagens ao longo do texto. Assim, por meio da análise dessas narrativas, este trabalho pretende observar como as estruturas linguísticas de coesão textual influenciam na produção de sentido do texto literário, uma vez que contribuem para o desenrolar das etapas que constroem seu enredo, aliando-se o ensino de estruturas linguísticas à prática da leitura literária, o que possibilita o desenvolvimento do senso estético e a valorização da literatura (BNCC, 2017, p. 87).

**Palavras-chave:** Linguística Sistêmico-Funcional, conto, conexão, ensino

## EDUARDO, MÔNICA E CONJUNÇÕES: RELATO DE EXPERIÊNCIA PRESENCIAL E REMOTA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Daniel Moutinho Souza*  
*daniel.moutinho@gmail.com*  
*Colégio Pedro II (RJ)*

Este trabalho relata experiências pedagógicas realizadas no 9º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Pedro II (Rio de Janeiro), campus Tijuca II, entre 2018 e 2021. A atividade utiliza a letra da canção “Eduardo e Mônica”, de Renato Russo, como ponto de partida. Vinte conectivos são substituídos por lacunas, e os estudantes são estimulados a inferir os termos pertinentes em cada verso em função da narrativa que é construída ao longo do texto. Em seguida, comparam-se e discutem-se as sugestões oferecidas, e a canção é executada para estabelecer o “gabarito”. Com isso, espera-se que os estudantes percebam como as estruturas conectoras operam para a construção do sentido e como as alternativas oferecidas no primeiro momento da aula poderiam ser coerentes com o texto, gerando outras possibilidades semântico-discursivas. Num terceiro momento, os valores semânticos das conjunções empregadas são sistematizados e discutidos com a turma. O material foi originalmente projetado para o ensino presencial e abordava especificamente as conjunções coordenativas, conforme o Projeto Político Pedagógico Institucional do colégio previa para a série. Em 2020-21, foi adaptado para o formato remoto, tanto em função do próprio modelo de aula quanto das mudanças programáticas e metodológicas discutidas pelo Departamento de Português do colégio para o momento pandêmico. No contexto do ensino remoto, a atividade adquiriu escopo mais amplo, passando a abordar também conjunções subordinativas. Além disso, na modalidade *on-line* foi possível registrar de maneira sistematizada as sugestões dos discentes por meio do *chat*, o que abre uma possibilidade de análise mais detida do seu repertório linguístico. Este trabalho aproxima-se de uma abordagem funcionalista, na medida em que privilegia o uso social da linguagem, e não a estrutura sintática como princípio norteador da dinâmica da aula.

**Palavras-chave:** letra de canção, relato de experiência, conjunções coordenativas, Ensino Fundamental, Funcionalismo

\*\*\*\*\*

## SIMPÓSIO 8 - Conexão e Interface Corpo-Gramática

18/10 - 14h30 às 17h

Profª Drª Raquel Freitag (UFS)

1. Máscaras de proteção facial na interação face a face: estratégias de conexão.
2. Os sentidos dos diminutivos e as expressões faciais no Português brasileiro
3. Efeitos linguísticos, acústicos e de expressões faciais na inferência dos sentidos indicados por (eu) acho que
4. Mapeamento e descrição de movimentos corporais na formação de sentenças por uma criança com Transtorno do Espectro do Autismo não verbal.



5. Descrição da interação envolvendo crianças com Transtorno do Espectro do Autismo não verbais a partir de uma perspectiva corporificada da interação.

\*\*\*\*\*

## **MÁSCARAS DE PROTEÇÃO FACIAL NA INTERAÇÃO FACE A FACE: ESTRATÉGIAS DE CONEXÃO**

*Victor Renê Andrade Souza*  
*victor.andrade573@gmail.com*  
*Universidade Federal de Sergipe*

*Vitória Laís Santos Silva*  
*vitorialaisufs@gmail.com*  
*Universidade Federal de Sergipe*

A pandemia da doença COVID-19, causada pelo SARS-CoV-2 (popularmente conhecido como novo coronavírus), impôs alterações significativas às diversas formas de interação humana. O distanciamento social, a higienização das mãos e o uso de máscaras faciais são as principais medidas preventivas listadas pela Organização Mundial de Saúde no atual contexto pandêmico e com eficácia comprovada cientificamente (CHU *et. al.*, 2020). No Brasil o uso de máscaras faciais é uma medida obrigatória durante a pandemia do SARS-CoV-2 (BRASIL, 2020). No entanto, apesar de eficaz na mitigação da propagação do novo coronavírus, o uso de máscaras faciais interfere no processo de interação face a face (SPITZER, 2020; MAGEE *et. al.*, 2020; BOTTALICO *et. al.*, 2020). A utilização da máscara facial implica em pelo menos duas consequências à inteligibilidade da fala durante interações face a face: i) o sinal auditivo é prejudicado, pois a máscara funciona como uma barreira à saída do som; e ii) o sinal visual dos lábios é obstruído, tendo em vista que a máscara cobre toda a parte inferior da face. Assim, as duas extremidades da interação face a face percebem as interferências da máscara facial (BOTTALICO *et. al.*, 2020): o ouvinte percebe uma diminuição da inteligibilidade da fala e o falante despende maior esforço vocal para se comunicar. Diante dessa problemática, o objetivo do presente trabalho é discutir estratégias de conexão a que os falantes recorrem para manter a eficiência da troca comunicacional durante o uso obrigatório de máscaras de proteção facial. O *corpus* da investigação é constituído por 6 entrevistas realizadas com informantes de diferentes perfis sociais e localizações geográficas do estado de Sergipe quanto à autopercepção sobre o uso do equipamento de proteção facial. Problemas de comunicação decorrentes do uso de máscaras faciais não foram observados nas entrevistas. Entretanto, por meio da análise da autopercepção dos falantes, observamos que o uso de máscaras faciais interfere na inteligibilidade da fala e que os falantes recorrem a estratégias de conexão para que a interação ocorra de modo eficiente: precisam perguntar o que foi dito, repetir, falar em tom de voz mais elevado. Além disso, os falantes compensam a ausência de visibilidade da parte inferior do rosto (boca, nariz) dando atenção a outros elementos faciais, como os olhos e a sobrancelha.

**Palavras-chave:** máscaras de proteção facial, pandemia, interação face a face, estratégias de conexão

## OS SENTIDOS DOS DIMINUTIVOS E AS EXPRESSÕES FACIAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Bruno Felipe Marques Pinheiro  
bpinnheiro@hotmail.com  
Universidade Federal de Sergipe*

Estímulos visuais, a exemplo de expressões faciais, têm forte impacto na codificação e decodificação da informação linguística pelos falantes de uma determinada língua. Entretanto, no Brasil, os estudos que envolvem os recursos corporificados e gramática ainda são incipientes no que tange à compreensão e à associação das pistas paralinguísticas (refere-se ao conteúdo dito como gestos, expressões, movimento das sobrancelhas) com as pistas linguísticas (o conteúdo propriamente linguístico/verbal) no entendimento de fenômenos linguísticos, a exemplo do diminutivo no português brasileiro. Há uma dificuldade na descrição linguística ainda sobre a categorização do diminutivo pelo fato desse processo resultar não somente na ideia de pequenez (*gato/gatinho*), mas também de ideias associadas à emotividade (*gripezinha*) - diminuindo situações de forma apreciativa ou depreciativa – e ao processo de lexicalização (*coxinha*). Essa classificação dos diminutivos é feita a partir da intuição do analista da língua, somente utilizando como parâmetros somente pistas linguísticas. Diante disso, o presente estudo apresentou um modelo de análise mais robusta para identificar variáveis linguísticas e variáveis emocionais que atuam na diferenciação dos diminutivos na tentativa de sistematizar a classificação dos usos dos diminutivos, ampliando o escopo de análise sobre os sentidos dos diminutivos. A partir de 30 entrevistas gravadas em áudio e em vídeo com estudantes universitários, identificamos 241 ocorrências e cotejamos fatores estruturais (base morfológica, sufixo, tonicidade, extensão silábica, classe morfológica), fatores estilísticos (tópico discursivo e envolvimento do falante) e fatores paralinguísticos (expressões faciais). Criamos um modelo com duas análises independentes entre si: (i) variáveis estruturais (testes de associação com *qui-quadrado* de *Pearson*); (ii) e uma análise a partir da movimentação dos músculos da face, identificando os valores dos picos e amplitudes gerados por um *script* para observar se houve uma mudança no padrão das expressões faciais durante a ocorrência do diminutivo nas entrevistas (com reconhecimento facial a partir do protocolo *Action Coding Systems - FACS*). Os resultados apontam que o conjunto de variáveis estruturais atuam na diferenciação da classificação dos diminutivos (se é lexicalizado ou afetivo) e as expressões faciais atuam na diferenciação do tipo de apreciação (se é positiva ou negativa) em relação ao sentido do diminutivo. Identificamos que o diminutivo é o estímulo linguístico aplicado na fala para sinalizar o sarcasmo, reforçado pela expressão facial de deboche. Por fim, consideramos que houve uma limitação da amostra em relação à análise do reconhecimento facial, por isso é preciso realizar uma testagem em larga escala para ampliar o poder explanatório dos resultados.

## EFEITOS LINGUÍSTICOS, ACÚSTICOS E DE EXPRESSÕES FACIAIS NA INFERÊNCIA DOS SENTIDOS INDICADOS POR (EU) ACHO QUE

*Paloma Batista Cardoso*  
*paloma-batistacardoso@hotmail.com*  
*Universidade Federal de Sergipe*

No português brasileiro, “(eu) acho que” é uma construção gramaticalizada que atua como modalizador e indica os sentidos de certeza, dúvida e incerteza (GALVÃO, 1999; FREITAG, 2003), diferenciados pela sensibilidade do pesquisador e por variáveis linguísticas (presença ou ausência do sintagma nominal “eu”, tipo de complemento introduzido, tópico discursivo e tipo de envolvimento do falante, se direto ou indireto). Do ponto de vista acústico, certeza é caracterizado por menores valores de frequência fundamental, com maiores valores de intensidade e menores valores de duração, ao contrário de dúvida e incerteza, caracterizados por maiores valores de frequência fundamental, com menores valores de intensidade e maiores valores de duração (OLIVEIRA, 2011). Na interação, todos esses fatores são mobilizados pelos falantes para indicar determinado sentido, e além de aspectos linguísticos e acústicos, eles também fazem uso de recursos corporificados, especificamente de expressões faciais. Estudos de prosódia gestual sugerem que certeza é caracterizado por uma expressão facial neutra, com os músculos do rosto em estado de relaxamento, enquanto dúvida e incerteza são caracterizados pela contração das sobrancelhas e boca (SWERTS ET AL, 2003; ANTUNES; AUBERGÉ; SASA, 2017). O objetivo deste trabalho é investigar se variáveis linguísticas, acústicas e expressões faciais atuam de modo integrado na inferência dos sentidos indicados por “(eu) acho que” em 30 entrevistas sociolinguísticas gravadas em áudio e vídeo, realizadas com estudantes de graduação da Universidade Federal de Sergipe. No corpus analisado, computamos 1038 ocorrências dessa construção, codificadas por sentido (certeza, dúvida e incerteza) e analisadas quanto a variáveis linguísticas (ocorrência de acho que ou eu acho que, escopo, presença de modalizador, tópico discursivo, experiência do falante e polaridade), acústicas (média da frequência fundamental, intensidade, duração, presença de pausas silenciosas e preenchidas) e expressões faciais (considerando os movimentos dos músculos do rosto que caracterizam raiva, deboche, nojo, medo, felicidade, neutra, tristeza e surpresa), reconhecidas e codificadas por meio de um *script* em linguagem Python (TEJADA ET AL, 2021). Testes de qui-quadrado sugeriram que o sentido de “(eu) acho que” está associado ao escopo, presença de outros modalizadores, tópico discursivo e experiência do falante. Quanto às variáveis acústicas, análises de variância indicaram que o sentido dessa construção é diferenciado pela intensidade e duração: ocorrências de “(eu) acho que” que indicam certeza são mais fortes e mais curtas, enquanto as que indicam dúvida e incerteza são mais fracas e longas. Há também diferença nas expressões faciais: certeza é caracterizado pela expressão neutra, enquanto dúvida e incerteza são caracterizados pela contração das sobrancelhas e boca, movimentos presentes nas expressões de nojo e tristeza, corroborando os resultados de estudos anteriores, o que sugere que, além de variáveis linguísticas e acústicas, expressões faciais atuam na inferência dos sentidos indicados por “(eu) acho que”, indicando sistematicidade entre língua e gestos corporificados.

**Palavras-chave:** modalizador, expressões faciais, análise acústica

## MAPEAMENTO E DESCRIÇÃO DE MOVIMENTOS CORPORAIS NA FORMAÇÃO DE SENTENÇAS POR UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO NÃO-VERBAL

*Indaiá de Santana Bassani*  
*indaia.bassani@unifesp.br*  
UNIFESP

*Lídia Lima da Silva*  
*lidia@unilab.edu.br*  
UNILAB

*Rafael Dias Minussi*  
*rafael.minussi@unifesp.br*  
UNIFESP

Este estudo oferece uma contribuição à agenda de investigação linguística de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) não-verbais. Os TEAs são uma condição neurobiológica caracterizada por prejuízos na interação e comunicação social e por repertório restrito e estereotipado de atividades e interesses (Associação Americana de Psiquiatria, Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças mentais- DSM-5). Estudos epidemiológicos têm demonstrado uma incidência significativa de TEA na população. O Centro de Controle de Doenças (CCD) dos Estados Unidos da América estima a prevalência de uma criança com TEA para cada 69 (Tamanaha; Perissinoto, 2019). As dificuldades relacionadas à linguagem estão, em alguma medida, presentes em todos os indivíduos com TEA. Há uma variação importante na expressão de sintomas e formas de apresentação da linguagem e da comunicação no espectro do autismo. Apesar dessa significativa variabilidade, estima-se que 50% dos indivíduos com TEA não adquirem a fala funcional (Eigstiet al., 2010), incluindo aí uma incidência entre 20% a 30% de pessoas com TEA que nunca usam a fala (Klin, 2006), considerados autistas não verbais (Walenskiet al., 2006). O enfoque desse estudo está na formação de sentenças por crianças com TEA não-verbais via um sistema de comunicação alternativo estruturado por cartões de papel. Neste estudo, mapeamos, descrevemos e classificamos os movimentos corporais de uma criança de sete anos com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) durante a formação de sentenças com o sistema *Picture Exchange Communication System* (PECS®). Trata-se de um estudo exploratório de como essa criança combina elementos a partir de um conjunto finito de cartões/figuras disponíveis em uma pasta. Os dados provêm de registros em vídeo de sessões de terapia fonoaudiológica para implementação do PECS® realizados na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), no quadro do projeto *Reconhecimento de padrão pré-verbal e verbal para prever a necessidade de implementação do PECS em crianças com TEA*, CNPq (Processo 421937/2018-1), conduzido pela pesquisadora prof. Dra. Ana Carina Tamanaha (UNIFESP). Desse *corpus* audiovisual, com auxílio do software ELAN (WITTENBURG *et. al.*, 2006), anotamos os movimentos corporais realizados pela criança. A anotação e descrição dos movimentos corporais foi feita com base nos estudos de gestos (KENDON, 2004; McNEILL, 1992). Essa primeira etapa nos permitiu diferenciar dois tipos de movimentos: os gestos e movimentos corporais mobilizados pela criança na interação com o outro (recursos

corporificados interacionais) e os movimentos corporais mobilizados pelas crianças para formar as sentenças com os cartões (artefato material). Com ênfase exclusivamente nos movimentos corporais mobilizados para formar as sentenças com os cartões do sistema PECS, descrevemos cada um desses movimentos e propomos parâmetros classificatórios para a formação de sentenças que são equiparáveis às etapas de formação de sentenças propostas pela Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1957; 1986). Como resultado, sugerimos que a formação de sentenças por imagens dá visibilidade a um conjunto de processos de planejamento e ação realizados pela criança: “buscar” (com o olhar); “selecionar” (com as mãos); “posicionar” (alocar o cartão na Fita de Sentença); “entregar a Fita de Sentença” (conclusão da formação/externalização); “corrigir” (na Fita de Sentença, após um posicionamento do cartão na Fita de Sentença) e “hesitar” (desenhar trajetórias de movimento das mãos no ar, sem resultar em um posicionamento do cartão na Fita de Sentença). Esses processos podem encontrar paralelo com os processos cognitivos de formação de sentenças na fala em uso e sua investigação fomenta alguns debates. Um deles diz respeito à competência linguística nos indivíduos com TEA não-verbais. Outro diz respeito à relevância de uma perspectiva corporificada no campo dos estudos linguísticos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo. Competência linguística. Sintaxe. Picture Exchange Communication System. ELAN.

### **DESCRIÇÃO DE INTERAÇÕES ENVOLVENDO CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO NÃO-VERBAIS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA CORPORIFICADA DA INTERAÇÃO**

*Fernanda Miranda da Cruz  
fernanda.cruz@unifesp.br*

*Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP*

Este estudo (FAPESP, 2018/07-656-7; CNPq 40509120184) visa explorar as relações entre língua, corpo e mundo material (Streeck *et al*, 2011; Mondada, 2016) a partir de interações envolvendo a participação de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). O TEA é uma condição neurobiológica caracterizada por prejuízos nas áreas de interação e comunicação social e por repertório restrito e estereotipado de atividades e interesses. Estima-se que 50% dos indivíduos nunca adquirem a fala funcional (Eigsti *et al.*, 2010), refletindo em uma incidência significativa de pessoas com TEA que não desenvolvem nenhuma fala, considerados autistas não-verbais (Walenski *et al.*, 2006). O objetivo deste estudo é mostrar a análise de interações envolvendo crianças com TEA pouco ou não verbais. A partir do quadro teórico da análise multimodal da interação corporificada (Goodwin, 2010, Streeck *et al* 2011; Mondada, 2016) podemos ampliar nossas possibilidades de análise das produções gestuais ou verbais de indivíduos com TEA. A partir dessa perspectiva, concebemos a organização da interação humana como fundamentalmente multimodal ((Mondada, 2008; 2016; Goodwin, 2010; Streeck *et al.*, 2011; Levinson e Enfield, 2006; Levinson e Holler, 2014). Construimos nossas interações a partir de recursos de distintas naturezas semióticas (Goodwin, 2010): linguísticos (prosódia, sintaxe, léxico); corporais (expressos gestos, expressões faciais, posturas corporais, movimentos no espaço ...) e materiais artefatos físicos do mundo material, tais

como objetos, tecnologias, dispositivos, ferramentas etc.). Esses recursos podem ser mais/menos convencionais ou recursos mais contingentes e situados, que seriam altamente dependentes da especificidade do contexto. Uma análise da organização multimodal da interação permite observar que tais recursos organizam-se através de uma complexa Gestalt Multimodal (Mondada, 2014), sugerindo que construções linguísticas situadas (Auer, 2009; Selting, 2005) e recursos corporais e materiais poderiam integrar a descrição gramatical e da interação de forma a dar conta de sua dinamicidade (Mondada, 2014). Serão analisadas interações de crianças com idade superior a sete anos não-verbais ou pouco verbais em situações interativas variadas: ambiente institucional (escola ou clínica) e ambiente não institucional (casa em interação com familiares). Os registros em vídeo (Comitê de Ética em Pesquisas C.A.A.E 59128416.3.0000.5505) foram visualizados com auxílio do software ELAN (Wittenburg et al., 2006). O ELAN permite fazer uma anotação fina das ocorrências de gestos (mãos, corpo, direcionamento do olhar) e fala e sua duração. Os dados foram transcritos com base na convenção de transcrição Mondada (2019). A transcrição multimodal é uma ferramenta analítica que permite dar conta da precisão temporal das produções verbais e corporificadas coordenadas (simultâneas ou não). A seleção dos excertos focalizou os momentos de atenção mútua e colaborativa na construção de ações que se realizaram em silêncio (tais como solicitar algo; pedir ajuda, por exemplo). Descreveremos três tipos de ocorrências identificadas nos dados: vocalizações não-lexicais (Keevallik et al, 2020) produzidas durante essas interações; padrões de direcionamento do olhar (Korkiankangas, 2018) e correlações vocais-gestuais. Como resultado, trazemos a sistematização da descrição de interações variadas das quais participam crianças com TEA pouco ou não-verbais. Este estudo permitiu desenvolver dois tópicos de discussão: 1) as contribuições de uma perspectiva corporificada da interação humana para descrição das interações envolvendo sujeitos que não desenvolveram ou fazem uso da fala, como é o caso do *corpus* analisado; 2) reconceitualização da gramática em sua interface com o corpo (interface corpo-gramática, Keevallik (2018) capaz de integrar, em sua descrição, aspectos linguísticos, ações corporais, espaço físico e objetos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Gestalt Multimodal; Interação Corporificada; Gestos.

# SESSÕES DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

## Sessão 1

Coordenadores: Marcos Luiz Wiedemer (UERJ/FFP) e  
Nahendi Almeida Mota (CAP\_UERJ/UFRJ/CAPES)

- a. Construção hipotética comparativa "como se": operações de perspectivização conceptual / Graziela Jacques Prestes ([grazielajp@gmail.com](mailto:grazielajp@gmail.com))
- b. Apontamentos dêiticos e a argumentação do esquema [dêitico + advérbio de contraste] - Ana Carolina dos Santos Cardoso ([caroll.cardoso.01@gmail.com](mailto:caroll.cardoso.01@gmail.com))
- c. A correlação entre encapsulamento anafórico e tópico discursivo em esquemas preposicionais complexos / Marcos Luiz Wiedemer ([mlwiedemer@gmail.com](mailto:mlwiedemer@gmail.com)) e Joyce Guimarães Leite ([jgleite01@gmail.com](mailto:jgleite01@gmail.com))
- d. Mudança construcional e gradiência contextual em advérbios preposicionados / Marcos Luiz Wiedemer ([mlwiedemer@gmail.com](mailto:mlwiedemer@gmail.com))

## Sessão 2

Coordenadores: Ivo da Costa do Rosário (UFF) e  
Deise Cristina de Moraes Pinto (UFRJ)

- a. Gradiência e construcionalidade na rede [X de]conect em português: uma análise funcional / Ivo da Costa do Rosário ([rosario.ivo3@gmail.com](mailto:rosario.ivo3@gmail.com))
- b. Orações hipotáticas instanciadas por [em prol de]conect: um estudo funcional centrada no uso / Camila Nicacio Lopes ([camilanicacio@id.uff.br](mailto:camilanicacio@id.uff.br)) e Ivo da Costa do Rosário ([rosario.ivo3@gmail.com](mailto:rosario.ivo3@gmail.com))
- c. Orações hipotáticas instanciadas por [a ponto de] - um estudo funcional centrada no uso / Felipe Maciel Machado ([felipemmachado2010@hotmail.com](mailto:felipemmachado2010@hotmail.com)) e Ivo da Costa do Rosário ([rosario.ivo3@gmail.com](mailto:rosario.ivo3@gmail.com))
- d. Operadores argumentativos em artigos de opinião finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa / Gabriella Moura Teixeira ([gabimoura.teixeira@hotmail.com](mailto:gabimoura.teixeira@hotmail.com))

## Sessão 3

Coordenadoras: Ana Beatriz Arena (UFRJ/FFP) e  
Milena Torres de Aguiar (UERJ/FFP)

- a. O marcador discursivo "espera aí" e sua instanciação no português brasileiro / Milena Torres de Aguiar ([milenatda@gmail.com](mailto:milenatda@gmail.com)) e Brenda da Penha de Oliveira ([brendalssantana@gmail.com](mailto:brendalssantana@gmail.com))
- b. O marcador discursivo "e aí" no português contemporâneo: uma análise centrada no uso / Milena Torres de Aguiar ([milenatda@gmail.com](mailto:milenatda@gmail.com)) e ([carolsantosccmm@gmail.com](mailto:carolsantosccmm@gmail.com))
- c. A microconstrução de resultado PORTANTO como estratégia coesiva: um diálogo entre a Linguística Funcional Centrada no Uso e a Linguística Textual / Ana Beatriz Arena ([bia.arena@gmail.com](mailto:bia.arena@gmail.com)) e Fernanda Capulot Ruas ([fernandacapulot@hotmail.com](mailto:fernandacapulot@hotmail.com))
- d. Descrição e análise: orações subordinadas substantivas subjetivas em livros didáticos / Mariana Soares Araújo de Souza ([s.mayaraujo@gmail.com](mailto:s.mayaraujo@gmail.com))

#### Sessão 4

Coordenadores: Ana Paula Antunes Rocha (UFF) e  
Tharlles Lopes Gervásio (Colégio Pedro II)

- a. Ensino de orações condicionais em livros didáticos: uma proposta pautada na variação linguística / Leyla Ely ([leylaely@letras.ufrj.br](mailto:leylaely@letras.ufrj.br)) e Cláudia A. Rost Snichelotto ([claudiarost@uffs.edu.br](mailto:claudiarost@uffs.edu.br))
- b. Os conectivos condicionais e contrastivos em livros didáticos dos anos finais do Fundamental / Patrícia da Silva Lima ([patricialima628@gmail.com](mailto:patricialima628@gmail.com)), José Rogério Viana de Oliveira ([rogerviann@gmail.com](mailto:rogerviann@gmail.com)) e Maria Claudete Lima ([claudete@ufc.br](mailto:claudete@ufc.br))
- c. A construção #sóquenão: um estudo à luz da Linguística Cognitiva / Tharlles Lopes Gervásio ([tharllesloge@gmail.com](mailto:tharllesloge@gmail.com))
- d. Uso de orações gerundivas nos comandos dos itens do ENEM: uma proposta de análise funcionalista / Ana Paula Antunes Rocha ([rocha\\_ana@id.uff.br](mailto:rocha_ana@id.uff.br)) e Bruno de Assis Freire Lima ([bruno.lima@ifmg.edu.br](mailto:bruno.lima@ifmg.edu.br))

#### Sessão 5

Coordenadores: Monclar Guimarães Lopes (UFF) e  
Camilo Rosa da Silva (UFPB)

- a. Conectores complexos de dupla função coesiva (referencial e sequencial) no português / Monclar Guimarães Lopes ([monclarlopes@id.uff.br](mailto:monclarlopes@id.uff.br))
- b. A relação espaço-tempo na emergência das construções de contraste COM ENQUANTO (QUE) / Luísa Ferrari ([luisa.ferrari@unesp.br](mailto:luisa.ferrari@unesp.br))
- c. Uma proposta de investigação das construções auxiliares [V1+Conector+V2<sub>inf</sub>]<sub>modal</sub> do espanhol peninsular sob pressupostos da



abordagem construcional / Ana Luiza Ferancini Nogueira ([ana.ferancini@unesp.br](mailto:ana.ferancini@unesp.br))

d. A conexão das construções oracionais passivas em perspectiva funcional / Maria Luíza Guimarães da Costa Cruz ([maluguimaraesc@gmail.com](mailto:maluguimaraesc@gmail.com))

### Sessão 6

Coordenadores: Edvaldo Balduino Bispo (UFRN) e Emanuel Cordeiro da Silva (UFPE)

a. A microconstrução conectora *antes de* sob uma perspectiva funcional / Marcello Martins Machado ([marcelo\\_martins@id.uff.br](mailto:marcelo_martins@id.uff.br))

b. Análise funcional das microconstruções conectoras *em face de* e *em vista de* / Thaís Alessandra Souza Cardoso ([thaisale21@gmail.com](mailto:thaisale21@gmail.com))

c. A construcionalização de [de acordo com X] / Myllena Paiva Pinto de Oliveira / ([myllenaipaivap@gmail.com](mailto:myllenaipaivap@gmail.com))

d. Microconstruções aditivas de extensão: uma análise funcional centrada no uso / Milena Silva dos Santos ([milenasilva@id.uff.br](mailto:milenasilva@id.uff.br))

### Sessão 7

Coordenadoras: Magda Bahia Schlee (UERJ) e Vânia Lúcia Rodrigues Dutra (UERJ)

a. As microconstruções [em razão de]conect e [em virtude de]conect no português brasileiro: uma análise funcional centrada no uso/ José Walbérico da Silva W. Costa ([walbericocosta@gmail.com](mailto:walbericocosta@gmail.com))

b. A produtividade da construção conectora [mas olha] / Vania Rosana Mattos Sambrana ([vania28mattos@gmail.com](mailto:vania28mattos@gmail.com))

c. O papel dos correlatores indefinidos na articulação de contraste na construção correlata apositiva / Letícia Martins Monteiro de Barros ([lemartins.mb@gmail.com](mailto:lemartins.mb@gmail.com))

d. Usos de cláusulas hipotáticas intercaladas em parábolas bíblicas do livro de Mateus / Sávio André de Souza Cavalcante ([savio.andre@ifce.edu.br](mailto:savio.andre@ifce.edu.br)), Mariana Freire Sampaio ([marianafs@alu.ufc.br](mailto:marianafs@alu.ufc.br)) e Caio Ruan Pereira Chaves ([caio.ruan.pereira10@aluno.ifce.edu.br](mailto:caio.ruan.pereira10@aluno.ifce.edu.br))

## Sessão 8

Coordenadoras: Mariangela Rios de Oliveira (UFF/UERJ/CNPq/Faperj) e  
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)

- a. A referenciação e a construção de sentido: sintagmas nominais na (re)ativação de referentes textuais / Thaysa Gabriella Gonçalves ([thaysa.goncalves@uel.br](mailto:thaysa.goncalves@uel.br)) e Isabel Cristina Cordeiro ([isacris@uel.br](mailto:isacris@uel.br))
- b. A construção subjetiva: um olhar sobre a ordem das orações / Angelina Maganha Grigorio da Silva ([angelinamaganha@gmail.com](mailto:angelinamaganha@gmail.com))
- c. Padrões microconstrucionais de marcadores discursivos focalizadores nas línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa / Gustavo Ribeiro Patrício Barbosa ([gustavo.grpb@gmail.com](mailto:gustavo.grpb@gmail.com)) e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda ([patricia.cunha@ufff.br](mailto:patricia.cunha@ufff.br))
- d. Marcadores discursivos de oposição: reflexões teóricas e aplicações pedagógica / Maria Aparecida Lino Pauliukonis ([aparecidalino@gmail.com](mailto:aparecidalino@gmail.com))

## Sessão 9

Coordenadoras: Ana Cláudia Machado Teixeira (UFF) e  
Nedja Lima de Lucena (UFRN)

- a. Estratégias emergentes de conexão textual-discursiva: o caso dos marcadores discursivos "vá lá" e "note que". / Ana Cláudia Machado Teixeira ([anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br](mailto:anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br)) e Whika Mello da Silva ([whikamello@id.uff.br](mailto:whikamello@id.uff.br))
- b. Instâncias de uso das construções bem como e assim como / Carla Barbosa de Farias Santos ([prof.carlafarias@gmail.com](mailto:prof.carlafarias@gmail.com))
- c. Por meio de uma experiência estética, como observar a importância dos conectores à produção textual / Jacqueline de Faria Barros ([jacefadu@gmail.com](mailto:jacefadu@gmail.com))
- d. Oralidade e escrita: os marcadores discursivos na modalidade oral da língua portuguesa / Danilo Silva Monteiro ([danilosilvam91@gmail.com](mailto:danilosilvam91@gmail.com)) e Bruna Marques Prazeres ([bruna.marquesp@hotmail.com](mailto:bruna.marquesp@hotmail.com))

## Sessão 10

Coordenadoras: Maria Maura Cezario (UFRJ/CNPq) e  
Júlia Langer Campos (UFRJ)

- a. Microconstruções corretas disjuntivas quer...quer e seja...seja: uma análise pancrônica / Jovana Maurício Acosta de Oliveira ([jovanamauricio@hotmail.com](mailto:jovanamauricio@hotmail.com))
- b. Uma análise discursivo-funcional dos diferentes usos do juntor "ou" nas orações alternativas do português falado / Nathalia Pereira de Souza Martins ([nathaliapsouza12@gmail.com](mailto:nathaliapsouza12@gmail.com)), Sandra Denise Gasparini Bastos ([sandra.gasparini@unesp.br](mailto:sandra.gasparini@unesp.br)) e Beatriz Gouveia Garcia Parra de Araujo ([biagarcia.parra@hotmail.com](mailto:biagarcia.parra@hotmail.com))
- c. Análise das construções proporcionais na perspectiva da LFCU / Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes ([thaisplmf@gmail.com](mailto:thaisplmf@gmail.com))
- d. Produtividade da construção conectora EXCETO X / Fabiana Felix Duarte Moreira ([fabianamoreira@id.uff.br](mailto:fabianamoreira@id.uff.br))

### Sessão 11

Coordenadoras: Karen Sampaio Braga Alonso (UFRJ/CNPq) e Priscilla Mouta Marques (UFRJ)

- a. Construções de concernência: gradiência contextual e o processo cognitivo de *chunking* / Maria Eduarda Oliveira da Silva ([duda.mariaeduarda1998@gmail.com](mailto:duda.mariaeduarda1998@gmail.com))
- b. Orações introduzidas por "perto de": uma análise funcional / Vitor Luiz Elias Pessoa ([vitorpessoa@id.uff.br](mailto:vitorpessoa@id.uff.br))
- c. O uso dos operadores argumentativos no gênero carta aberta: proposta de ensino-aprendizagem para o exercício da cidadania / Roberta Baffa Andrade ([robertabaffaa@gmail.com](mailto:robertabaffaa@gmail.com)) e Natália Sathler Sigiliano ([natalia.sigiliano@ufjf.br](mailto:natalia.sigiliano@ufjf.br))

### Sessão 12

Coordenadores: Jair Barbosa da Silva (UFAL) e Angélica Rodrigues (UNESP-Araraquara)

- a. Orações condicionais na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) - um estudo linguístico empírico / Liona Paulus ([l.paulus@uni-koeln.de](mailto:l.paulus@uni-koeln.de))
- b. Recursividade em LIBRAS: uma descrição de marcadores identificados em narrativas de surdos de referência / Amanda Oliveira Rocha ([amanda.rocha@ufrgs.br](mailto:amanda.rocha@ufrgs.br))
- c. Ordenação das orações adverbiais em Língua Brasileira de Sinais / Angélica Rodrigues ([angelica.rodrigues@unesp.br](mailto:angelica.rodrigues@unesp.br)), Felipe Aleixo ([felipealeixo@gmail.com](mailto:felipealeixo@gmail.com)) e Juarez Domingos Crescêncio Neto ([juarez.domingos@unesp.br](mailto:juarez.domingos@unesp.br))

d. Considerações iniciais sobre as orações adverbiais temporais na Língua Brasileira de Sinais / Bruno Gonçalves Carneiro ([brunocarneiro@uft.edu.br](mailto:brunocarneiro@uft.edu.br)), Carlos Roberto Ludwig ([carlosletras@uft.edu.br](mailto:carlosletras@uft.edu.br)), José Ishac Brandão El Khouri ([jose.brandao@uft.edu.br](mailto:jose.brandao@uft.edu.br)) e Thamara Cristina Santos ([thamara.cristina@uft.edu.br](mailto:thamara.cristina@uft.edu.br)).

e. Descrição de língua em uso: processos de coordenação em LIBRAS / Ronice Müller de Quadros ([ronice.quadros@ufsc.br](mailto:ronice.quadros@ufsc.br)), Jair Barbosa da Silva ([jair.silva@fale.ufal.br](mailto:jair.silva@fale.ufal.br)), Rodrigo Nogueira Machado ([roflam@delles.ufc.br](mailto:roflam@delles.ufc.br)) e Miriam Royer ([miriam15royer@gmail.com](mailto:miriam15royer@gmail.com))

## RESUMOS DA SESSÃO 1

### CONSTRUÇÃO HIPOTÉTICA COMPARATIVA “COMO SE”: OPERAÇÕES DE PERSPECTIVAÇÃO CONCEPTUAL

*Graziela Jacques Prestes*  
*grazielajp@gmail.com*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

Este trabalho investiga a construção hipotética comparativa “como se” a partir do arcabouço teórico-metodológico da Gramática Cognitiva (Langacker, 2013, 1990, 2019). A perspectivação conceptual, ou construal, conforme Langacker (2013), apresenta quatro amplas facetas: especificidade, foco, proeminência e perspectiva. Nesta pesquisa, são aplicadas as noções de foco (figura/fundo e escopo), proeminência (perfilamento e alinhamento trajetor/marco) e perspectiva (arranjo de visão padrão e especial, ponto de vantagem, subjetividade, objetividade, arranjo de visão egocêntrica e arranjo otimizado de visão). O *corpus*, de língua escrita em instância pública de linguagem (Britto, 2003), compilado de pesquisa anterior (Prestes, 2012), serve de base para a análise. Analisamos 20 contextos de usos de “como se”, agrupados de acordo com as operações de perspectivação conceptual salientes à percepção e à concepção. Os resultados encontrados indicam que há dois grupos de configurações, que apresentam um ponto de vantagem composto pelos alinhamentos trajetor(tr)/marco(lm) no arranjo de visão padrão e no arranjo de visão especial, porém, cada qual põe em figura apenas um deles. O primeiro grupo (Construal 1), com 08 ocorrências, ao pôr em figura o alinhamento trajetor(tr)/marco(lm) do arranjo de visão padrão, estabelece uma relação de contraste entre as proposições, enquanto o segundo grupo (Construal 2), com 12 ocorrências, ao pôr em figura o alinhamento trajetor(tr)/marco(lm) do arranjo de visão especial, estabelece uma relação de comparação entre as proposições, envolvendo as facetas perfilamento e escopo. Essa representação dá conta da dimensão estrutural do objeto em análise, a construção “como se”. Quanto à dimensão (inter)subjetiva, o Construal 1 revelou-se com perspectiva subjetiva, com arranjo de visão egocêntrica, sendo o visualizador V correspondente ao conceptualizador e a outro indivíduo cuja perspectiva foi por ele levada em consideração (contrastivamente). Já o Construal 2 revelou-se com perspectiva objetiva, com arranjo otimizado de visão, sendo o visualizador V

correspondente ao falante apenas, que, via de regra, não está no escopo imediato, nem no escopo máximo da cena perspectivada. Do espaço discursivo corrente (CDS) no Construal 1, o falante retira para uso linguístico duas proposições em contraste, como em “*O navegador diz que já teve embates com o neto de Thomas Mann, Frido, que, segundo ele, ‘sempre agiu com muita arrogância, como se fosse dono do local’*”, onde “Frido não é dono do local” é posto em figura, enquanto “Frido é dono do local” é posto em fundo pela perspectivação desse conceptualizador. Já no Construal 2, perfilamento e escopo salientam-se na perspectivação de “como se”, como em “*No entanto, na semana de regatas, alguns venezianos mais humildes, donos de barcos pequenos (que aqui são o equivalente de um carro popular 1.0), arredondaram seu fim do mês alugando assentos a quem quisesse passar o dia no mar, no meio das competições. A polícia financeira fez que não viu. Mas alguns venezianos, na hora do almoço, serviram a seus clientes um refrigerante e um sanduíche. Nesse caso, a polícia parou e multou, por servirem bebidas e comida sem a necessária licença (como se tivessem aberto restaurantes flutuantes)*”. Nessa ocorrência, “como se tivessem aberto restaurantes flutuantes” esquematiza “alugando assentos”, “serviram a seus clientes um refrigerante e um sanduíche” e “serviram bebidas e comida sem a licença necessária”, elementos de um alto nível de precisão e detalhamento. A relação entre as proposições destacadas é de comparação, não de contraste, atingindo a expressão complexa instanciada por “como se” o limite máximo dessa hierarquia elaborativa. Diferente do Construal 1, no Construal 2, é posto em figura a expressão complexa do arranjo especial, isto é, salienta-se “Abriram restaurantes flutuantes”, em vez de “Não abriram restaurantes flutuantes”.

**Palavras-chave:** perspectivação conceptual, construção hipotética comparativa, contrafactualidade, Gramática Cognitiva

## APONTAMENTOS DÊITICOS E A ARGUMENTAÇÃO DO ESQUEMA [DÊITICO + ADVÉRBIO DE CONTRASTE]

*Ana Carolina dos Santos Cardoso  
caroll.cardoso.01@gmail.com  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

Nesta comunicação, temos o objetivo de apresentar os resultados iniciais da análise dos contextos de usos de dêiticos na construção comparativa/contraste argumentativo formada pelo esquema [DÊITICO + ADV contrastivo], por exemplo: “*aqui não, hoje não, eu não*”, conforme exemplo em “– *Mas e teus vizinhos lá? Pessoal ali da área deve tá com saudade do senhor, vamos lá!– Que saudade de mim o que? Tão não, 27 anos que eu moro lá nunca nem me convidaram pro aniversário de ninguém, só sabem reclamar dos meus cachorro. **Aqui não!** Aqui graças a Deus é pet friendly*”. Fonte: <https://www.facebook.com/PortaDosFundos/videos/2366285856958073/> (02min18seg - 02min29seg). Este tipo de construção é utilizada, em português brasileiro, na função discursiva de contraposição/contraste argumentativa, em que “*aqui não*” promove a comparação entre duas porções textuais, ou seja, apresenta uma estruturação lógica de comparação, onde a porção textual (a) é comparada com a porção textual (b), que é realizada pela construção comparativa de contraste. A pesquisa tem como base o

aparato teórico-metodológico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (CROFT, 2001, DIESSEL, 2015, 2019, PEREK, 2015), que abriga a concepção de que as línguas são moldadas pela complexa interação de princípios cognitivos e funcionais. Para a análise, consideramos dados extraídos de vídeos de comédia de *stand-up comedy* e esquetes do canal Porta dos Fundos, que, por sua natureza persuasiva, procura conquistar a adesão do auditório àquilo que se pretende defender. Os resultados gerais indicam que: (i) temos a construção de um referente comum entre os participantes do ato comunicativo. Assim, esse referente é comparado/contrastado a partir do acionamento do dêitico associado ao elemento de negação e, com isso, promove o desenvolvimento de comparação lógica de ideias, na busca de enfatizar/persuadir que o referente em (b) é oposto ao referente anterior; (ii) a construção de contraste argumentativo aciona diferentes lexemas, ou seja, a depender do dêitico acionado e da cena enunciativa (tempo, espaço, circunstância, entre outros), aponta para diferentes graus de esquematicidade e produtividade.

**Palavras-chaves:** Gramática de Construções Baseada no Uso, dêitico, comparação/contraste, argumentação

## **A CORRELAÇÃO ENTRE ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO E TÓPICO DISCURSIVO EM ESQUEMAS PREPOSICIONAIS COMPLEXOS**

*Marcos Luiz Wiedemer*  
*mlwidemer@gmail.com*  
*UERJ/FAPERJ*

*Joyce Guimarães Leite*  
*jgleite01@gmail.com*  
*UERJ*

Nesta comunicação, investigamos a correlação entre o processo de encapsulamento anafórico e o tópico discursivo. A partir do controle das propriedades de *centração* e *organicidade* (cf. proposto por Jubran, 2006), que promovem a caracterização de determinado tópico discursivo na malha textual, analisamos os esquemas construcionais formados por preposições complexas (*diante de*, *antes de* entre outras) e anáfora encapsuladora, considerando o emprego da função locativo-temporal das preposições complexas conectada ao recurso anafórico do encapsulador. Para tal finalidade, lançamos mão dos pressupostos teórico-metodológicos oriundos de duas frentes, a Linguística Textual e o Abordagem Construcional da Gramática, assumindo tanto a perspectiva de linguagem como instrumento de interação social, bem como os aspectos cognitivos que envolvem esses processos. Para a análise, utilizamos dados extraídos do *Corpus do Português*. A pesquisa busca recobrir os aspectos referenciais, coesivos e organizacionais que se estabelecem no texto, sob o prisma das propriedades de tópico discursivo, que capturam a elaboração textual e as estratégias utilizadas para sua estruturação de caráter relacional no desencadeamento de informações. A composição do texto segue uma linha geral orientada pelo emissor que, direta ou indiretamente, alinham-se ao tema central do

texto. Uma das principais hipóteses averiguadas na pesquisa revela que as preposições complexas, em determinadas situações, atuam como mecanismos de coesão referencial (situacional ou textual), projetando a atenção do leitor no sentido de “apontamento” para as anáforas encapsuladoras. Além disso, postula-se que as preposições complexas operam também em porções maiores de texto e sua natureza relacional, que reitera a função do encapsulador anafórico, exerce função remissiva na recuperação de objetos do discurso. Esse conjunto de atributos inerentes ao encapsulamento por apontamento aliado às propriedades de tópico discursivo enfatizam a unidade significativa do texto por meio da concatenação de ideias interligadas no decorrer do texto; viabilizando a recuperação e focalização de um referente introduzido anteriormente que auxilia a progressão textual. Enquanto o encapsulamento por apontamento se atenta especialmente para os atributos da preposição complexa + SN e a porção textual que foi recuperada, as propriedades de tópico discursivo proporcionam a manutenção e ancoragem da anáfora encapsuladora.

**Palavras-chave:** encapsulamento anafórico, tópico discursivo, preposições complexas

### MUDANÇA CONSTRUCIONAL E GRADIÊNCIA CONTEXTUAL EM ADVÉRBIOS PREPOSICIONAIS

*Marcos Luiz Wiedemer  
mlwiedemer@gmail.com  
UERJ/FAPERJ*

Os usos linguísticos são, conforme os Modelos Baseados no Uso (e.g. Barlow; Kemmer, 2000), o resultado de três diferentes instâncias: estruturais, cognitivas e sócio-históricas, que podem ser tratadas sob o rótulo maior de “contexto”, e desempenham um papel fundamental na correlação entre o nível da forma (expressão) e o nível do sentido (função). Assim, com o objetivo de investigar a gradiência e fixação de padrões construcionais do esquema construcional advérbios preposicionais (*diante de, antes de, em frente de/a, em face de*), no português brasileiro, investigamos os contextos motivadores a partir das noções de espaço, tempo e circunstância e aplicamos as definições de Diewald (2002) e Diewald&Smirnova (2012), em que procuramos, a partir das características morfossintáticas e pragmático-discursivas, aplicar a definição dos seguintes contextos: típico, atípico, crítico, isolado e paradigmático. Para tal finalidade, lançamos mão de metodologia quali-quantitativa e dados oriundos de dois jornais (Folha de São Paulo; Estadão), no período de 2017, e controlamos os seguintes fatores; (i) referência (físico-concreta, abstrata-temporal, abstrato-lógica); (ii) tipo textual (narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo e injuntivo); (iii) tipo verbal; e (iv) contexto sintático subsequente. Em relação aos resultados gerais, é possível constatar diferentes contextos de usos e o afastamento do sentido básico (Jakobson, 1966), dos advérbios preposicionais analisados, o qual é possível verificar os micropassos da mudança construcional (Traugott & Trousdale, 2013). Além disso, verificamos que nenhum dos advérbios preposicionais analisados atingem o quarto e quinto estágio da mudança, que correspondem ao contexto isolado e ao paradigmático, o que confirma a mudança construcional. Assim, os diferentes padrões de usos podem ser vistos como um processo de analogização. Por fim, os resultados confirmam, ainda, que os diferentes significados

emergem do reconhecimento da categorização híbrida dessa categoria, em um *continuum* categorial, em que se processa a gradiência existente, em que temos, progressivamente, a diminuição das propriedades preposicionais e aumento das propriedades adverbiais. Deste modo, os advérbios preposicionais que fazem referência físico-concreta são [+preposicionais], pois estão inseridos em contexto mais locativos. Os que fazem referência *abstrato-temporal* são [ $\pm$ preposicional/adverbial], pois estão inseridos em contextos em que há ausência de frame espacial e presença de localização temporal. Já os que fazem referência abstrato-lógica são [+adverbiais], pois estão inseridos em contextos mais causativos, que contribuem para o encadeamento lógico do texto. Assim, a adoção da noção de *frame discursivo* (Fried, 2010), seja no seu sentido conceptual, como esquemas conceptuais, seja como esquemas interacionais, se mostrou produtiva neste estudo.

**Palavras-chave:** preposições adverbiais, mudança construcional, frame discursivo

## RESUMOS DA SESSÃO 2

### GRADIÊNCIA E CONSTRUCIONALIDADE NA REDE [X DE]conect EM PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE FUNCIONAL

*Ivo da Costa do Rosário*  
rosario.ivo3@gmail.com  
UFF/CNPq/Faperj

O trabalho tem como objetivo geral apresentar a gradiência e as relações de construcionalidade observadas na microconstrução [antes de], que é um dos nós associados à rede [X de]conect do português. A pesquisa está assentada em uma análise sincrônica, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), que se caracteriza como um desdobramento do Funcionalismo de vertente-norte americana em interação com pressupostos construcionistas e cognitivistas. Nesse sentido, o conector [antes de] será analisado sob a perspectiva construcional, ou seja, como um pareamento de forma (com propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) e de significado (com propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), nos termos de Goldberg (1995, 2003) e Croft (2001). À luz das contribuições de Rosário e Lopes (2019), o trabalho também apresentará algumas indicações acerca da origem histórica e das camadas desse conector, no que tem sido consubstanciado como "relações de construcionalidade". Os elementos gramaticais formados por advérbio + preposição *de*, como é o caso de [antes de], comumente são descritos como locuções prepositivas (BECHARA, 1999) nas obras tradicionais. Em geral, nessas obras normativistas, esses elementos gramaticais contam com uma lacônica descrição em que se destaca seu papel de conectar apenas palavras ou sintagmas. Resultados parciais comprovam, contudo, que instanciações da microconstrução [antes de] muitas vezes distanciam-se dos seus usos prepositivos canônicos e passam a figurar no domínio da conexão interacional, sendo marcados por inferências sugeridas e pressões de ordem pragmática, como se observa no dado a seguir:



"[Antes de comentar], confira se sua informação é verdadeira BR\_43371933 PMs trocam tiros com traficantes em o Morro de o Estado Na ação, um bandido morreu e dois foram presos". (Fonte:

<https://www.metrojornal.com.br/entretenimento/2019/06/30/masterchef-brasil-saiba-quem-foi-o-eliminador-deste-domingo-30-de-junho.html>.) Assim, é possível atestar diferentes graus de gradiência no que tange a essa microconstrução, o que se explica por meio dos mecanismos de neanálise e analogização. A metodologia de pesquisa prevê um estudo de *corpora* de língua escrita, sob o viés tanto quantitativo quanto qualitativo (cf. LACERDA, 2016), com ênfase nesta última modalidade.

**Palavras-chave:** construção, conector, *antes de*

## ORAÇÕES HIPOTÁTICAS INSTANCIADAS POR [EM PROL DE]conect: UM ESTUDO FUNCIONAL CENTRADO NO USO

*Camila Nicacio Lopes*  
*camilanicacio@id.uff.br*  
 UFF

*Ivo da Costa do Rosário*  
*rosario.ivo3@gmail.com*  
 UFF/Faperj/CNPq

Este trabalho está associado à Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que engloba pressupostos teóricos-metodológicos originados da Linguística Funcional Clássica e da Linguística Cognitiva, analisados sob o viés da perspectiva construcional da gramática proposta por Traugott e Trousdale (2013). Apresentamos um conjunto de impressões iniciais oriundas de projeto de Iniciação Científica em andamento, que tem como objetivo geral analisar as orações instanciadas pelo conector “em prol de” empiricamente comprovadas na sincronia atual. De acordo com tal abordagem, os usos linguísticos estão organizados em construções, que são pareamentos de forma-função (GOLDBERG, 2016), isto é, analisa-se como a língua atua efetivamente numa situação comunicativa concreta desempenhando funções específicas e diversas. Partindo, portanto, desse princípio e visando a cumprir o objetivo geral, apresentamos como objetivos específicos: i) mapear as microconstruções do conector “em prol de”, a partir do pareamento forma-função dos *tokens* encontrados no *corpus* constituído para esta pesquisa; ii) analisar hipóteses acerca da produtividade de tal conector na língua portuguesa atuando como introdutor de orações hipotáticas com noção de finalidade. Esta investigação de dados pauta-se na metodologia quantitativa e qualitativa, com ênfase na segunda modalidade e tomando como base um *corpus* sincrônico, composto pela modalidade escrita. A modalidade escrita contém textos disponíveis na internet, retirados de blogs e de revistas variadas, como “G1”, “Folha Uol”, “Terra”, dentre outras. A hipótese adotada demonstra que “em prol de” atua como um conector produtivo na língua em uso. Vejam-se, por exemplo, dois trechos de ocorrências coletadas em matérias jornalísticas: i) “A empresa quer se reposicionar como uma organização **em prol de** um

'mundo livre de fumo' - apesar de, apenas neste ano, produzir 800 bilhões de cigarros.”  
 Fonte: <https://economia.uol.com.br/colunas/2019/06/27/reputacao-nao-pode-ser-comprada-o-que-cannes-lions-esta-pensando.htm>. Tal dado revela o uso do “em prol de” com valor prepositivo introduzindo um sintagma com função de finalidade. Dessa forma, “em prol de um mundo livre de fumo” significa “visando a um mundo livre de fumo”, fora do esquema de combinação oracional; ii) “Enquanto se divertiam, jovens resolveram se unir **em prol de** ajudar uma mulher que recolhia latinhas.”  
 Fonte: <https://afnoticias.com.br/estado/jovens-arrecadam-r-350-para-catadora-de-latinhas-durante-a-cavalgada-de-araguaina>. Tal dado demonstra que o conector *em prol de* também exprime a noção de finalidade, mas nesse caso atua como introdutor de orações não finitas (reduzidas) de infinitivo.

**Palavras-chave:** hipotaxe, funcionalismo, combinação de orações, *em prol de*

## ORAÇÕES HIPOTÁTICAS INSTANCIADAS POR [A PONTO DE] – UM ESTUDO FUNCIONAL CENTRADO NO USO

*Felipe Maciel Machado*  
*felipemmachado2010@hotmail.com*  
 UFF

*Ivo da Costa do Rosário*  
*rosario.ivo3@gmail.com*  
 UFF/Faperj/CNPq

Este trabalho tem como objetivo geral investigar e analisar os usos de *a(o) ponto de* na língua portuguesa atual. Visando a cumprir o objetivo geral, apresentamos alguns objetivos específicos como: i) obter dados pautados na metodologia tanto quantitativa quanto qualitativa e averiguá-los a partir das noções de consequência, tempo e limite; ii) entender a aplicação do conector *a(o) ponto de* de forma empírica a partir da modalidade escrita da língua portuguesa. A pesquisa toma como base o *Corpus do Português*, de onde são extraídos os dados para análise. Os principais resultados têm em vista que o conector em foco foi encontrado de diversas formas, com sentidos distintos. Como primeiro exemplo, temos: 1) “Se o futuro é incerto, muitas foram as alterações no passado. E se alguns ofícios têm vindo a ser recuperados, estão longe de empregar como dantes. Os Censos de 1970, ano em que pela primeira vez se realizaram em simultâneo os recenseamentos da população e da habitação – daí a expressão ser hoje “censos” no plural – permitem ver como algumas áreas mudaram.[**Ao pontode** hoje já nem aparecerem categorizadas nos relatórios do Instituto Nacional de Estatísticas”.] (Fonte: <https://ionline.sapo.pt/655406>). Nesse dado, é observável o uso do conector com ideia de consequência temporal. Contudo, em outros casos, isso não é notado, como a seguir: 2) “Um dos pontos negativos do Full HD é a relativa defasagem tecnológica. Como a indústria passou a apostar no 4K, telas 1080p não foram desenvolvidas [**a ponto de** receber as melhorias que o 4K tem recebido”.] (Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/06/smart-tv-full-hd-ou-4k-veja-pontos-positivos-e-negativos-das-tecnologias.ghtml>). Nesse segundo dado já não se observa ideia de consequência nem de temporalidade, mas de percepção comparativa. A pesquisa

desenvolvida até o momento, com base em dados coletados, apresenta outras diversas concepções de uso desse conector, além de consequência, temporalidade e comparação, como demonstrados acima.

**Palavras-chave:** conector *a(o) ponto de*, consequência, temporalidade

## OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM ARTIGOS DE OPINIÃO FINALISTAS DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Gabriella Moura Teixeira*  
*gabimoura.teixeira@hotmail.com*  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

Nesta comunicação, apresenta-se uma pesquisa monográfica com tema relacionado ao estudo dos operadores argumentativos em três artigos de opinião finalistas da quinta edição da Olimpíada de Língua Portuguesa “Escrevendo o Futuro”. O objetivo desse estudo foi verificar o uso desses operadores como mecanismos coesivos de progressão textual e as estratégias argumentativas estabelecidas por eles. A escolha temática resultou da relevância dos operadores argumentativos na progressão textual, já que, consoante o entendimento de Koch (2011, p. 21), “[...] a progressão deste [do texto] se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas [...]”. Trata-se de um estudo qualitativo, pois analisaram-se os operadores no contexto em que foram empregados nos textos. Quanto à teoria, essa pesquisa insere-se no campo de estudos da Linguística Textual, que se volta para o estudo da organização linguística do texto em uma perspectiva interacional. Os principais autores estudados foram Fávero (1998), Koch (2011), Koch e Elias (2018), Marcuschi (2007) e Moura Neves (2000). Os resultados obtidos após a análise do *corpus* mostraram a direção argumentativa dada ao leitor pelos operadores, como inclusão de nova informação (estabelecendo ou não neutralidade na inclusão); sinalização de informação de maior relevância em relação a outra; estabelecimento de simetria / assimetria entre os elementos ligados pelo operador argumentativo; marcação de relações de causa e consequência; suspense de informações para contraposição de ideias; antecipação de informações para contraposição de ideias; explicação de uma informação e/ou de um posicionamento; apresentação de conclusão diante de informações / argumentos anteriores; comparação entre elementos a fim de evidenciar superioridade, inferioridade ou igualdade; redefinição de informação dada visando possibilitar melhor entendimento sobre o que foi dito; introdução de informação pressuposta. Espera-se que esse trabalho possa contribuir com os estudos linguísticos no que se refere ao texto e ao gênero textual artigo de opinião, estando aberto para outros questionamentos que possam favorecer os estudos na área da Linguística Textual.

**Palavras-chave:** operadores argumentativos, coesão, artigo de opinião

## RESUMOS DA SESSÃO 3

**O MARCADOR DISCURSIVO “ESPERA AÍ” E SUA INSTANCIAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

*Milena Torres de Aguiar*  
*milenatda@gmail.com*  
*Faculdade de Formação de Professores/UERJ*

*Brenda da Penha de Oliveira*  
*brendalssantana@gmail.com*  
*Faculdade de Formação de Professores/UERJ*

Baseada nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), vertente que compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas, e da Gramática Textual-Interativa, esta pesquisa busca analisar os usos polissêmicos de *(es)pera aí* na sincronia atual – resultado de uma possível trajetória de mudança linguística – com ênfase para a atuação dessa construção como marcador discursivo (MD). Tomamos como base o *Corpus Discurso & Gramática (D&G)* e o *Corpus do Português*, a fim de realizar um levantamento prioritariamente qualitativo, mas também quantitativo, desses usos nos cinco tipos de textos orais e escritos do *Corpus D&G* – Narrativa de Experiência Pessoal, Narrativa Recontada, Descrição de Local, Relato de Procedimento e Relato de Opinião – das cidades de Niterói, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Rio Grande e Natal e, também, do *Corpus Now do Corpus do Português*. Com esse levantamento, chegamos a um total de 80 *tokens*, divididos por cinco *types* de uso: indicador de lugar, solicitador de tempo, preenchedor de pausa, marcador de mudança no discurso, marcador focalizador, sendo os três últimos usos como MD. De forma geral, os MD são conceituados como unidades linguísticas independentes que atuam na articulação e no gerenciamento dos processos de construção textual, no contexto de uso da língua. Assume-se como hipótese que, ao usarmos, em contextos específicos, o advérbio *aí* ao lado de *(es)pera*, formamos um *chunk* (Bybee, 2003), em que cada item se encontra distanciado de sua função original, e compondo, juntos, uma nova construção na língua, um novo pareamento forma-sentido (Croft, 2001), o qual se presta a um novo papel, o de marcador discursivo, conforme observamos em: “Eu medito há um ano. Me sinto cansada semanalmente. O volume de trabalho é muito grande. Mas, *perai!* Sou uma só.”, em que *espera aí* sofre erosão fonética e fusão de suas partes, compondo a construção *perai*. Assim, investigamos a construção marcadora discursiva *(es)pera aí* apresentando seus traços definidores, os quais comprovam ser os usos mais inovadores de *espera aí* usos como MD, segundo Risso *et al* (2015).

**Palavras-chave:** Linguística Funcional Centrada no Uso, Gramática Textual-Interativa, *espera aí*, marcador discursivo

## O MARCADOR DISCURSIVO “E AÍ” NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO

Milena Torres de Aguiar

*milenatda@gmail.com*

Faculdade de Formação de Professores/UERJ

Carolina Santos Martins

*carolsantosccmm@gmail.com*

Faculdade de Formação de Professores/UERJ

Fundamentados nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), segundo a qual a “análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação.” (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14), e na Linguística Textual-Interativa, mais especificamente nos trabalhos de Risso *et all* (2002, 2015), buscamos descrever os usos polissêmicos da construção *e aí* no português contemporâneo, dando maior relevo a sua função como marcador discursivo (MD), resultado de um possível processo de mudança linguística. Numa perspectiva sincrônica, tomamos como base o *Corpus Discurso & Gramática* e realizamos um estudo prioritariamente qualitativo, mas também quantitativo, desses usos em cinco tipos de textos: Narrativa de Experiência Pessoal, Narrativa Recontada, Descrição de Local, Relato de Procedimento e Relato de Opinião. Foram analisados todos os textos orais e seus correspondentes escritos, os quais foram produzidos pela comunidade estudantil fluminense – estudantes de escolas públicas e privadas e de diferentes graus de escolaridade – das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. Esse levantamento nos forneceu um total de 81 *tokens*, divididos em cinco *types* de uso: questionador, sequenciador tópico, sequenciador conclusivo, sequenciador de causalidade e sequenciador de retomada tópica após inserção. De forma geral, os MD são conceituados como unidades linguísticas independentes que atuam na articulação e no gerenciamento dos processos de construção textual e aos quais se atribui uma categoria pragmática. Parte-se da hipótese de que, ao usarmos, em contextos específicos, o advérbio *aí* ao lado do conector *e*, formamos um *chunk* (Bybee, 2003), em que cada item se encontra mais distanciado de sua função original, e comundo, juntos, uma nova construção na língua, um novo par forma-significado, conforme Croft (2001), ao qual é atribuído um novo papel, o de MD, como observamos em: “hoje... quando eu estava vindo pra escola... foi muito engraçado... meu colega me parou... e me perguntou o que que... eu tinha... recebido de presente de dia dos namorados... eu ri... olhei pra ele e falei “ah... ganhei esse par de brincos...” aí ele: “hum:: bonitinho...” aí eu falei assim “*e aí*... Leandro... e você... como foi?”.”. Com base em Risso *et all* (2015), identificamos em *e aí* os traços definidores dos Marcadores Discursivos, a fim de comprovarmos que o uso mais abstratizado analisado é na função de MD.

**Palavras-chave:** Linguística Funcional Centrada no Uso, Gramática Textual-Interativa, *e aí*, Marcador Discursivo.

## A MICROCONSTRUÇÃO DE RESULTADO *PORTANTO* COMO ESTRATÉGIA COESIVA: UM DIÁLOGO ENTRE A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO E A LINGUÍSTICA TEXTUAL

Ana Beatriz Arena  
bia.arena@gmail.com  
UERJ/FFP

Fernanda Capulot Ruas  
fernandacapulot@hotmail.com  
UERJ/FFP

Nos estudos funcionalistas, estamos constantemente buscando identificar e compreender novos usos para velhas formas linguísticas. No domínio da conexão, é muito frequente a emergência de elementos conectores, formando uma rede construcional bastante extensa e comportando diferentes tipos esquemáticos, os quais, por sua vez, licenciam diferentes microconstruções. Esta apresentação faz parte de um projeto maior, que tem como objeto de estudo microconstruções de resultado no português, sejam as tradicionalmente conhecidas como conjunções coordenativas conclusivas (*portanto, por isso, logo*) e conjunções subordinativas adverbiais consecutivas (*que, de modo/maneira/forma/sorte que*), sejam as convencionalizadas como elementos conectores, porém não arroladas sob o rótulo de “conjunção” na grande maioria dos compêndios gramaticais normativos (*então, sendo assim, desse modo, nesse sentido, daí que* etc.). As microconstruções de resultado, para além da dicotômica perspectiva tradicional coordenação x subordinação de orações, vêm se especializando pragmaticamente na expressão de conclusão e de consequência, além de articularem porções textuais maiores do que o nível microtextual. Nesta apresentação, fazemos um panorama do que nossa pesquisa evidenciou até aqui e propomos a análise da microconstrução de resultado *portanto*. O suporte teórico constitui-se de um diálogo entre princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos principalmente de Traugott e Trousdale (2013) e de Croft (2001), e princípios da Linguística Textual (LT), no que diz respeito à articulação de orações e períodos (KOCH, 1987, 2004, 2009) e aos gêneros e tipos textuais (MARCHUSCHI, 2005, 2008; BONINI, 2005). Consideramos a dimensão sincrônica da língua, e o *corpus* é composto por parágrafos conclusivos de redações do Enem articulados pela microconstrução de resultado *portanto*, entendida como conclusiva supraoracional. A hipótese principal é que, ao encerrar textos, *portanto* não só mantém a unidade temática como pode promover progressão textual. Nossos objetivos são a) apresentar alguns padrões de uso de *portanto* na articulação de porções textuais no nível macroestrutural; b) demonstrar como esses usos são contingenciados por diferentes motivações pragmático-discursivas, entre elas o papel dos gêneros e tipos textuais na emergência de *portanto* em uso supraoracional como estratégia coesiva; c) reconhecer que *portanto*, não obstante seu papel como articulador do último parágrafo de um texto, pode promover progressão textual. Por fim, esperamos trazer uma reflexão um pouco mais ampliada sobre as funções sintático-semânticas e pragmático-discursivas da microconstrução de resultado *portanto*, considerando que este olhar se estende para outras microconstruções da mesma rede, contribuindo para a pesquisa e ensino de diferentes estratégias de conexão textual.

**Palavras-chave:** *portanto*, LFCU, Linguística Textual, estratégia coesiva, microconstrução de resultado

## DESCRIÇÃO E ANÁLISE: ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS SUBJETIVAS EM LIVROS DIDÁTICOS

*Mariana Soares Araújo de Souza*  
*s.maryaraujo@gmail.com*  
*Universidade Estadual de Alagoas*

O presente trabalho de pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica e pretende observar como as orações subordinadas substantivas subjetivas são conceituadas e caracterizadas em alguns livros didáticos de língua portuguesa, do terceiro ano médio, de escolas públicas. Essa análise é embasada em pressupostos teóricos da linguística funcional e busca muito mais que mostrar definições e traços das orações subordinadas substantivas subjetivas, possui também o intuito de expor se nos livros didáticos selecionados há conceitos ou considerações que fogem do padrão da gramática tradicional e que se aproximam das definições funcionalistas acerca de orações, também de período composto/articulação de orações, subordinação, subtipos de orações subordinadas substantivas subjetivas e por fim a modalização em orações. A escolha dos livros didáticos de língua portuguesa foi feita de forma aleatória, mas limitada aos livros disponíveis pelo Plano Nacional do livro didático-PNLD e buscou-se nos livros as passagens que tratavam de definir e caracterizar as estruturas estudadas bem como as noções de período que antecede o estudo das orações subordinadas substantivas subjetivas. Então, levando em consideração a forma com que a gramática tradicional, especialmente a de Cunha e Cintra (2003), descreve as orações estudadas, os livros de língua portuguesa em sua maioria foram fiéis à abordagem dela, mostrando apego aos teóricos tradicionais. Apenas em momentos breves foram encontrados conceitos funcionalistas em dois livros didáticos entre os cinco livros analisados. Assim, fazer esse trabalho serviu não só para realizar uma revisão de uma selecionada amostragem do material pedagógico dos professores do ensino médio, mas para entender de fato como e se a Linguística funcional está se fazendo presente no ensino médio atual por meio dos livros de suporte e, além disso, a pesquisa serviu também para promover reflexões a fim de possibilitar o ato de pensar em formas de defender a implementação de mais pressupostos teóricos dessa linha de estudo nos futuros materiais didáticos.

**Palavras-chave:** conceitos, linguística funcional, gramática tradicional.

### RESUMOS DA SESSÃO 4

#### ENSINO DE ORAÇÕES CONDICIONAIS EM LIVROS DIDÁTICOS: UMA PROPOSTA PAUTADA NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

*Leyla Ely*  
*leylaely@letras.ufrj.br*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

*Cláudia A. Rost Snichelotto*  
*claudiarost@uffs.edu.br*  
*Universidade Federal da Fronteira Sul*

Este trabalho discute o tratamento dado à abordagem de conectores e orações subordinativas condicionais do Português brasileiro em uma coleção de obras didáticas para os anos finais do ensino fundamental, intitulada de “Singular e Plural”. O ensino de língua portuguesa tem sido privilegiado pela norma-padrão das estruturas linguísticas consideradas de prestígio e explicado fora do padrão real, praticado em diferentes contextos comunicativos entre os falantes. Essa prática escolar fragmentária e irrefletida, que vai de encontro às políticas de ensino de língua materna no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, as Diretrizes Curriculares para Educação Básica e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), faz com que o tratamento da variação em sala de aula seja um desafio a mais para o professor e para o aluno. A fim de dar uma explicação mais ampla aos fenômenos gramaticais selecionados, discutimos a condução dada a eles nos livros didáticos da coleção “Singular e Plural” destinados a estudantes do oitavo e nono ano do ensino fundamental. A discussão foi realizada com base na perspectiva reflexiva da gramática, seguindo o pressuposto teórico de que a língua é um sistema heterogêneo e a variação é inerente à língua e condicionada por fatores internos e externos ao sistema linguístico (LABOV, 2008). Pautamo-nos, portanto, na teoria variacionista e na visão funcionalista para a descrição das construções condicionais. Como resultado de nosso estudo, verificamos a ausência de explicação reflexiva sobre conectores e orações subordinativas condicionais, já que as estruturas e as conexões entre as proposições são descritas exclusivamente de acordo com a concepção de língua das gramáticas normativas e de forma isoladas. Assim, a apresentação do conteúdo gramatical e as propostas de atividades sobre condicionais encontram-se descontextualizados de qualquer função comunicativa e, tampouco, se baseiam nos usos reais da língua. Esses resultados apontam para a emergência de estudos e propostas de atividades que tratam de forma relacionada o ensino das normas e a variação linguística, fazendo com que o estudante reflita sobre a diversidade de usos e as adequações de acordo com as diferentes situações comunicativas.

**Palavras-chave:** ensino, livro didático, construções condicionais, conectores, variação

## **OS CONECTIVOS CONDICIONAIS E CONTRASTIVOS EM LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL**

*Patrícia da Silva Lima*  
*patricialima628@gmail.com*  
*Universidade Federal do Ceará*

*José Rogério Viana de Oliveira*  
*rogerviann@gmail.com*  
*Universidade Federal do Ceará*



Maria Claudete Lima  
claudete@ufc.br  
Universidade Federal do Ceará

O emprego dos conectivos é valioso recurso argumentativo que deve ser objeto de um ensino da língua portuguesa. Em especial, o emprego adequado e variado dos conectivos que expressam contraste e condição, por servir de introdução a argumentos e contra-argumentos, deve figurar entre os objetivos de um ensino de gramática voltado à produção e compreensão de textos. Entendendo-se a gramática como indissociada do texto, como a concebe o funcionalismo linguístico, seu ensino deve ocorrer em função da produção de sentidos, sem desconsiderar outros aspectos igualmente relevantes, como a sistematização dos conhecimentos linguísticos e o reconhecimento da variação linguística. Considerando que o livro didático se configura como principal instrumento do professor, cabe avaliar o tratamento desse tema em livros destinados aos 8º e 9º anos do ensino fundamental. Nosso objetivo, portanto, é analisar como duas coleções de livros didáticos, publicadas recentemente e adotadas pela maioria das escolas públicas do município, abordam os conectivos. Ambas as coleções se descrevem como adequadamente afinadas com as recomendações da BNCC, de um ensino de gramática relacionado às práticas discursivas. Cumpre verificar até que ponto a abordagem dos conectivos nos livros didáticos analisados atende a essa visão de ensino de gramática na sua relação com o texto, ao mesmo tempo em que leva o aluno a refletir sobre o uso. Para isso, analisaram-se quanto ao tipo — se metalinguística, quando requer identificação e classificação de entidades; epilinguística, quando leva o aluno a refletir sobre a linguagem; produtiva, quando explora a produção de sentidos, e normativa, quando considera a variação linguística para chegar à norma gramatical— 381 atividades referentes aos conectivos presentes nos quatro livros, e, mais detidamente, 59 itens referentes aos conectivos condicionais e contrastivos. Os dados mostraram que: (1) Embora haja variedade de atividades, ainda predominam as metalinguísticas; (2) os conectivos contrastivos são mais explorados que os condicionais, inclusive quanto à variedade de itens: foram estudados o *entretanto*, *mas*, *embora*, *mesmo*, *por mais que*, *porém*, *ainda que*, em atividades metalinguísticas, epilinguísticas, produtivas e normativas; (3) os conectivos condicionais são pouco explorados, tanto no que diz respeito ao tipo de questão, basicamente, limitado ao reconhecimento do sentido, quanto no que diz respeito aos meios de expressão da noção de condicionalidade. Estas considerações demonstram que, embora o livro didático seja recurso norteador para o professor, não supre as necessidades de um ensino de gramática que contribua para o desenvolvimento da competência discursiva do aluno.

**Palavras-chave:** ensino de gramática, conectivos contrastivos, conectivos condicionais

## A CONSTRUÇÃO “# SÓ QUE NÃO”: UM ESTUDO À LUZ DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

*Tharlles Lopes Gervasio  
tharllesloge@gmail.com  
Colégio Pedro II*

No presente trabalho, propõe-se uma análise a respeito da construção “#SóQueNão”, recrutada como indicador de ironia em interações estabelecidas por meio de postagens escritas na muito difundida rede social *Facebook*, gênero digital multimodal. Na rede social em questão, pode-se notar grande frequência de uso da construção tema deste estudo, principalmente sob a forma das *hashtags* “#SóQueNão” ou “#SQN”. Tomam-se por base pressupostos teóricos ancorados na Linguística Cognitiva, sobretudo a Gramática de Construções, de Goldberg (1995) e a Mesclagem Conceptual, de Fauconnier e Turner (2002). Busca-se mostrar que as extensões de sentido veiculadoras da ironia – entendida segundo Coulson (2001; 2005) – são fornecidas pragmaticamente, a partir do contexto de uso dessa expressão. A ironia é um recurso linguístico muito utilizado nos mais variados textos da modalidade escrita e oral. Acrescenta-se, ainda, que ao utilizar tal recurso, o escritor/falante intenta dizer ao leitor/ouvinte o contrário do que diz, contradizendo ou mesmo invectivando, de algum modo, a si próprio ou ao outro. Para a real compreensão das extensões de sentido dessa construção, que muito se aproxima da modalidade oral de uso da língua, optou-se por selecionar publicações que apresentavam seu emprego nos mais variados contextos discursivos. Escolheram-se, ainda, contextos os quais permitissem que o leitor lançasse mão de seu conhecimento de mundo ao máximo e fosse capaz de ativar os devidos armazenamentos de sua memória como usuário da língua, para que houvesse, assim, a devida compreensão do papel semântico-pragmático desempenhado por essa construção. A análise revelou que “#SóQueNão”, além de marcar discursivamente o efeito de ironia, desempenha, nas porções textuais em que figura, o papel de gatilho para oposição das ideias apresentadas. Verificou-se, também, que a real compreensão dos efeitos de sentido da construção “#SóQueNão” apenas se torna possível dentro de um dado contexto de uso, o que reitera, desse modo, a importância do cenário comunicativo.

**Palavras- chave:** Linguística Cognitiva, linguagem virtual, ironia

### **USO DE ORAÇÕES GERUNDIVAS NOS COMANDOS DOS ITENS DO ENEM: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE FUNCIONALISTA**

*Ana Paula Antunes Rocha  
rocha\_ana@id.uff.br  
IEAR/UFF*

*Bruno de Assis Freire Lima  
bruno.lima@ifmg.edu.br  
IFMG/UFMG*

Rocha e Lima (2021) apresentam um estudo do uso de orações adverbiais reduzidas de gerúndio nos comandos dos itens do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), no intervalo de tempo que vai de 2010 a 2019, em ocorrências como “Considerando os três aspectos, qual é a melhor amostra de lente fotocromática para se utilizar em óculos?”

(ENEM, 2014, p. 31). A partir do entendimento de item como um gênero textual de especialidade, o estudo mencionado revelou, entre outros pontos, (i) que, em 2010, o uso das gerundivas destaca-se do ponto de vista quantitativo, pois, enquanto na prova de 2017, por exemplo, se encontram duas ocorrências de gerundivas, há, na prova de 2010, dezessete ocorrências, e (ii) que, embora as provas, antes de sua aplicação, passem pela revisão linguística de especialistas do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), há, no conjunto dos dados, casos que fogem à organização do período sintático segundo a norma padrão do português escrito, encontrada em gramáticas tradicionais, como a de Bechara (1999), e em manuais de redação de referência, como o de Garcia (1992). Conforme Osterlind (2004), Anderson e Morgan (2008) e Lima (2018), os itens de prova são elaborados a partir de conhecimento técnico de três naturezas: técnico-avaliativo, técnico-temático e técnico-linguístico. O objetivo principal da comunicação aqui proposta é apresentar os dados descritos no artigo citado e analisá-los sob a perspectiva da Linguística funcional, mais especificamente sob a perspectiva de Halliday e Matthiessen (2004), a fim de responder às seguintes questões: no dado retirado do ENEM de 2014, por exemplo, a oração gerundiva pode ser entendida como fundo e a outra oração, em forma interrogativa, como figura? Se a gerundiva puder ser analisada como fundo nos dados em geral, é preciso analisar também se ela remete às informações necessárias ao candidato da prova na solução do item por meio de anáfora, quando há um texto de apoio, ou por algum tipo de pressuposição não declarada anteriormente. Nessa perspectiva de análise, defende-se que, pelo menos conforme demonstram os dados em pauta, a formulação linguística do item associa-se intimamente com os seus aspectos temáticos e avaliativos, o que, além de corroborar o princípio de que as escolhas linguísticas são icônicas e motivadas, pode explicar também os dados em que o elaborador e/ou o revisor do item abrem mão da norma padrão em prol de uma forma linguística mais eficiente do ponto de vista pragmático.

**Palavras-chave:** gerundivas, item, ENEM, funcionalismo.

## RESUMOS DA SESSÃO 5

### **CONECTORES COMPLEXOS DE DUPLA FUNÇÃO COESIVA (REFERENCIAL E SEQUENCIAL) NO PORTUGUÊS**

*Monclar Guimarães Lopes  
monclarlopes@id.uff.br  
Universidade Federal Fluminense*

No português, o subesquema [ $X_{\text{prep/adv}}$  ISSO] é um conector complexo que estabelece uma dupla função coesiva: a preposição ou advérbio atua na promoção da coesão sequencial ao encadear segmentos de texto por meio de relações lógico-semânticas ou discursivo-argumentativas; o pronome demonstrativo “isso”, na promoção da coesão referencial ao encapsular segmentos prévios de texto de diferentes dimensões. Consideramos que a descrição desse fenômeno é relevante para os estudos sobre coesão, na medida em que a Linguística Textual tem tratado os dois processos coesivos (referenciação e sequenciação) como fenômenos completamente distintos, de modo que os mecanismos linguísticos

sejam considerados como elementos funcionais de uma ou de outra categoria. Para esta apresentação, buscamos descrever as propriedades coesivas desse subesquema por meio de algumas microconstruções que o instanciam, a saber: *com isso*, *sem isso*, *diante disso* e *fora isso*. Para fundamentar nosso estudo, empregamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016; FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013; BYBEE, 2016; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; entre outros), em diálogo com os estudos da Linguística Textual (FÁVERO, 2004; KOCH, 2003; entre outros). Foram selecionadas 500 ocorrências extraídas da base de dados *Now do Corpus do Português* ([www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)) e empregou-se o método misto na análise. Os resultados da pesquisa evidenciam, entre outras coisas, que: 1) o subesquema atua na conexão oracional e supraoracional, sendo muito mais produtivas as ocorrências supraoracionais (sobretudo na posição interperíodo); 2) há uma relação entre a posição do conector e o escopo remissivo do pronome demonstrativo “isso”, de modo que, no nível oracional, o elemento encapsula porções de texto mais reduzidas em comparação ao nível interperíodo e interparágrafo.

**Palavras-chave:** mecanismos híbridos de coesão, conectores complexos, Linguística Funcional Centrada no Uso, Linguística do Texto

## A RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPO NA EMERGÊNCIA DAS CONSTRUÇÕES DE CONTRASTE COM *ENQUANTO (QUE)*

*Luísa Ferrari*

*luisa.ferrari@unesp.br*

*Universidade Estadual Paulista (UNESP)/FAPESP*

O domínio de tempo é canal fértil para derivação de significados contrastivos (KORTMANN, 1997). Nesse domínio, a simultaneidade temporal está entre as nuances mais produtivas, havendo evidências de que está na origem dos usos contrastivos de *enquanto (que)*, do português (LONGHIN, 2016, 2019), e de jutores contrastivos similares em outras línguas, como *while*, do inglês, e *mentre*, do italiano (TRAUGOTT, 1995; MAURI; RAMAT, 2012). Este trabalho tem por objetivo principal fornecer evidências de como a relação de simultaneidade se remodela, diacronicamente, em favor de uma relação contrastiva nas construções com *enquanto (que)*, olhando, em particular, para como a dimensão do tempo se relaciona com a dimensão do espaço nessas construções. Nas relações complexas, o modo como essas duas dimensões interagem pode indicar diferentes graus de proximidade ou distância conceitual entre os estados de coisas (EsCo), especialmente relevantes para estudo do desenvolvimento de jutores contrastivos (MAURI, 2008). EsCo caracterizados por proximidade tanto espacial como temporal tendem a ser mais próximos também do ponto de vista conceitual, ao passo que EsCo distantes no espaço e no tempo tendem a exibir distância conceitual (HAIMAN, 1985; MAURI, 2008).

Assumindo um quadro teórico que entende a pragmática como a principal força que instiga mudança e que toma os contextos de uso como eixo privilegiado de análise (TRAUGOTT; DASHER, 2002; BYBEE, 2010), mobilizamos uma abordagem metodológica que busca distinguir contextos compatíveis exclusivamente com o

significado fonte, contextos duplamente compatíveis com significado fonte e com significado alvo e contextos compatíveis exclusivamente com o significado alvo (MAURI; RAMAT, 2012). O *corpus* da pesquisa compreende textos representativos de tradições discursivas diversas e produzidos entre os séculos XVIII e XXI. Os resultados sugerem que a relação espaço-tempo se remodela nas construções com *enquanto (que)* em perspectiva longitudinal. Entre os contextos fonte, os contextos de dupla compatibilidade e os contextos alvo, há indícios de um afastamento gradativo entre os EsCo nas dimensões espacial e temporal. A simultaneidade expressa nas construções exclusivamente temporais com *enquanto (que)* tende a estar correlacionada, de maneira importante, segundo nossos dados, a uma proximidade sociofísica, de modo que, nos contextos fonte, os EsCo tendem a estar contíguos tanto no espaço como no tempo (*Emquanto ella repetia a declaração da vespera, Carlos Maria abria os olhos*, séc. XIX/2). Já nos contextos em que à simultaneidade se somam valores contrastivos, observa-se, diacronicamente, uma tendência ao distanciamento espacial entre os EsCo, e suas localizações no espaço, justamente porque distantes, passam a constituir um dos elementos postos em confronto, mantendo-se apenas a proximidade temporal inerente às relações de simultaneidade (*Nos engenhos, (...) deixavam que a vida escoasse tranquilla (...), enquanto lá fóra, na tortura do trabalho (...) se desfazia em suor*, séc. XX/1). Já nos contextos alvo, os dados mostram uma tendência ao distanciamento tanto espacial quanto temporal, pois dá suporte à leitura contrastiva uma relação sequencial entre os EsCo, ficando bloqueado o valor temporal fonte, e as localizações espaciais dos EsCo, quando não explicitamente distintas, perdem relevância, pois entram em relação entidades cognitivamente mais complexas do que EsCo ancorados no mundo sociofísico (*A diferença entre a antiga ordem social competitiva é que, naquela, a apropriação não se defrontava com reguladores externos de real eficácia, enquanto que, nesta, (...) um processo democrático e revolucionário (...) introduz “niveladores sociais de classe”*, séc. XX/2). Assumimos, assim, que, no percurso evolutivo de *enquanto (que)* rumo a contraste, olhar para a dimensão espacial, além da temporal, ao analisar as relações entre os EsCo, e para como ambas interagem pode explicar aspectos importantes das mudanças, dada a feição singular da simultaneidade expressa na fonte, já que tende a estar associada à contiguidade também espacial.

**Palavras-chave:** junção contrastiva, simultaneidade, espaço, tempo

## UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES AUXILIARES [V1+CONECTOR+V2<sub>INF</sub>]<sub>MODAL</sub> DO ESPANHOL PENINSULAR SOB PRESSUPOSTOS DA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

*Ana Luiza Ferancini Nogueira*  
*ana.ferancini@unesp.br*  
*UNESP/ IBILCE*

Com base nos pressupostos da gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), analisamos, em nível de Mestrado, a abstratização semântica da perífrase modal *tener que* do espanhol peninsular. Embora tenhamos focalizado a mudança semântica de [*tener que* + infinitivo], reconhecemos que o verbo pleno *tener* havia sofrido, em sincronias mais

remotas, mudança categorial e semântica, passando a constituir perífrase com valor modal. Em consequência, a perífrase passou a concorrer, no mesmo domínio funcional, com outras formas modais, como [*haber de* + infinitivo], [*haber que* + infinitivo] e [*tener de* + infinitivo]. O fato de, para essas diferentes perífrases, serem apontadas trajetórias similares de desenvolvimento gramatical nos levou a questionar como tal mudança poderia ser interpretada como resultante de um processo mais amplo de construcionalização procedural. Esse questionamento também é motivado pela constatação, a partir da pesquisa de Mestrado, de uma trajetória de generalização de tipos de sujeito e de verbos principais associados à *tener que*. A proposta de pesquisa atual se fundamenta em pressupostos teórico-metodológicos da abordagem construcional (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e objetiva investigar a emergência das construções auxiliares modais com os verbos *haber* e *tener* do espanhol peninsular. Considerando, então, a construcionalização como “formação de novas unidades (construções) a partir de materiais independentes até então” (BERGS; DIEWALD, 2008, p. 5) e admitindo que o fenômeno ocorre por meio de neoanálises e analogias no campo pragmático, hipotetizamos que as perífrases com os verbos em exame surgem como resultado de uma série de mudanças em micropassos, os quais levam à abstração de um esquema procedural [V1+Conector+V2<sub>inf</sub>]<sub>modal</sub>. Para análise da trajetória de mudança, verificaremos, com base nos parâmetros de auxiliaridade elencados por Heine (1993) e Ilari e Basso (2014), alterações nos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções à medida em que avança a mudança linguística. Como *cópus* de investigação, utilizaremos dados retirados do CORDE (*Cópus Diacrónico delEspañol*), desde o século XIII até o século XX.

**Palavras-chave:** construcionalização, auxiliaridade, modalização, espanhol peninsular

## A CONEXÃO DAS CONSTRUÇÕES ORACIONAIS PASSIVA EM PERSPECTIVA FUNCIONAL

*Maria Luiza Guimarães da Costa Cruz  
maluguimaraesc@gmail.com  
Universidade Federal Fluminense*

Esta pesquisa em andamento objetiva investigar as construções oracionais passivas (COP) em perspectiva funcional. Tais construções são estruturas complexas compostas por uma oração matriz (OM) na qual há uma locução verbal de participio que seleciona a preposição *por*, que, por sua parte, combina-se com os pronomes *quem* ou *quantos*, introduzindo, desse modo, a oração subordinada completiva com função de agente da passiva, conforme o dado (01) a seguir: "Assim, quando o preço se transforma no único laço entre produtor e consumidor, os vínculos sociais que não se expressam no mercado tendem a desaparecer, fazendo com que as condições de trabalho e a vida dos produtores sejam desconsideradas[*por quem consome.*]" (Fonte: <https://jornal.usp.br/artigos/culturas-de-tradicao-oral-nas-megalopoles-resistencia-das-comunidades-ao-assalto-do-mercado/>). Posto que as completivas com função de agente da passiva não exibem os traços prototípicos das orações dessa natureza, visamos a (i) apurar a sua ligação com a locução verbal da OM; (ii) descrever as propriedades morfossintáticas de seu conector pronominal e (iii) evidenciar a gradiência em seus

limites. A fim de cumprir a agenda investigativa proposta, recolhemos trezentos dados sincrônicos de língua portuguesa escrita extraídos da interface NOW de *O Corpus do Português* ([www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)) e os analisamos qualitativamente, adotando os pressupostos funcionais de que as categorias linguísticas se organizam em torno de protótipos (BYBEE, 2010) e que exibem limites gradientes entre si (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2010), além de que as construções são pareamentos de forma e conteúdo entrelaçados por um elo simbólico (CROFT, 2001). Os resultados preliminares revelam que (a) as orações completivas com função de agente da passiva ora se aproximam dos limites das completivas nominais, ora das relativas restritivas; (b) seu conector, diferentemente da conjunção integrante, exerce uma função sintática no interior da oração e (c) essas completivas, geralmente, carregam informações novas no período.

**Palavras-chave:** Linguística funcional centrada no uso, construção, conexão, passiva, agente da passiva

## RESUMOS DA SESSÃO 6

### A MICROCONSTRUÇÃO CONECTORA ANTES DE SOB UMA PERSPECTIVA FUNCIONAL

*Marcello Martins Machado*  
*marcello\_martins@id.uff.br*  
 UFF

Neste trabalho, a microconstrução *antes de* é analisada sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. O conectivo é investigado em uma abordagem holística, ou seja, desde os níveis formais até os níveis funcionais. Tradicionalmente, essa microconstrução é definida como uma locução prepositiva, mas observando fatores pragmáticos e discursivos dos dados analisados no *Corpus* do Português, percebe-se que esse *type* atua como um conectivo que estabelece uma relação de tempo, de contraste, de condição ou de finalidade entre duas orações. Com base nesses pontos, o principal objetivo desta pesquisa é mostrar que o *antes de* atua como um conector hipotático e que, a partir de uma semântica temporal, esse conector permite inferenciar outros sentidos de acordo com o contexto. Para entender esse fenômeno, a investigação levará em consideração três grandes vertentes teóricas da Linguística: a primeira é o Funcionalismo Clássico norte americano, a segunda é a Linguística Cognitiva, e a terceira é a Gramática de Construções. Esses três elementos juntos permitirão que o objeto de estudo seja observado como uma construção, segundo as definições de Goldberg (1996) e Croft (2001). Também serão trabalhados o conceito de subjetividade, segundo Traugott e Dasher (2002); o processo de domínio geral categorização de Bybee (2010,2015); o *continuum* proposto por Hopper e Traugott (2003) que apresenta uma abordagem gradiente dos mecanismos de integração de orações presentes em todas as línguas. A metodologia de pesquisa perseguirá o método misto, nos termos de Lacerda (2016).

**Palavras-chave:** *antes de*, microconstrução, conectivo, inferências contextuais, funcionalismo

## ANÁLISE FUNCIONAL DAS MICROCONSTRUÇÕES CONECTORAS EM FACE DE E EM VISTA DE

*Thaís Alessandra Souza Cardoso*  
*thaisale21@gmail.com*  
*Universidade Federal Fluminense*

Esta pesquisa insere-se no Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO) e objetiva descrever e analisar as microconstruções conectora *sem vista de* e *em face de*, as quais provêm do subesquema altamente produtivo na língua portuguesa, conhecido como [em N de]<sub>connect</sub>. Compreende-se como construção todo pareamento de forma-significado (Croft, 2001; Goldberg, 1995; Traugott e Trousdale, 2013), que pode ser descrita por seu tamanho, por sua especificidade fonológica e pelo conteúdo que veicula. No que concerne às microconstruções conectoras *em face de* e *em vista de*, caracterizam-se por ser complexas em seu tamanho – uma vez que são compostas por três elementos formando um *chunk* –, de especificidade fonológica intermediária – já que integram um subesquema parcialmente esquemático – e de conteúdo procedural – visto que combinam palavras, sentenças e orações explicitando relações lógicas. Em sua forma, são compostas por duas preposições (*em* e *de*) e um nome, tradicionalmente arroladas como locução prepositiva, embora possam combinar não só frases e sentenças, como também orações hipotáticas não finitas. No nível do significado, são mais recorrentes em textos dissertativos e argumentativos, de modalidade escrita formal. Além disso, destacamos que tais microconstruções explicitam funções textuais semelhantes a outros conectivos prototípicos, como *porque* e *a fim de*, que expressam, respectivamente, valor causal/explicativo e final. Nessa primeira etapa de pesquisa, objetivamos descrever e analisar os usos dessas microconstruções na língua portuguesa na presente sincronia, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (vulgo LFCU), fundamentando-se nos conceitos da Abordagem Construcional (Traugott e Trousdale, 2013; Bybee, 2010). Para tanto, adotando uma metodologia qualitativa e quantitativa foram coletados e analisados 160 dados, extraídos das interfaces *Now* e *Dialects do Corpus do Português* (disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/>). Como resultados iniciais, identificamos que *em face de* e *em vista de* advêm de um esquema altamente produtivo, parcialmente esquemático e de baixa composicionalidade.

**Palavras-chave:** conexão de orações, abordagem construcional, Linguística Funcional Centrada no Uso

## A CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE [DE ACORDO COM X]

*Myllena Paiva Pinto de Oliveira*  
*myllenaipaivap@gmail.com*  
*Universidade Federal Fluminense*



Este trabalho é uma extensão da pesquisa de doutorado na qual se investiga sincronicamente a expressão da conformidade em língua portuguesa. Está vinculado ao Grupo de Pesquisa Conectivo e Conexão de Orações, com sede na Universidade Federal Fluminense. O objetivo é analisar a trajetória de construcionalização do conector [de acordo com]. Utilizamos para isso os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso – em que a Linguística Funcional norte-americana se apropria de alguns aportes teóricos da Linguística Cognitiva, como a Gramática de Construções (cf. TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). A pesquisa funcionalista é, por princípio, indutiva (OLIVEIRA e LOPES, 2019), portanto partimos de dados da língua em uso, retirados de situações reais de comunicação, para fazer generalizações a respeito do objeto analisado. Nessa perspectiva teórica, a língua é moldada no uso, influenciada por aspectos sociais, cognitivos e linguísticos. O conector [de acordo com] foi detectado na sincronia atual como uma microconstrução do esquema conformativo do português. Para a presente análise diacrônica, adotamos o *Corpus do Português*, que demonstrou a presença da construção nos séculos XV (1 dado), XVIII (1 dado) e XIX (94 dados) e XX (3.138 dados). A hipótese é que, por rearranjo sintático, em que atuam a metáfora e metonímia, a construção conectora conformativa [de acordo com] tenha advindo de uma construção predicativa (X estar *de acordo com* Y). Então, para ampliar o foco da investigação e postular de forma mais acurada a origem de tal conector conformativo, buscamos no *corpus* não apenas “de acordo com”, mas também “acordo com”, o que nos permitiu detectar construções com “acordo com” nos séculos XIV (5 dados), XV (11 dados), XVIII (2 dados), XIX (3 dados) e XX (285). Ainda não chegamos a um resultado definitivo, mas indicamos que a maior frequência da construção [do acordo com] nos séculos XIX e XX parece demonstrar que o conector conformativo tem formação recente no português.

**Palavras-chaves:** construcionalização, conector, conformidade

### MICROCONSTRUÇÕES ADITIVAS DE EXTENSÃO: UMA ANÁLISE FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Milena Silva dos Santos  
milenasilva@id.uff.br  
Universidade Federal Fluminense

Esta pesquisa consiste em uma análise de parte das construções aditivas de extensão, as quais são instanciadas pelo conector *além de*. O escopo do trabalho, que antes se centrava no subesquema oracional [*além de X<sub>orac.</sub> Y<sub>orac.</sub>*], agora amalgama os demais *types*, dentre os quais encontram-se as ocorrências não oracionais e os *chunks* (“além do que”, “além de tudo e “além do mais”). Ficou constatado que os constructos oracionais que marcam a noção de extensão configuram as chamadas Construções Hipotáticas Oracionais Aditivas de Extensão, pois há interdependência semântico-sintática entre os constituintes, e a inserção do conector *além de* demarca uma adição cuja função é a de delimitar ultrapassamento. Outrossim, a análise de *corpora* flagrou a correlação aditiva, em formações como “além de...também” e “além de...ainda”. Dessa forma, objetivamos estender as análises e atender aos seguintes objetivos: i) Delimitar as especificidades das microconstruções não oracionais; ii) descrever os *chunks* de extensão; iii) investigar os limites entre a hipotaxe de extensão e a correlação; iv) analisar a natureza multifuncional

do *além de*. Para isso, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, em interface com a Abordagem Construcional da Gramática, consoante Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), Rosário e Oliveira (2016) e outros. A abordagem sistêmico-funcional também aporta nosso estudo, no que tange às considerações de Halliday (2004) sobre o grau de interdependência (taxis) e o eixo lógico-semântico das orações. A pesquisa é sincrônica, de dimensões qualitativa e quantitativa. Para a coleta de dados, utilizamos os *corpora* sincrônicos organizados na UFJF pela Prof. Patrícia Fabiane Lacerda, líder do grupo de pesquisa NUPACT, e, para os *chunks de extensão* especificamente, recorremos à rede social Twitter, onde observamos recorrência desse *type*. Neste caso, optamos por fazer um recorte, pois essa plataforma atualiza os usos continuamente. Por isso, extraímos 25 tokens de cada chunk, a fim de termos determinado parâmetro para análise.

**Palavras-chave:** adição, extensão, conector, *além de*

## RESUMOS DA SESSÃO 7

### AS MICROCONSTRUÇÕES [EM RAZÃO DE]<sub>CONNECT</sub> E [EM VIRTUDE DE]<sub>CONNECT</sub> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE FUNCIONAL CENTRADA NO USO

*José Walbérico da Silva W Costa*  
*walbericocosta@gmail.com*  
*Universidade Federal Fluminense*

Este trabalho visa a investigar o papel funcional das microconstruções [em razão de]<sub>connect</sub> e [em virtude de]<sub>connect</sub> no português brasileiro, que compõem a rede do esquema construcional [X de]<sub>connect</sub>. A pesquisa demonstra como e onde esses conectivos estão atuando nos contextos de uso, bem como ilustra os seus usos funcionais nos campos semântico, pragmático e cognitivo. Objetivamos, assim, expor os usos desses conectivos nos contextos comunicativos, como também elucidar as funções que eles desempenham nos usos. Tomamos como base teórico-metodológica a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), na visão de Traugott e Trousdale (2013), Rosário e Oliveira (2016) entre outros. Nossa investigação tem aspecto, essencialmente, qualitativo, uma vez que pretendemos descrever e fazer interpretações das análises, e também quantitativo, pois versamos à natureza comensurável do objeto analisado. Nessa pesquisa utilizamos, inicialmente, o *Corpus do Português*, com o propósito de fazer um mapeamento das ocorrências do nosso objeto em análise. Buscamos, para o tratamento do processo das microconstruções em evidência, trabalhar com a neanálise, na ideia de mudanças graduais em micropassos, e com a analogização, seguindo a fundamentação apresentada por Bybee (2016) que explicita dizendo ser “o processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias”. Mesmo estando no início da pesquisa, notamos que essas microconstruções têm valor causal, como podemos verificar nos exemplos “No ano passado, por exemplo, o atleta ganhou notoriedade ao participar das manifestações *em razão da* morte do líder mapuche Camilo Catrillanca, que levou um tiro pelas costas feito por um policial” e “No dia 7 de maio deste ano, o Blog do Esmael discutiu o tema *em virtude do* preço proibitivo do botijão de gás, então R\$ 105”. Embora essa função tenha sido mais produtiva, há indícios de que outras funções estão

sendo angariadas também. Nesse sentido, e por se tratar de um estudo em andamento, os resultados ainda não são definitivos, mas prevemos que essas microconstruções estão sendo recrutadas para um novo esquema, o qual pretendemos descobrir.

**Palavras-chave:** conectivos, LFCU, Gramática de Construções

## A PRODUTIVIDADE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA CONTRASTIVA [MAS OLHA]

*Vania Rosana Mattos Sambrana  
vania28mattos@gmail.com  
Universidade Federal Fluminense*

Partindo do pressuposto de que construções são as unidades básicas da língua, tomamos a construção conectora contrastiva [mas olha] como nosso objeto de estudo, que virtualmente representamos como [mas olha]<sub>cc</sub>. Em análise preliminar, nos termos de Rosário e Sambrana (2021), trata-se de um marcador discursivo que cumpre o papel de conector no nível textual-interativo, ligando duas porções textuais que veiculam sentidos oriundos de pontos de vistas opostos. Tais pontos de vista podem ser negociados no nível proposicional ou pressuposicional, a depender das pressões dos contextos de uso. Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso, representada por Martelotta (2011), Cezario e Furtado da Cunha (2013), Oliveira e Rosário (2015) e Rosário e Oliveira (2016), e dando ênfase no enfoque construcional, como estabelecido em Goldberg (1995; 2006; 2013), Croft (2001), Traugott (2008), Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e Traugott (2021), entre outros, pretendemos demonstrar a produtividade gerada a partir da instanciação da construção [mas olha] e suas implicâncias no que diz respeito aos mecanismos de integração de orações. Dessa forma, intencionamos defender que, em ocorrências como: (a) *...enfim, aqui tudo é perto e mais barato para se viajar, aqui pobre e rico pode desfrutar de comer caviar, as diferenças sociais, por enquanto, são menos do que em o Brasil, mas olha, envelhecer na Europa, aí é onde está o meu ponto, NAO (para mim) só tenho um filho, aqui as famílias mandam os filhos embora de a casa logo cedo*, a motivação semântico-sintática da atuação do conector *mas olha* não pode ser justificada pelos mecanismos tradicionais de coordenação e subordinação. Sustentamos que a construção [mas olha]<sub>cc</sub> atua como um elemento de conexão de estruturas no nível da macrossintaxe discursiva. Sendo assim, extrapolando as fronteiras oracionais, pontuamos que a construção [mas olha]<sub>cc</sub> desempenha papel funcional de conector de relações contrastivas em que duas porções de discurso se opõem. Nessa perspectiva, utilizamos como principal direcionamento metodológico a quantificação da frequência *token* e da frequência *type*, nos moldes de Bybee (2003), e o tratamento construcional, conforme encaminhado por Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014). As análises, nesta pesquisa, têm caráter qualitativo e quantitativo, e os dados levantados compõem dois *corpora* sincrônicos extraídos de fontes digitais, representativos do século XX e XXI. Em suma, na investigação da construção [mas olha]<sub>cc</sub> em seus contextos de uso, revela-se o caráter de interdependência semântica das porções textuais através das estratégias de coesão e conexão desempenhadas por elementos não prototípicos da gramática.

**Palavras-chave:** conector contrastivo, encadeamento discursivo, macrossintaxe

## O PAPEL DOS CORRELADORES INDEFINIDOS NA ARTICULAÇÃO DO CONTRASTE NA CONSTRUÇÃO CORRELATA COMPARATIVA APOSITIVA

*Letícia Martins Monteiro de Barros*  
*lemartins.mb@gmail.com*

*Universidade Federal Fluminense/FAPERJ*

Este trabalho visa a apresentar, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso, o papel dos correladores indefinidos na articulação do contraste na construção correlata comparativa apositiva (CCCA). Este estudo está ancorado nos pressupostos da Gramática de Construções (FILLMORE, 1988), que propõe a noção de *construção* como unidade básica da língua (GOLDBERG, 1995, 2006). Esta, por sua vez, é entendida como uma rede de nós (construções) interconectados e organizados cognitivamente de forma hierárquica (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Os correladores, conforme propõe Rosário (2018), são conectores que se encontram distribuídos paralelamente de modo a ligar dois segmentos de uma construção correlata, configurando uma relação de interdependência entre eles. No caso da CCCA, a correlação é estabelecida não por conectores canônicos, mas por indefinidos: na prótase, são encontrados elementos como *(alg)um(ns)(a)(s)*, *outro(a)(s)* e *muito(a)(s)*, sempre relacionados ao item *outro(a)(s)*, na apódose. Enquanto nas gramáticas tradicionais são reconhecidos apenas dois processos de organização sentencial – a coordenação e a subordinação –, nesta pesquisa defende-se que os indefinidos em questão, apesar de não poderem ser considerados conectores canônicos, auxiliam, quando emparelhados, na estruturação de outro processo, a correlação (OITICICA, 1952; MÓDOLO, 1999, 2008; CASTILHO, 2012; ROSÁRIO, 2018), uma vez que interrelacionam dois segmentos. Com a finalidade de verificar a função desses correladores no que tange à articulação do contraste na CCCA, pretende-se realizar uma análise qualitativa sincrônica com base em dados reais de uso retirados de sessões de discursos e votações da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Em estudo preliminar sobre as ocorrências da CCCA, foram detectados diferentes tipos de contraste, com base na proposição de Neves (2011), articulados pelos correladores indefinidos. Acredita-se que o emparelhamento desses elementos, especialmente pela presença do termo *outro(a)(s)* na apódose, desempenha um papel fundamental na elaboração do cotejo entre os dois segmentos interrelacionados, uma vez que *outro*, já em sua própria acepção, remete àquilo que é “distinto, diferente” (LAROUSSE; CARVALHO, 2009).

**Palavras-chave:** Gramática de Construções, CCCA, correladores indefinidos, contraste

## USOS DE CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS INTERCALADAS EM PARÁBOLAS BÍBLICAS DO LIVRO DE MATEUS

*Sávio André de Souza Cavalcante*  
*savio.andre@ifce.edu.br*

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará*  
*Universidade Estadual do Ceará*

Mariana Freire Sampaio  
 marianafs@alu.ufc.br  
 Universidade Federal do Ceará

Caio Ruan Pereira Chaves  
 caio.ruan.pereira10@aluno.ifce.edu.br  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

As cláusulas intercaladas ainda carecem de uma descrição pormenorizada, tendo em vista que sua definição não é clara em grande parte dos estudos linguísticos. Ciente dessa lacuna, Cavalcante (2020), considerando intercalação hipotática como inserção de uma cláusula entre elementos mais ou menos agregados dentro de sua respectiva nuclear, propõe que as intercaladas sejam divididas entre prototípicas e não prototípicas. O autor, com base em dados de Língua Espanhola, mapeia diversos *loci* nos quais a intercalação pode ocorrer, caracterizando-a. Considerando tal preâmbulo, na intenção de ampliar a descrição das intercaladas, esta pesquisa objetiva analisar os usos das cláusulas hipotáticas intercaladas em textos narrativos de Língua Portuguesa, a saber, as parábolas bíblicas presentes no livro de Mateus. Como hipótese, vale trazer à discussão o pensamento de Cavalcante (2020), quando defende que, ao contrário do que apontam os compêndios de escrita, a intercalação não complexifica a interpretação da sentença, mas é utilizada para facilitar a interpretação do estado-de-coisas descrito na nuclear, servindo a funções textual-discursivas. Em outras palavras, pode-se dizer que o uso de estruturas marcadas (GIVÓN, 1995, 2001) pode servir para equilibrar os esforços de codificação (DUBOIS; VOTRE, 2012). Os 74 dados de cláusulas hipotáticas localizados advêm da análise de todas as parábolas de Jesus presentes do livro de Mateus, codificados segundo os fatores (i) *versão da Bíblia* (Almeida Revista e Corrigida (ARC 1969) ou Nova Versão Transformadora (NVT 2017)), (ii) *locus da intercalada* (AA ( $\Delta$ ) I ( $\Delta$ ) N, CC ( $\Delta$ ) I ( $\Delta$ ) OC, CS ( $\Delta$ ) I ( $\Delta$ ) OS, M ( $\Delta$ ) I ( $\Delta$ ) N, S ( $\Delta$ ) I ( $\Delta$ ) V ou To ( $\Delta$ ) I ( $\Delta$ ) N), (iii) *tipo de oração* (reduzida ou desenvolvida) e (iv) *valor semântico* (tempo, causa, motivo, condição, concessão, finalidade, proporção etc.), observando-se as frequências de uso. Para além da análise quantitativa, também foram consideradas, em análise qualitativa, as funções textual-discursivas das intercaladas, após observação minuciosa de cada dado. Os resultados apontam uso abundante de intercaladas hipotáticas na versão bíblica ARC 1969 (87.8%), inseridas entre um conectivo de oração coordenada e a oração coordenada (*type* CC ( $\Delta$ ) I ( $\Delta$ ) OC) (55.4%), reduzidas (81%), com valor semântico predominante de tempo (37.8%). Acreditamos que a preferência de usos intercalados em versão mais antiga da Bíblia e a codificação por meio de reduzidas deve-se às pressões do grau de formalidade desse contexto, diferentemente do que ocorre com versão NVT, que se propõe mais acessível, evitando intercalações e privilegiando as cláusulas desenvolvidas. Quanto à opção pelos usos mais frequentes de cláusulas hipotáticas temporais intercaladas entre conectivo (frequentemente a conjunção “e”) e oração coordenada (*type* CC ( $\Delta$ ) I ( $\Delta$ ) OC), predomina a função de realce do valor de sequencialidade desse conector (TAVARES, 2003; NEVES, 2011), contribuindo para o fluxo narrativo. Em suma, conclui-se que os usos hipotáticos intercalados, associados a maior/menor grau de formalidade, resultam no estabelecimento de funções nos textos, entre as quais a progressão e a construção referencial/temática, a antecipação de informações relevantes, o realce a funções semânticas em um período maior etc. Advogamos, portanto, pelo

amplo uso das cláusulas intercaladas, cujos efeitos benéficos para a leitura/produção textual são comprovadamente eficazes.

**Palavras-chave:** intercalação, hipotaxe, parábolas bíblicas, funcionalismo linguístico

## RESUMOS DA SESSÃO 8

### A REFERENCIAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO: SINTAGMAS NOMINAIS NA (RE)ATIVACÃO DE REFERENTES TEXTUAIS

*Thaysa Gabriella Gonçalves*  
*thaysa.goncalves@uel.br*  
*Universidade Estadual de Londrina*

*Isabel Cristina Cordeiro*  
*isacris@uel.br*  
*Universidade Estadual de Londrina*

A linguagem é utilizada pelos falantes para cumprir propósitos comunicativos específicos. Assim, para que isso seja possível, os usuários recorrem a estratégias que os auxiliam a obter sucesso no estabelecimento da comunicação do modo desejado. As ideias são formuladas com base em conceitos que se efetivam na relação entre referente (o extralinguístico que está na realidade, sendo real ou projetado por meio dela) e referência (símbolo que designa o elemento da realidade e seu significado linguístico). Dessa forma, voltamos nosso estudo para o campo da Linguística Textual (KOCH, 2011; KOCH e ELIAS, 2018; MONDADA e DUBOIS, 2003, MARCUSCHI, 2008), especificamente para a coesão referencial, que apresenta recursos que fazem com que o propósito comunicativo de cada situação se cumpra e, também, possibilita que compreendamos aspectos de composição e construção do texto. Nosso objetivo é, nesse sentido, estudar a atuação e o funcionamento de sintagmas nominais de consequência anafórica, uma vez que, na perspectiva dos estudos da referenciação, a retomada de referentes é a base para a introdução de outros novos. Assim, propomos examinar a construção e a reconstrução – processo de (re)categorização – de objetos de discurso (referentes) pautando-nos na perspectiva de que os referentes não espelham o mundo real de modo direto, mas são construídos e reconstruídos dentro do discurso de acordo com a percepção de mundo de cada indivíduo. Para tanto, a fim de constatar a percepção que dois canais de comunicação *on-line*, de posicionamentos político-ideológicos distintos, possuem sobre um mesmo referente, analisamos duas matérias jornalísticas que versam sobre a Rede Globo (um dos maiores canais de comunicação brasileiro): a matéria intitulada *O papel da Rede Globo na prisão de Lula* (2018) foi retirada do portal de esquerda *Carta Maior*, e a matéria *Os Telefonemas Do Presidente Bolsonaro & A Mentira Da Grande Imprensa* (2019) foi retirada do canal de direita *Crítica Nacional*. Ambas as matérias analisadas indicam a contribuição dos sintagmas nominais para a progressão textual, cumprindo, assim, tanto função coesiva, como, ainda, agregando valor semântico, ao passo que (re)categorizam

os referentes textuais apresentados. A análise é feita por meio da observação da construção da cadeia referencial gerada para se referir à “Rede Globo” e, ainda, pela observação da retomada do tópico central de cada uma das matérias, que, naturalmente, são assuntos diferentes, uma vez que versam sobre temas distintos e posicionam-se de acordo com suas respectivas posições políticas. Consideramos que a (re)categorização auxilia no processo de construção dos sentidos, já que esse processo é gerado por escolhas de palavras de acordo com a intenção do autor agregando valor semântico ao texto. Por sua vez, essa construção ou apreensão do sentido desejado pelo autor pode ser verdadeiramente efetivada, ou pelo menos se efetivar parcialmente, a depender da memória discursiva ser mais ou menos compartilhada entre autor e leitor. Por essa razão, averiguamos brevemente, sem entrar no campo da Análise do Discurso, como a subjetividade do enunciador indica e marca a sua ideologia no texto, a fim de constatar como esse posicionamento ideológico é apresentado na construção textual de cada matéria.

**Palavras-chave:** coesão, referenciação, (re)categorização

## A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA: UM OLHAR SOBRE A ORDEM DAS ORAÇÕES

*Angelina Maganha Grigorio da Silva*  
*angelinamaganha@gmail.com*  
*Universidade Federal Fluminense*

Este trabalho tem por objetivo investigar, à luz do funcionalismo (THOMPSON, 1984; HOPPER e TRAUGOTT, 2003; BYBEE 2016), a “construção subjetiva” (DIAS; LIMA-HERNANDEZ; ABRAÇADO, 2017) de modalização (deôntica e epistêmica) e de avaliação (NEVES, 2011; CASTILHO, 2019) a partir de dados coletados do *site* da rede social Facebook ([www.facebook.com](http://www.facebook.com)), cuja coleta ocorreu a partir da *timeline*, no período de abril de 2018 a maio de 2019. A construção subjetiva aqui referenciada é aquela que se constitui de oração matriz + oração completiva subjetiva (DIAS *et al*, 2017; DIAS e BRAGA, 2018). Para a realização desta pesquisa foram coletados duzentos e quatorze dados da construção, a fim de se testar a hipótese de que a posição da oração completiva subjetiva em relação à oração matriz pode ser determinada pelas motivações discursivas do falante/escrevente. Como forma de registro, elegemos o *print*, uma vez que os gêneros textuais no Facebook costumam ser híbridos, em que o conjunto textual envolve, muitas das vezes, imagens e textos verbais, caracterizando a linguagem multissemiótica, e não poderia haver perdas quanto às informações que compõem cada texto analisado aqui. Neste trabalho, foram observadas as formas verbais tanto da oração completiva subjetiva quanto da oração matriz; a modalidade do predicado; a semântica verbal da oração completiva (HALLIDAY, 1985) e a impessoalidade da oração matriz, com foco na ordem de colocação da oração completiva subjetiva em relação à matriz (NEVES, 2011; GONÇALVES, 2016). A preferência pela ordem não marcada, subjetiva posposta à matriz, tem sido apontada em estudos anteriores a este (NEVES, 2011; DIAS *et al*, 2017; DIAS e BRAGA, 2018). No entanto, a partir da análise dos dados, foi possível perceber que, com as construções avaliativas, houve maior incidência de anteposição da

oração completiva subjetiva; fato que não pôde ser observado com as construções de matrizes deonticas e epistêmicas. À vista disso, a conclusão foi de que a motivação discursiva pode determinar a ordem da oração subjetiva e que a estrutura de topicalização (NEVES, 2011; GONÇALVES, 2016) parece possibilitar maior expressão da subjetiva na posição inicial quando o valor discursivo é de avaliação, entretanto com as construções de modalidades (deontica, epistêmica) a preferência é pelo preenchimento da completiva em posição posposta. A Gramática do Design Visual desempenha um papel importante na dinâmica da construção subjetiva, como se pode observar na análise dos dados.

**Palavras-chave:** construção subjetiva, modalidade e avaliatividade, funcionalismo, topicalização

### **PADRÕES MICROCONSTRUCIONAIS DE MARCADORES DISCURSIVOS FOCALIZADORES NAS LÍNGUAS PORTUGUESA, ESPANHOLA, FRANCESA E INGLESA**

*Gustavo Ribeiro Patricio Barbosa*  
*gustavo.grpb@gmail.com*  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*

*Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda*  
*patricia.cunha@ufjf.br*  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*

Este trabalho tem por objetivo a descrição de padrões microconstrucionais de marcadores discursivos (doravante, MDs) focalizadores das Línguas Portuguesa, Espanhola, Francesa e Inglesa, os quais são formados por verbos (principalmente aqueles que denotam percepção) e um elemento focalizador (tais como advérbios, locativos e pronomes). De acordo com nossas hipóteses, esses MDs seriam novos pares de forma e sentido oriundos do uso e que, embora pertençam a línguas distintas, compartilham dos mesmos processos cognitivos gerais para a sua instanciação, portanto, podem ser analisados sob a luz dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), a qual, baseada na Gramática de Construções (GOLDBERG, 1996; 2006), prevê que a construção é a unidade básica da língua e que novos pares de forma e sentido passam a compor a gramática a partir do uso, formando novos padrões e novos nós que são organizados em rede construcional de maneira hierárquica. A fim de cumprir o objetivo proposto, os dados analisados foram retirados de um *corpus* oral sincrônico atual constituído de vídeos postados na plataforma YouTube, pertencentes ao gênero *vlog* e realizados por falantes nativos das quatro línguas supracitadas. Para este trabalho, optamos por selecionar duas horas de vídeo para cada língua, abrangendo as sincronias dos anos 2019 e 2020. Por meio de uma análise qualitativa, os dados obtidos para este estudo são preliminares e apontam que os MDs funcionam nas quatro línguas como guias de interpretação do discurso (BRINTON, 2017), chamando a atenção do interlocutor a pontos considerados relevantes ao jogo discursivo, de modo a criar condições favoráveis para implicaturas, interpretações situadas e indicar o modo como o interlocutor deve conceptualizar o discurso que está em curso. Outro aspecto relevante se relaciona ao grau de



intersubjetividade que esses MDs têm, que varia de acordo com a forma e com a função desempenhada no contexto de uso.

**Palavras-chave:** marcadores discursivos, focalização, padrões microconstrucionais, processos cognitivos gerais, intersubjetividade

## MARCADORES DISCURSIVOS DE OPOSIÇÃO: REFLEXÕES TEÓRICAS E APLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

*Maria Aparecida Lino Pauliukonis  
aparecidalino@gmail.com  
UFRJ*

Estudo reflexivo e produtivo dos conectivos marcadores de oposição em português, com o objetivo de apresentar processos de operacionalização discursiva de construções textuais e discutir a funcionalidade dos elementos linguísticos na produção e na interpretação de textos, realizados em determinadas situações sociocomunicativas. Propõe-se uma revisão no ensino da conexão, tradicionalmente enfocada, muitas vezes, sob uma visão metalinguística como um fim em si mesma, em favor de uma reflexão mais acurada sobre o funcionamento e valor semântico-pragmático dos elementos linguístico-discursivos. O enfoque teórico-metodológico tem por base teorias do texto e do discurso, de base comunicacional e de cunho argumentativo, sobretudo conceitos de base semiolinguística e enunciativo-interacional. Por meio de uma análise de um “corpus”, formado pelo uso dos marcadores de oposição “mas e embora”, em diferentes textos midiáticos, apresentam-se algumas propostas pedagógicas que discutem a natureza e a função discursiva dos elementos constituintes de um enunciado. Tal enfoque possibilita oferecer uma visão reflexiva mais ampla dos conectores em língua portuguesa, o que pode contribuir para uma melhora significativa do processo de leitura, interpretação e de produção textual. A pesquisa tem um fim qualitativo de análise, mas os primeiros resultados quantitativos já serão apresentados. O que se objetiva aqui é estabelecer uma metodologia de estudo produtivo desses marcadores, cujo papel discursivo na estruturação de textos é primordial para o entendimento dos sentidos que se referem ao campo semântico da oposição.

**Palavras-chave:** oposição, conexão, argumentação

## RESUMOS DA SESSÃO 9

### ESTRATÉGIAS EMERGENTES DE CONEXÃO TEXTUAL-DISCURSIVA: O CASO DOS MARCADORES DISCURSIVOS “VÁ LÁ” E “NOTE QUE”

*Ana Cláudia Machado Teixeira  
anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br  
Universidade Federal Fluminense*

Whika Mello da Silva  
[whikamello@id.uff.br](mailto:whikamello@id.uff.br)  
Universidade Federal Fluminense

Estudos da língua em uso são o alvo da pesquisa funcionalista, uma vez que nos interessa flagrar o desenvolvimento de elementos menos ou mais procedurais em seus contextos específicos bem como analisar o comportamento desses elementos na situação comunicativa. O uso, assim, ganha destaque, já que existe uma relação estreita entre a expressão linguística e seu uso contingencial; entre as diversas motivações de ordem intra e extralinguísticas, que condicionam determinada configuração formal; entre inovação e convencionalização. Assim, tais relações moldam modos específicos de dizer. Nesse cenário, elementos procedurais de conexão textual-discursiva, a que chamamos de juntores pragmáticos (e reconhecidos na literatura como marcadores discursivos), surgem como pistas ou indicadores de crenças e opiniões do falante, constituindo-se como mediadores da intersubjetividade estabelecida na díade comunicativa. Estruturas complexas como *vá lá* codificam a atitude do falante em relação à proposição anterior estabelecendo um consentimento do autor com aquilo que foi estabelecido, seja uma opinião geral ou de terceiros, seja uma opinião própria, para na sequência focalizar um ponto de vista e encaminhar uma orientação argumentativa. Já estruturas como *note que* evidenciam uma estratégia específica de focalização de informações que está associada à noção de relevo seja para (i) destacar elementos específicos dentro do texto em relação a outros (relevo positivo); seja para (ii) ocultar ou rebaixar certos elementos em relação a outros (relevo negativo). Para a apresentação, descrevemos esses dois juntores emergentes no português que funcionam como marcadores discursivos e analisamos as suas funções comunicativas em textos opinativos sobretudo os de cunho político. Tal análise perspectiviza a focalização de informações como uma função de natureza interpessoal, já que o falante chama a atenção para determinado trecho ou elemento textual com o objetivo tanto de ativar a informação na memória do interlocutor e de checar a compreensão do que foi dito, como de destacar certas informações em relação a outras, de direcionar um ponto de vista, de encaminhar uma leitura a fim de provocar a adesão do interlocutor ao seu propósito comunicativo. Além disso, promovemos uma comparação entre esses juntores a fim de melhor compreender como a configuração morfosintática e a relação semântico-pragmática contribuem para a atuação desses elementos na articulação do texto.

**Palavras-chave:** focalização, juntores pragmáticos, língua em uso, marcadores discursivos

### INSTÂNCIAS DE USO DAS CONSTRUÇÕES CONECTORAS *BEM COMO E ASSIM COMO.*

Carla Barbosa de Farias Santos  
[prof.carlafarias@gmail.com](mailto:prof.carlafarias@gmail.com)  
Universidade Federal Fluminense

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa sobre os conectores aditivos analisados em amostras de dados do corpus do Português de categoria NOW (2012-2019). Está vinculado ao Grupo de Pesquisa Conectivo e Conexão de Orações, com sede na Universidade Federal Fluminense. Busca-se observar sincronicamente instâncias de construção com o uso do *bem como* e *assim como* que ultrapassam as perspectivas canônicas descritas nas gramáticas normativas, as quais apresentam limitadamente o “e” e o “nem” como conjunções coordenativas aditivas. O objetivo é perceber que o conectivo “e” está a serviço de outras funções pragmáticas e discursivas, além das definidas na parataxe. Além disso, o conectivo “e” pode ser considerado como o protótipo, ou seja, o elemento mais central e mais usado dentro do conjunto das aditivas, sendo “bem como” e “assim como” extensões dessa base prototípica. A pesquisa funcionalista não analisa as categorias de maneira estanque, mas de forma escalar e discreta. Nesse continuum categorial, alguns elementos se afastam do núcleo conceptual, se aproximando gradativamente de outra categoria, como ocorre com o uso de “bem como” e “assim como”, que se distanciam um pouco da categoria quando se estabelece a noção de comparação. O estudo é direcionado pelo aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que abarca a dimensão contextual da construção, numa perspectiva holística (Croft, 2001; Traugott e Trousdale, 2013). Para isso, serão considerados a Teoria dos Protótipos (Neves, 2006), o Princípio Geral da Não-Sinonímia (Goldberg, 1995) e os fatores recrutados para análise dos processos de mudanças construcionais (Langacker, 2005). Além disso, também serão considerados os Processos de Articulação dos Períodos Compostos (Rosário e Santos, 2020). Foram encontrados (86) dados, sendo (40) com “bem como” e (43) com “assim como”. A análise de ambas as construções permite a hipótese de que esses conectores possuem características híbridas e são considerados estruturas de hipotaxe.

### **POR MEIO DE UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, COMO OBSERVAR A IMPORTÂNCIA DOS CONECTORES À PRODUÇÃO TEXTUAL**

*Jacqueline de Faria Barros*  
*jacefadu@gmail.com*  
*FL – RJ/ SEEDUC/ FME*

O presente trabalho pretende demonstrar uma experiência estética construída a partir da produção de textos autorais, em aulas remotas de Língua Portuguesa e Redação, no ano de 2021, direcionadas à qualificação de alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio. Assim, propõe-se evidenciar que o texto do discente, para alcançar o objetivo de transmitir um significado, deve perpassar ofertas (realizadas pelo docente-mediador) de possibilidades de observação dos tempos para a sensibilização do olhar desse aluno ao seu processo enunciativo e à ampliação do seu repertório sociocultural a fim de que, oportunamente, tenha condições de organizar o pensamento sobre a sua própria existência e sobre os contextos dos quais participa. Isso posto, há de se recorrer à compreensão filosófica do termo *mythos*. O termo compreende as narrativas que apresentam aos entes as suas origens, desde a Antiguidade, e, ainda hoje, por diferentes meios (físicos ou virtuais) e formas (gêneros textuais multimodais, filmes e outros) traduzem a sociedade como um conjunto de indivíduos que precisam coexistir por relações de sentido. Entender o que é coexistir é entender que o indivíduo só existe junto com outros indivíduos. Para

tanto, o aporte teórico de Ingedore Koch sobre coesão e sentido servirá de base para a descrição do caminho percorrido nas aulas dadas, uma vez que a proposição destacará a coexistência dos operadores nas orações como nexos ou marcadores linguísticos, intra e interparágrafos. Por essa via de interlocução, assim como realizado pelo exercício da leitura e da produção de textos, o docente media (instrumentalizado por textos previamente selecionados) um exercício discursivo para a vida ao apresentar, ao aluno, narrativas de origem - relação análoga à relação de coexistência entre os conectores e os termos da oração. Por evidências a respeito, constituem-se hipóteses de se estruturar textos coesos que traduzam o resultado dos conhecimentos baseados nos estudos gramaticais relacionados aos princípios estabelecidos a partir das estruturas subordinativas e coordenativas, mas, ainda, às cadeias estruturantes de orações que, para além dos significantes, atravessam os corpos e as culturas de significados, por seus subentendidos, com vias a um sentido maior. Portanto, essas são condições *sinequa non* à revelação de um discurso próprio à transmissão de uma mensagem efetiva e sedutora. Ademais, o ato da escritura requer do autor/produtor de discurso (especificamente voltado a um exame classificatório, determinado por uma banca) mais do que um exercício mecânico, uma postura desejante de experienciar um prazer. Por conseguinte, se observará, como resultados textuais da proposta, que o prazer estético ou a experiência estética com o objeto-texto de construção autoral, na prática, contemplará os conectores como elementos coesivos fundamentais para a plena satisfação do propósito discursivo, a saber, alcançar o outro.

**Palavras-chave:** ensino, experiência estética, conectivo, redação, ENEM

## ORALIDADE E ESCRITA: OS MARCADORES DISCURSIVOS NA MODALIDADE ORAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

*Danilo Silva Monteiro*  
*danilosilvam91@gmail.com*  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

*Bruna Marques Prazeres*  
*bruna.marquesp@hotmail.com*  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

Considerando as constantes e – cada vez mais – atuais pesquisas a respeito da língua falada e sua aplicação pedagógica no ensino de língua materna, o objetivo deste trabalho é trazer à discussão algumas reflexões acerca do processo de identificação dos marcadores discursivos na língua falada, visando explicar a sua função. Orientados por esta finalidade, organizamos o trabalho em três seções. No primeiro momento, pretendemos fazer um breve levantamento dos aspectos históricos do processo de identificação dos marcadores discursivos, levando em consideração alguns pesquisadores que estão na base desses estudos. Na segunda seção, evidenciamos suas funções e como operam no âmbito da conversação. Por fim, na terceira seção, pretendemos propor algumas formas de abordar essa temática no desenvolvimento de sequências didáticas em sala de aula, uma vez que o documento que orienta a educação básica no Brasil, a Base Nacional Comum

Curricular (BNCC), orienta com veemência o trato da oralidade desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. É importante salientar que este trabalho também pretende levantar pontos significativos para oferecer uma contribuição aos estudos da modalidade oral da língua, uma vez que as pesquisas que versam sobre os marcadores discursivos, ou marcadores conversacionais, ainda têm muito a acrescentar no que diz respeito aos estudos da análise da conversação. Para tal reflexão, esta pesquisa tem por base teórica os textos de Urbano (1999), Castilho (1998), Fávero (2010), Fernandes (2013), Silva (2014) e Lourenço (2014), além de toda a bibliografia em que se baseiam os autores citados. Com base em todos os estudos abordados a respeito da análise da conversação, com ênfase nos marcadores discursivos, têm-se por conclusão que eles são, de fato, elementos fundamentais para os estudos da conversação e que são, principalmente, uma estratégia interacional totalmente ligada à intenção do falante e que, por esse motivo, não podem deixar de ser revisitados, pois têm sua razão de ser em funções interacionais.

**Palavras-chave:** marcadores discursivos, oralidade, conversação

## RESUMOS DA SESSÃO 10

### MICROCONSTRUÇÕES CORRELATAS DISJUNTIVAS *QUER...QUER E SEJA..SEJA* : UMA ANÁLISE PANCRÔNICA

*Jovana Mauricio Acosta de Oliveira*  
*jovanamauricio@hotmail.com*  
*Universidade Federal Fluminense*

Este trabalho tem como objetivo observar a rota de mudança dos correlatores disjuntivos de base verbal no português, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Os correlatores disjuntivos são aqueles que introduzem uma construção correlata disjuntiva. Definimos construção correlata disjuntiva como cláusulas (ou segmentos) interdependentes que estabelecem a disjunção, a partir de dois correlatores descontínuos. O objeto em análise será tratado como construção, por aderirmos à abordagem construcional da gramática, nos modelos de Goldberg (1995), Langacker (2008) e Traugott e Trousdale (2013). A LFCU parte do princípio de que a língua emerge a partir de seu uso e vai sendo moldada em meio a instabilidades. A presente análise pretende focar as construções correlatas disjuntivas encabeçadas pelos correlatores *seja...seja* e *quer...quer* como a seguinte: *Já se comprovou que, seja em Boston, seja em São Paulo, essas construções aceleram a deterioração do coração das cidades*. Pretende-se mostrar como tais correlatores se originaram no português, evidenciando a rota de construcionalização dessas microconstruções. A partir disso, por meio de uma metodologia qualiquantitativa, analisamos textos dos séculos XIII a XXI, observando quais mudanças ocorreram nos usos dessas construções correlatas disjuntivas nesse período. Para tal análise, o *corpus* sincrônico escrito utilizado é composto de textos retirados de versões eletrônicas da Revista Veja (<http://www.veja.abril.com.br>). Já o *corpus* escrito diacrônico é constituído de textos do CIPM (Corpus Informatizado do Português Medieval) e do projeto Tycho Brahe. Foram encontradas 62 construções

correlatas disjuntivas encabeçadas por correlatores de base verbal dos séculos XIII ao XXI.

**Palavras-chave:** construcionalização, correlação, disjunção

## UMA ANÁLISE DISCURSIVO-FUNCIONAL DOS DIFERENTES USOS DO JUNTOR ‘OU’ NAS ORAÇÕES ALTERNATIVAS DO PORTUGUÊS FALADO

*Nathalia Pereira de Souza Martins*  
*nathaliapsouza12@gmail.com*  
 UNESP - São José do Rio Preto

*Sandra Denise Gasparini Bastos*  
*sandra.gasparini@unesp.br*  
 UNESP - São José do Rio Preto

*Beatriz Goaveia Garcia Parra de Araujo*  
*biagarcia.parra@hotmail.com*  
 UNESP - São José do Rio Preto

A coordenação oracional, de maneira geral, é descrita como uma relação que se estabelece entre orações independentes de mesma função gramatical. No caso específico da coordenação oracional alternativa, essa relação é marcada no português pelo juntor *ou*, responsável por unir duas orações de sentido distinto, indicando que, ao se cumprir um fato, o outro não se cumpre (CUNHA; CINTRA, 1985). Interessados nas possíveis estratégias comunicativas que podem motivar o uso de uma relação alternativa no português falado, propomos uma investigação da coordenação oracional alternativa sob o aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), que se organiza em quatro níveis de análise: o Nível Interpessoal, responsável pelas representações pragmáticas, o Nível Representacional, responsável pelas representações semânticas, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico, responsáveis pela codificação linguística; esses níveis seguem uma disposição descendente e são compostos por camadas relacionadas de maneira hierárquica ou equipolente. Partindo do pressuposto teórico de que fenômenos morfossintática e fonologicamente codificados nas línguas podem ser motivados por aspectos pragmáticos e/ou semânticos, a GDF busca identificar e descrever essas motivações a partir da relação entre seus níveis e camadas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012). Desse modo, é possível explicar funcionalmente a coordenação, em especial a coordenação alternativa entre orações, enquanto fenômeno morfossintático. Nossa proposta é mostrar, a partir de dados do português falado, como se caracterizam as orações coordenadas alternativas unidas por *ou* segundo a noção de coordenação concebida pelo modelo teórico da GDF, além de analisar casos em que as orações em relação de alternância ocupam uma posição que se expande na predicação, fenômeno aqui definido como Expansão, e outros usos do juntor *ou* identificados nos dados, demonstrando o lugar que lhes cabe dentro da arquitetura geral do modelo. Para tanto, tomaremos como referência algumas unidades que integram cada nível de análise: Movimentos e Atos Discursivos (Nível Interpessoal),

Conteúdos Proposicionais (Nível Representacional), Expressões Linguísticas, Orações e Palavras Gramaticais (Nível Morfossintático). Nossa amostra é composta por dados reais do português falado extraídos do corpus Português Oral, pertencente ao projeto Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais, e também por dados extraídos do Banco de Dados Iboruna (Amostra Censo). A análise dos dados mostra que a maior frequência de orações unidas por *ou* está representada por casos de Coordenação, que se caracteriza pela combinação de Orações independentes na camada da Expressão Linguística no Nível Morfossintático, de Atos Discursivos equipolentes no Nível Interpessoal e de Conteúdos Proposicionais no Nível Representacional. Quanto ao fenômeno da Expansão, ocorre a multiplicação de uma posição em determinada camada do Nível Representacional, em que a relação de alternância é vista na união de dois ou mais argumentos de um mesmo predicado, ou na união de dois ou mais modificadores de um mesmo núcleo. Por fim, nos usos não disjuntivos da Palavra Gramatical *ou*, há o emprego de estratégias interpessoais voltadas para a organização discursiva ou para a relação falante-ouvinte, como a introdução de um novo Movimento no discurso ou a correção de uma informação expressa anteriormente.

**Palavras-chave:** coordenação oracional alternativa, juntor *ou*, Gramática Discursivo-Funcional

## ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES PROPORCIONAIS NA PERSPECTIVA DA LFCU

*Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes*  
*thaisplmf@gmail.com*  
 UFF

Esta investigação tem como objetivo examinar as construções proporcionais em perspectiva sincrônica com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Define-se construção proporcional como duas partes interdependentes, que podem ser tanto oracionais quanto não oracionais, que estabelecem o sentido proporcional, com base em conectores correlatos ou não correlatos. A LFCU compreende que a estrutura da língua emerge na medida em que é usada em contexto em que há tanto instabilidades quanto regularidades. Por esse motivo, os dados analisados são provenientes do uso linguístico e a análise leva em consideração suas funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas. O objeto em análise é referido como construção, pois adere-se à abordagem construcional da gramática, nos moldes de Goldberg (1995), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013). Toma-se o conceito de *construção* no sentido estabelecido por Traugott e Trousdale (2013) como um pareamento de forma e significado que constitui a unidade básica da língua. Para tal análise, os dados sincrônicos são provenientes do Nexo Jornal, disponível *online* (<https://www.nexojornal.com.br/>). Defende-se que nas construções proporcionais são empregados conectores mais prototípicos, como *à medida que*, correlatores como *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos*, e também conectores menos prototípicos, como *conforme* e *enquanto*, associados originalmente a tempo e conformidade, respectivamente. Com base no levantamento de dados e partindo da hierarquia construcional proposta por Traugott e Trousdale (2013) –esquema, subesquema e

microconstrução –, propõe-se a rede construcional semântica das construções proporcionais, que inclui dois esquemas, (a) proporção contínua e (b) proporção descontínua, que, por sua vez, integram os subesquemas comparativo-proporcional e temporal-proporcional. Desse modo, com base no aporte teórico da LFCU, investigam-se os usos das proporcionais, com conectores prototípicos ou não, visando a descrição e a análise dessas construções.

**Palavras-chave:** construções proporcionais, proporção, LFCU

## PRODUTIVIDADE DA CONSTRUÇÃO CONECTORA *EXCETO X*

*Fabiana Felix Duarte Moreira*  
*fabianamoreira@id.uff.br*  
 Universidade Federal Fluminense

O presente trabalho descreve os usos sincrônicos oracionais das instanciações da construção conectora *exceto x* no português brasileiro, com o objetivo de investigar, principalmente, a produtividade dessa construção. O objeto de nossa análise é pouco descrito nos compêndios de língua portuguesa. Com a escassez de trabalhos sobre o esquema *exceto x*, é mister descrever os usos de instanciações como esta, por exemplo, em que há duas orações conectadas por *exceto quando*: “É inoportuno tudo o que esteja para além de a agenda de a sessão, *exceto quando* a palavra seja concedida [...]”. Por se tratar de uma pesquisa essencialmente baseada no uso, elegemos a Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – como linha teórica adotada. A LFCU é uma vertente teórica oriunda do Funcionalismo norte-americano que se apropria de perspectivas cognitivistas no estudo dos fenômenos linguísticos. Julgamos que esta abordagem se apresenta como apropriada, porque (i) considera a língua em uso; (ii) assume uma visão holística dos fenômenos linguísticos ao incorporar a semântica e a pragmática à análise das construções, alargando seus interesses para além do plano morfossintático. Para esta análise, coletamos dados do Corpus do Português, interface Web/Dialetos (disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>), a partir de busca eletrônica pela palavra *exceto*. No total, são encontradas 19.685 ocorrências com *exceto* nesse corpus. No entanto, para este trabalho, descartamos as ocorrências não oracionais da construção e analisamos somente as 100 primeiras ocorrências oracionais selecionadas aleatoriamente. Após a análise desses dados, detectamos que o *slot* vazio da construção *exceto x* pode ser preenchido por verbo no infinitivo ou por outro conector prototípico, como *que*, *se* ou *quando*, por exemplo. Os resultados parciais deste trabalho evidenciam a produtividade da construção *exceto x*, constatando que, a depender de como o *slot* é preenchido na instanciação dessa construção, diferentes relações semântico-pragmáticas sobrepostas à noção de exceção são estabelecidas em seus usos.

**Palavras-chave:** exceto, conector, produtividade, construção



## RESUMOS DA SESSÃO 11

**CONSTRUÇÕES DE CONCERNÊNCIA: GRADIÊNCIA CONTEXTUAL E O  
PROCESSO COGNITIVO DE *CHUNKING***

*Maria Eduarda Oliveira da Silva*  
*duda.mariaeduarda1998@gmail.com*  
*UERJ*

Nesta comunicação, apresentamos os resultados iniciais da pesquisa de mestrado, em desenvolvimento, que tem como objetivo a investigação das microconstruções formadas pelo esquema [no que [x] preposição]: *no que diz respeito a*; *no que se refere a*; *no que corresponde a*, que, na visão tradicional, são classificadas como locuções prepositivas – já que, observando sua formação, o último elemento trata-se de uma preposição – ou, locuções adverbiais – pois, expressam circunstâncias de modo. Para tanto, a presente pesquisa, em andamento, tem os seguintes objetivos: (i) descrever e analisar, no português brasileiro, a microconstrução formada por *no que se refere a*; (ii) analisar e aplicar os graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade; (iii) relacionar os achados descritivos com as propriedades de ordem cognitiva e discursivo-pragmática. A partir da análise dos contextos de usos dessas microconstruções, procuramos explicitar a fluidez da classe gramatical, uma espécie de gradualidade, na medida em que podem ser inseridos em diferentes categorizações gramaticais a depender do contexto comunicativo. Como referencial teórico-metodológico, adotam-se os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2015, ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016), que incorporam o princípio de que o estabelecimento das convenções gramaticais é influenciado pela estrutura linguística, pelos contextos social e pragmático e, também, pelos aspectos cognitivos. Para a realização desse trabalho serão analisadas, de maneira quantitativa e qualitativa, amostras de diferentes produções textuais, coletadas no corpus eletrônico intitulado Corpus do Português. Os resultados apontam essas microconstruções estabelecem uma relação entre as duas porções textuais e apresenta sentido de concernência/assunto, características das orações hipotáticas, bem como, a depender do entorno contextual, as microconstruções analisadas podem apresentar sentidos [+adverbial], [± adverbial/conjuntivo] e [+conjuntivo].

**Palavras-chave:** preposições complexas, Linguística Funcional Centrada no Uso, língua portuguesa

**ORAÇÕES INTRODUZIDAS POR “PERTO DE”: UMA ANÁLISE  
FUNCIONAL**

*Vitor Luiz Elias Pessoa*  
*vitorpessoa@id.uff.br*  
*Universidade Federal Fluminense*

Seguindo os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), esta apresentação tem por objetivo geral propor uma análise das orações introduzidas por “perto de” a partir da análise de dados, qualitativa e quantitativamente. De acordo com essa abordagem, a língua é uma rede de construções hierarquicamente organizadas (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). Partindo, então, desse princípio e visando cumprir o objetivo geral, apresentamos como objetivos específicos: i) mapear os usos da expressão “perto de” no contexto oracional encontrados no *corpus* constituído para esta pesquisa; ii) distribuí-los em uma rede hierarquicamente organizada em níveis de esquematicidade. Essa análise de dados pauta-se na metodologia qualitativa e quantitativa dos dados, tomando como base um *corpus* sincrônico, a priori, composto pela modalidade escrita. Nessa modalidade, haverá textos disponíveis na *Internet*, retirados de revistas formais e informais e *blogs*. Assumimos as seguintes hipóteses de trabalho: i) algumas construções “perto de” partem do mais concreto, com noção espacial, para o mais abstrato, numa noção temporal, previstas na teoria localista; ii) algumas construções “perto de”, aqui oracional, funcionam como um conectivo; iii) é possível traçar uma rede construcional a partir de uma análise empírica e sincrônica do “perto de”. Os resultados são incipientes e ainda não conclusivos, tendo em vista que a pesquisa está em fase inicial, mas, com a análise primeira dos dados confirmando as hipóteses levantadas. Além disso, constata-se, neste primeiro momento, que a ideia de que exista uma rede de cognição envolvendo expressões como “além de” e “perto de” seja relevante, visto a recorrência nos seus usos encontrados nos dados do *Corpus*, tornando essas expressões um pouco distantes do que tradicionalmente vemos nas gramáticas. Assim, embora em fase inicial, a coleta e análise dos dados conseguem ter um preâmbulo das hipóteses levantadas.

**Palavras-chave:** Linguística, Linguística Funcional Centrada no Uso, conectivos, *perto de*

## **O USO DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO GÊNERO CARTA ABERTA: PROPOSTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA**

*Roberta Baffa Andrade*  
*robertabaffaa@gmail.com*  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*

*Natália Sathler Sigiliano*  
*natalia.sigiliano@ufff.br*  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*

Neste trabalho será apresentada intervenção pedagógica aplicada durante o ano de 2020 em uma turma de 9º ano de uma escola estadual da cidade de Rodeiro, Minas Gerais, desenvolvida no âmbito do mestrado profissional em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. A exploração dos operadores argumentativos na intervenção se justifica pela dificuldade demonstrada, pelos alunos, tanto nas avaliações externas (SIMAVE/SAEB) – em questões que contemplavam a identificação do sentido estabelecido pelos conectivos nos textos – quanto na produção diagnóstica, no momento de articular os operadores argumentativos para defender e justificar seus pontos de vista. Tal análise incitou a

pesquisa e aplicação interventiva com o objetivo de levar os alunos a refletirem e passarem a usar com maior autonomia em seus textos os operadores argumentativos em prol da construção da argumentação e do sustento de opiniões. Para aplicação em sala de aula, foi desenvolvida uma sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004; COSTA-HUBES; SIMIONI, 2014) em que as produções de texto orais e escritos e as leituras perpassavam gêneros argumentativos da esfera pública, havendo ênfase na Carta Aberta e no Debate Regrado Público. Por meio desses gêneros, os alunos se dirigiram aos candidatos às eleições municipais e reivindicaram melhorias para a cidade, o que permitiu que as produções orais e escritas circulassem em situações reais de uso. Na intervenção, assumiu-se a temática de valorização da cidade e da realidade em que os alunos se inserem, a fim de guiar os educandos a uma conscientização sobre sua realidade, despertando o senso crítico e o exercício da cidadania. A pesquisa assumiu como procedimento metodológico a pesquisa ação (THIOLLENT, 2011) e se baseou na análise da produção inicial e final do gênero carta aberta como um dos instrumentos de observação do progresso dos alunos quanto ao emprego dos operadores argumentativos. Adotou-se a perspectiva da prática de análise linguística para o ensino (GERALDI, 1984; MENDONÇA, 2006), a visão da Linguística Textual quanto aos operadores argumentativos (KOCH, 1989, 1933, 2002; ANTUNES, 2010; KOCH e ELIAS, 2016), a relação dos gêneros textuais na escola (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004) e as pesquisas já desenvolvidas sobre o gênero carta aberta (SILVA, 2002; OLIVEIRA, 2018; MATOS, 2018) como referenciais para a constituição da proposta interventiva e da análise dos dados. A sequência didática elaborada foi organizada em 8 módulos, com atividades que tinham como objetivo levar o aluno a ampliar o repertório dos elementos coesivos e fortalecer a sua autonomia para articular esses elementos no uso da língua, aprimorar as estratégias argumentativas, compreender e utilizar na produção escrita a estrutura composicional do gênero. Os resultados advindos da comparação entre produções iniciais e finais do gênero carta aberta revelaram aumento, sofisticação e variedade no uso de conectivos para marcar as relações pretendidas nos argumentos, evidenciados na utilização de articuladores de relações lógico-semânticas, discursivo-argumentativos, de organização textual e metadiscursivos, demonstrando um crescimento no repertório linguístico e no entendimento da função e do sentido que esses conectores exercem no texto. Também ocorreu aprimoramento na argumentação para sustentar a tese, através da organização das ideias de forma coerente e da utilização de várias estratégias argumentativas, demonstrando maior no sustento do ponto de vista na carta aberta, além de avanços quanto ao conhecimento do gênero e das necessidades de que a cidade carece, auxiliando os estudantes no desenvolvimento de sua capacidade de ação como cidadãos.

**Palavras-chave:** carta aberta, operadores argumentativos, análise linguística cidadania

## RESUMOS DA SESSÃO 12

### ORAÇÕES CONDICIONAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) – UM ESTUDO LINGUÍSTICO EMPÍRICO

*Liona Paulus*  
*l.paulus@uni-koeln.de*  
*Universidade de Colônia (UzK), Colônia– Alemanha*

Orações coordenadas são bem pesquisadas em várias línguas de sinais urbanas ocidentais. No entanto, orações subordinadas complexas, como orações relativas e condicionais nas línguas de sinais, estão no estágio inicial de investigação. Como os pesquisadores procuraram sinais manuais como marcadores de subordinação, eles não reconheceram que as características não manuais – sobrelhas levantadas, movimentos da cabeça e do corpo, piscar de olhos – são a principal fonte da subordinação. Os sinais manuais são opcionais. Alguns desses recursos não manuais têm mais de uma função gramatical. Por exemplo, sobrelhas levantadas podem marcar tópicos, sentenças interrogativas ou condicionais, ou são usadas como um marcador prosódico para limites de sentenças. Para detectar um tipo específico de sentença, é útil observar qual combinação de características não manuais, ao lado dos sinais manuais, aparece (Tang & Lau 2012; Wilbur 2000). Quanto à investigação das sentenças condicionais na Libras, não há estudos com dados empíricos. Assim, o objetivo principal da minha tese foi eliciar e registrar orações condicionais, por meio de um jogo de cartas e a explicação de suas regras por sinalizantes no Brasil. Além disso, descrevi a estrutura das sentenças das orações na Libras e as analisei. Os dados de vídeo de Libras foram anotados com o ELAN. Na Libras foram 84 orações condicionais (por 18 sinalizantes, dos quais 8 são mulheres e 10 são homens,  $\varnothing$  idade 38,2 anos). Os meus resultados para Libras mostram que os condicionais factuais precisam, no mínimo, de uma combinação de duas características não manuais, como sobrelhas levantadas (92%) e um movimento da cabeça (99%) sobre o antecedente e uma cabeça oposta (99%) sobre o conseqüente. Os dois sinais manuais para o antecedente, SE e POR-EXEMPLO, e dois outros sinais para o conseqüente, um gesto de palma e SIGNIFICAR, são opcionais, também. Os sinais manuais ocorreram em 73% do antecedente e 12% do conseqüente. Comparando as outras línguas de sinais como ISL (IsraeliSignLanguage) e ASL (American SignLanguage, Liddell 1978), uma combinação de sinais manuais e não manuais em condicionais é muito comum. Mas, nas construções anteriores em Libras, essa combinação é mais proeminente especialmente para os marcadores não manuais. O uso de SIGNIFICAR no início de um conseqüente é raro. Libras tem um gesto de palma para o conseqüente, que está em desenvolvimento e pode ser visto no futuro como um lexema gramaticalizado. Algumas línguas de sinais como DGS (GermanSignLanguage, Paulus, in prep.) e ISL (Dachkovsky 2008) tem um sinal manual e não-manual para uma condicional contrafactual e um equivalente em Libras ainda não pôde ser encontrado, talvez apenas o sinal pode sinalizar uma condicional contrafactual, mas isso ainda não foi verificado. Mas uma possível característica não manual com a boca que representa o fonema /tʃ/ de origem portuguesa. Em síntese, a Libras é tipicamente vista como uma “língua de sinais dominantes não manuais” (Zeshan 2006), porque os marcadores não manuais são fortemente predominantes e os sinais manuais são opcionais. A origem dos sinais manuais está ligada ao contato linguístico com o português. O contato linguístico é transmitido pelo sistema de educação especial e política linguística para surdos no Brasil. O uso de características não manuais semelhantes em muitas outras línguas de sinais – como sobrelhas levantadas e movimentos de cabeça – estão ligados à emoção básica humana universal "surpresa" (Ekman 1979), que agora estão gramaticalizadas (Pfau&Steinbach 2011). Meier (2002) afirma, a esse respeito, que as línguas de sinais possuem menos recursos (anatômicos) para marcadores gramaticais do que as línguas faladas. Essa é a razão pela qual as línguas de sinais parecem mais “uniformes” e são mais semelhantes entre si.

**Palavras-chave:** Libras, orações subordinadas, gramaticalização

## RECURSIVIDADE EM LIBRAS: UMA DESCRIÇÃO DE MARCADORES IDENTIFICADOS EM NARRATIVAS DE SURDOS DE REFERÊNCIA

Amanda Oliveira Rocha  
amanda.rocha@ufrgs.br  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Podemos afirmar que a propriedade que diferencia o sistema linguístico humano das outras formas de comunicação de espécies não humanas é a recursividade. Apesar de já termos estudos sobre a manifestação deste recurso sintático em línguas orais (Chomsky, 1965; Jackendoff e Pinker, 2005; Everett, 2009; Nevins, Pesetsky e Rodrigues, 2009), nas línguas de sinais, principalmente em Libras, há ainda um campo pouco explorado e carente de descrição de manifestação e marcadores. Dessa forma, buscou-se a investigação do uso de estruturas oracionais recursivas em narrativas em Libras, tendo como base de dados o *corpus* nacional de Libras (<http://www.corpuslibras.ufsc.br/>). Do *corpus* foram analisadas três narrativas sinalizadas de surdos de referência a partir de um curta metragem de estímulo. Como critérios para seleção dos participantes foram considerados: ser surdo de referência, residente nas regiões sul ou sudeste do Brasil, ter adquirido Libras até os quinze anos, apresentar formação superior completa e ter o mesmo vídeo de estímulo para a produção da narrativa sinalizada em Libras. Com o uso do software ELAN, foram realizadas anotação, transcrição e análise de dados, possibilitando a identificação e registro dos marcadores recursivos, manuais e não manuais. Na análise foi possível perceber que a recursividade pode se manifestar das seguintes formas: de forma manual, com produção de elementos sinalizados pelas duas mãos de forma simultânea, indicando sobreposição gramatical manual; de forma manual e não manual simultaneamente, tendo sinais e expressões faciais e corporais como elementos na oração encaixada. Foram identificados sinais manuais que parecem exercer papel sintático recursivo como *porque, igual, se*. Ainda, assim como já apontado em outros estudos de línguas de sinais (Bahan, 1996; Tang e Lau, 2012; Figueiredo e Lourenço, 2019; Hauser, 2019; Bross, 2020), expressões faciais e corporais identificadas exercem papel sintático e, como possíveis marcadores de recursividade percebeu-se: *inclinação de tronco (para frente ou para trás); elevação de tronco; incorporação de personagem; movimento de cabeça; direcionamento de olhar; elevação ou contração de sobrancelhas; contração de olhos; movimento de boca ou lábios e elevação de queixo*. Apesar de os marcadores não manuais terem mais ocorrências, a análise aponta que todos os marcadores exerceram papel de encaixamento nas construções sinalizadas, indicando a existência da função sintática recursiva na Libras. Para melhor descrição dos marcadores recursivos em Libras, é importante a análise de outros gêneros sinalizados.

**Palavras-chave:** Libras, recursividade, simultaneidade, marcadores manuais, marcadores não manuais

## ORDENAÇÃO DAS ORAÇÕES ADVERBIAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

*Angelica Rodrigues*  
*angelica.rodrigues@unesp.br*  
*Universidade Estadual Paulista*

*Felipe Aleixo*  
*felipealeixo@gmail.com*  
*Universidade Federal de Roraima*

*Juarez Domingos Crescêncio Neto*  
*juarez.domingos@unesp.br*  
*PG - Universidade Estadual Paulista*

O objetivo deste trabalho é analisar a ordenação das orações adverbiais, especificamente as orações temporais e condicionais, na Língua Brasileira de Sinais – libras, tendo em vista suas funções semântico-pragmáticas. Estudos prévios (CHAFE, 1984; NEVES et al., 2008; NEVES, 2011) mostram que, nas línguas orais, a ordenação das orações adverbiais está associada à expressão de valores semântico-pragmáticos que podem ser analisados tendo em vista a organização funcional da sentença ou a sua estrutura informacional. Trabalhos que tratam das orações adverbiais em diferentes línguas de sinais do mundo (PFAU, 2016; LIDDELL, 1980; DACHKOVSKY, 2005; 2008; SUTTON-SPENCE; WOLL, 1999; JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007; LACKNER, 2013) descrevem que parece haver uma ordem fixa para a sua ordenação, sem, no entanto, associar sua expressão a funções discursivas. Pfau (2016), por exemplo, atesta que as orações temporais e condicionais em ASL (Língua de Sinais Americana), DGS (Língua de Sinais Alemã), VGT (Língua de Sinais Flamenga), NGT (Língua de Sinais Holandesa) e LIS (Língua de Sinais Italiana) são sempre antepostas. Segundo o autor, a alteração da ordem dessas sentenças geraria sentenças agramaticais. Contrariamente ao que é descrito para essas línguas de sinais, nossos dados apontam que, na libras, a anteposição é a ordem preferencial para as orações temporais e condicionais, mas identificamos também casos de posposição, sendo que a ordenação dos dois tipos de orações está ligada à expressão de valores semântico-pragmáticos específicos. Nesse caso, a posposição de orações condicionais em libras, fato não atestado em outras línguas de sinais, assim como sua anteposição são uma importante evidência de nossa pesquisa em relação à descrição de tipos semânticos de orações condicionais, como previsto em Sweetser (1990) e Dancygier (2003). No que diz respeito às temporais, a anteposição está associada à função de criar um pano de fundo, uma orientação temporal, e a posposição a uma função de adendo, consoante com a proposta de Neves (2011). Nossos dados são coletados a partir de do Corpus de Libras, da UFSC, e estão anotados no ELAN, o que nos permite a análise tanto dos sinais manuais quanto dos marcadores não manuais, que têm papel fundamental na análise das orações complexas nas línguas de sinais (TANG; LAU, 2012). Nossa amostra está constituída de 210 dados de orações temporais e 64 de orações condicionais; todas as ocorrências foram analisadas à luz de critérios semânticos e morfossintáticos, operacionalizados no Excel.

**Palavras-chave:** orações adverbiais, ordenação de orações, Língua Brasileira de Sinais

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE AS ORAÇÕES ADVERBIAIS TEMPORAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

*Bruno Gonçalves Carneiro*  
*brunocarneiro@uft.edu.br*  
*Universidade Federal do Tocantins*

*Carlos Roberto Ludwig*  
*carlosletras@uft.edu.br*  
*Universidade Federal do Tocantins*

*José Ishac Brandão El Khouri*  
*jose.brandao@uft.edu.br*  
*Universidade Federal do Tocantins*

*Thamara Cristina Santos*  
*thamara.cristina@uft.edu.br*  
*Universidade Federal do Tocantins*

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas considerações sobre as estratégias de articulação de orações na língua brasileira de sinais, quando essa articulação acontece a nível de hipotaxe adverbial temporal. De acordo com Carvalho (2004), todas as línguas possuem estratégias para articular orações simples e formar orações complexas, gerando um novo significado que será diferente da simples união entre as partes. Para Neves (2001), essas relações são amplas, envolvem a integração de componentes sintático, semântico e pragmático e emergem a partir da proposição do falante durante o enunciado. Isso faz com que apareçam diferentes possibilidades de conexão entre um elemento oracional primário e um secundário, de forma que precisamos extrapolar o campo sintático e das conjunções e ir para o campo semântico e das conceptualizações para entendermos essas relações. De acordo com Quer *et al* (2017), devido à modalidade das línguas de sinais, as marcações não manuais parecem desempenhar um papel importante nas articulações de orações, com funções tanto morfossintáticas quanto prosódicas. Para Tang e Lau (2012), há poucos relatos de uso de conjunções em línguas de sinais para articular orações, sendo a justaposição uma estratégia recorrente. Para os autores, estratégias específicas da modalidade gestual-visual seriam (i) o uso alternado dos articuladores manuais, em que cada oração é articulado em uma das mãos, (ii) o deslocamento do corpo e (iii) o aceno de cabeça. Pfau e Stainbach (2016) mencionam ainda (iv) a manutenção da mão não dominante em suspensão. Os dados aqui apresentados são provenientes do Corpus da Libras e de vídeos sinalizados disponíveis nas redes sociais, que são analisados a partir de uma perspectiva funcionalista da linguagem (HALLIDAY, 1985; LIMA, 2002; NEVES, 2001; LEHMANN, 1988). Durante a análise, estivemos atentos às proposições que denotam eventos, ações e estados (GIVÓN 1989; 2001). Neste caso, todos os sinais das classes abertas podem funcionar como predicados verbais (ZESHAN, 2003a), como em SINAL (dar sinal). Ressaltamos que os sinais que expressam a ideia de estado, como em IMPORTANTE (ser importante),

DIFÍCIL (ser difícil) e SURDO (ser surdo), foram entendidos como verbos e considerados na análise. Os verbos descritivos (LIDDELL, 2003; ZESHAN, 2003b) e a incorporação de referentes (PADDEEN, 1990; MEIER, 1990) também foram contemplados na análise. Nas relações a nível de hipotaxe, as orações secundárias funcionam como um adjunto da oração primária e correspondem às orações adjetivas explicativas (relativas não restritivas) e às orações adverbiais. Sobre as construções hipotáticas adverbiais temporais, Lima (2002) estabelece que tais sentenças situam um conjunto de eventos em algum lugar na linha do tempo. Nesse sentido, o sinalizante marca temporalmente um acontecimento da oração nuclear em relação a um evento da oração dependente, que pode ser simultânea ou não-simultânea. Em nossos dados, observamos a manutenção da mão não dominante em suspensão (bóia) como uma estratégia de marcar uma relação temporal simultânea, criando uma espécie de cenário de fundo, enquanto o sinalizante segue o discurso com a mão dominante. Nos casos de hipotaxe temporal não-simultânea, observamos as estratégias de justaposição de orações, e o uso da conjunção não manual que intitulamos de *mouthing JÁ + aceno de cabeça*. Durante a articulação, o sinal manual permanece em suspensão enquanto há o movimento de cabeça e de boca característicos. Esta conjunção articula orações adverbiais temporais não simultâneas, especificamente eventos futuros, que também podem ser interpretados como adverbiais condicionais. Por isso, sugerimos que a conjunção *mouthing JÁ + aceno de cabeça* seja considerada uma estratégia de marcar uma relação de eventos *irrealis* (HAAN, 2011) por abranger esses dois significados.

**Palavras-chave:** articulação de orações, hipotaxe, oração adverbial temporal, libras

## DESCRIÇÃO DE LÍNGUA EM USO: PROCESSOS DE COORDENAÇÃO EM LIBRAS

*Ronice Müller de Quadros*  
*ronice.quadros@ufsc.br*

*Universidade Federal de Santa Catarina*

*Jair Barbosa da Silva*  
*jair.silva@fale.ufal.br*

*Universidade Federal de Alagoas*

*Rodrigo Nogueira Machado*  
*roflam@delles.ufc.br*

*Universidade Federal do Ceará*

*Miriam Royer*  
*miriam15royer@gmail.com*

*Universidade Federal de Santa Catarina*



As línguas de sinais são expressas por meio de movimentos corporais; mãos que se movem no espaço na frente do sinalizante, com configurações de mãos específicas; movimentos rotacionais do tronco e expressões faciais. Todos esses elementos estão plenamente preenchidos com funções gramaticais e pragmáticas, desde o nível fonológico até o discursivo. Do ponto de vista sintático, principalmente da sintaxe das sentenças, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) possui algumas descrições (como Quadros 1995, 1999, 2019; Quadros e Karnopp 2004; Pizzio 2006; Royer 2019); entretanto, ainda há uma carência de investigações acerca do comportamento de sentenças coordenadas nessa língua. À semelhança do que acontece em outras línguas de sinais (cf. Tang e Lau (2012) e Zorzi (2018)), em Libras, estruturas coordenadas são organizadas por justaposição, sem a presença de conectivos, ou por meio de conectores do tipo MAS, OU (ou), É (é) (com valor POR-ISSO (esse motivo)), TAMBÉM (também), entre outras possibilidades. Do ponto de vista funcional, as marcas de coordenação em Libras podem aparecer com conectivos manuais (sinal) ou apenas com marcas não manuais. Para ambos os casos, são encontradas na Libras três tipos básicos de coordenação: conjuntiva, disjuntiva e adversativa. O objetivo deste trabalho é descrever os processos de coordenação em Libras a partir de dados da língua em uso, retirados do Corpus de Libras (<http://www.corpuslibras.ufsc.br>). Foram utilizadas entrevistas de cinco surdos do Projeto Surdos de Referência/UFSC, sendo duas surdas nativas. Todos os informantes têm curso superior e são referências em suas comunidades de fala. Para fins de anotação, usou-se o software ELAN, por meio do qual fez-se a segmentação das unidades sintáticas. A análise dos dados mostra o vasto número de estratégias que os sinalizantes usam para coordenar sentenças, especialmente o uso de marcações não manuais, que estão presentes em estruturas conjuntivas e disjuntiva e adversativas, com marcas manuais e com marcação não manual. Neste caso, os recursos prosódicos, a exemplo da pausa, são fundamentais para o estabelecendo fronteiras prosódicas e limites de cláusulas (cf. Herrmann 2010; Zorzi 2018), enquanto em orações coordenadas adversativas com o elemento gramatical marcado, do tipo MAS, são uma estratégia recorrente na Libras, realidade também observada de maneira semelhante em outras linguagens como ASL, BSL, FinSL ou Auslan com o conectivo BUT. Além disso, existem outras estratégias para coordenar sentenças, tais como a mudança de papéis (role shift), uso de boia com listagem de sentenças (Coord-List).

**Palavras-chave:** Libras, Corpus de Libras, processos de coordenação



*Grupo de Pesquisa CCO  
Conectivos e Conexão de Orações*

*Acesse nossa blogue  
[cco.sites.uff.br](http://cco.sites.uff.br)*

*Entre em contato conosco  
[uff.cco@gmail.com](mailto:uff.cco@gmail.com)*

**Agradecemos sua participação**